

UFRRJ

INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**EQUOTERAPIA EDUCACIONAL: UM APORTE COLABORATIVO NA
INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NA ESCOLA**

FRANCELINA DE QUEIROZ FELIPE DA CRUZ

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EQUOTERAPIA EDUCACIONAL: UM APORTE COLABORATIVO NA
INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NA ESCOLA.**

FRANCELINA DE QUEIROZ FELIPE DA CRUZ

*Sob a orientação do Professor
Dr. José Ricardo da Silva Ramos*

Dissertação submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências, no Programa de
Pós-Graduação em Educação Agrícola,
Área de concentração em Educação e
Gestão.

Seropédica, RJ.
Outubro de 2016.

371.9

C957e

T

Cruz, Francelina de Queiroz Felipe da, 1976-
Equoterapia educacional: um apporte
colaborativo na inclusão da criança com
transtorno do espectro autista na escola /
Francelina de Queiroz Felipe da Cruz - 2016.
119 f.: il.

Orientador: José Ricardo da Silva Ramos.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola.
Bibliografia: f. 73-78.

1. Educação especial - Teses. 2. Educação
inclusiva - Teses. 3. Autismo - Teses. 4.
Ensino agrícola - Teses. I. Ramos, José
Ricardo da Silva, 1962-. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola. III.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

FRANCELINA DE QUEIROZ FELIPE DA CRUZ

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, área de concentração em Educação e Gestão.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 11/10/2016.

**Profº. Drº. José Ricardo da Silva Ramos
ORIENTADOR - UFRRJ**

**Profª. Drª. Valéria Marques de Oliveira
UFRRJ**

**Prof. Dr. Alexandre Luiz G. de Rezende
UnB**

DEDICATÓRIA

*Às minhas meninas Ana Letícia e Maria Clara
inspiração para viver e acreditar que é
possível uma educação inclusiva mais humana
e de excelência. Ao meu esposo Ricardo
Andrade pela parceria e fidelidade, à minha
amada Mãe Marlene, às irmãs Rute e Regina
Célia.*

AGRADECIMENTOS

“Como agradecer a Jesus o que fez por mim?” De todos os desejos, de todas as conquistas não há nada melhor do que o sabor da gratidão. É com esse sentimento de completude de alma que a conquista desse trabalho, torna-se um sonho almejado pelos meus pais e que hoje tenho o prazer de viver. Tudo isso só foi possível pela doce, poderosa e inigualável presença de Deus em todos os meus dias sendo amigo e companheiro, consolo e abrigo. Minhas primícias de gratidão é a ELE sim, o meu grande doador de sonhos.

Para a realização desse sonho recebi de presente um orientador, Dr. José Ricardo da Silva Ramos, o qual sou eternamente grata, pela sua indiscutível persistência em fazer uma educação com significado no outro, a servir de fato o outro, com isso tornou-se muito mais que uma fonte de sabedoria e inspiração, foi meu companheiro em todos as dificuldades, lutas, conquistas de cada trabalho apresentado e mais ainda no privilégio em participar da organização e fundação do Centro de Formação Interdisciplinar em Equoterapia. Tudo começou com uma mão estendida quando eu, mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), caminhava sem rumo em busca de uma Prática Educacional Escolarizada depois de tantas buscas e quase desesperança, foi quando o conheci no ano de 2013 como projeto experimental de Equoterapia no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho que já estava quase no fim do experimento.

Juntos, querido orientador você trouxe nova razão de viver em nossa casa, resgatando o sorriso em nossas reuniões familiares e todos em nossos assuntos, Equoterapia e o universo do cavalo, passaram a fazer parte do nosso cotidiano ao longo de cada sessão terapêutica semanal oportunizando novas aprendizagem e descobertas. Obrigada querido Orientador por compartilhar e partilhar um pouco de você ao longo desse caminho com muita humildade e parceria.

Foi a partir daí que nasceram outros mais projetos de Terapia Assistida com Animais. Como foi bom ter uma legião de profissionais a nosso favor para, sobretudo auxiliar no progresso da socialização relacional como um todo de nossa Maria. Quanto a isso, tenho enorme gratidão pelas professoras amigas que compõem o projeto e que fazem do grupo de Equoterapia uma grande escola do saber, são elas Prof.^a Valéria Marques – Departamento Psicologia da UFRRJ e Prof.^a Flávia de Jesus – Departamento de Zootecnia da UFRRJ.

Ao meu querido esposo, Ricardo Andrade da Cruz, pelo incentivo, apoio, orações e amor incondicional mesmo com minhas ausências e pouca atenção. Você é o melhor de Deus em minha vida.

Às minhas filhas, Ana Letícia e Maria Clara, por serem verdadeiros agentes de luz dando-me a fonte de encarar o dia seguinte com fé e esperança. Vida minha, amores meus, obrigada por tornar-me uma mãe melhor com o privilégio diário da companhia de vocês. E se anjos tem cores, os meus são azuis!

Às minhas irmãs, Rute e Regina, pela força e sustentação significativa.

À minha mãe, Marlene, que superou o quase insuperável para hoje, viva, celebrar a vida e essa vitória que é totalmente também sua.

Se Deus foi indispensável nessa conquista, quero aqui registrar na caminhada os verdadeiros anjos amigos que tive e que agora se tornam parte da minha galeria de pessoas mais que especiais, meus fiéis e companheiros para todas as horas Marize Sampaio, Ellen Cristine e Renan Arjona, vocês foram mais que amigos e no momento da dor e enfermidade de minha mãe, tornaram meus irmãos, “agradecida viu”.

A todos os colegas de Mestrado da turma 2014-2 DS pelos animados e célebres momentos de descontração durante nossas aulas.

Ao PPGEA que oportunizou alcançar a tão sonhada formação possibilitando conhecimentos que alargaram fronteiras por parte do Brasil.

A equipe do PPGEA que tornaram meus dias mais alegres, saborosos e marcantes Kelly Cristina, Luiz, Cristininha, Marcos, Serginho, Cícero e aos Professores Dr. Gabriel de Araújo Santos, Dr^a Rosa Cristina e Dr. João Batista.

Aos colegas e companheiros do Projeto de Equoterapia Educacional que fazem desse projeto uma interlocução de saberes e nos brinda com esforço, doçura e garra a cada dia.

A Prof.^a Carmen Frade, Diretora Geral do CAIC Paulo Dacorso Filho, pela excelente gestão e parceria na existência do projeto de Equoterapia e a oportunidade de pesquisar sobre tal tema em sua unidade escolar dando-nos conhecimento e suporte educativo para a compreensão diária do fazer educacional inclusivo e humanizado.

Aos pais e familiares das crianças com TEA que fazem parte do projeto de Equoterapia que me oportunizaram conhecer um pouco de suas realidades na luta por um atendimento educacional escolarizado mostrando que a parceria escola e família muito podem contribuir para o êxito da aprendizagem de todos os agentes educativos.

E a todos aqueles que participaram voluntariamente e que contribuíram de alguma forma para a realização de todas as etapas desse estudo e concretização desse sonho, meu MUITO OBRIGADO.

Aprenda a gostar, mas gostar mesmo, das coisas que deve fazer e das pessoas que o cercam. Em pouco tempo descobrirá que a vida é muito boa e que você é uma pessoa querida por todos. (RUBEM ALVES, 1996).

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeita à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (FREIRE, 1996, p. 67).

RESUMO

CRUZ, Francelina de Queiroz Felipe Da. **Equoterapia Educacional: Um Aporte Colaborativo na Inclusão da Criança com Transtorno do Espectro Autista na Escola.** 2016. 119p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

Esta pesquisa teve como objetivo central identificar e analisar as contribuições da Equoterapia na inclusão e escolarização do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo a atuação dessa prática como um Atendimento Educacional Especializado gerou possibilidades colaborativas para realização de outras estratégias de significação de escolarização de um aluno com TEA no interior de uma escola. Neste sentido, os estudos aqui elencados nos sugerem uma reflexão a cerca das práticas educativas inclusivas, por meio colaborativo, na escola. Para a aplicação do estudo realizamos uma abordagem qualitativa, sob o olhar reflexivo do referencial teórico e metodológico dialógico da perspectiva inclusiva a partir do encontro de regularidades nos discursos dos agentes pedagógicos da pesquisa que trataram de produzir o sentido de suporte do outro no processo de escolarizar um aluno autista. Desta forma, o caminho percorrido para as coletas de dados perpassaram pela observação das sessões de equoterapia na escola, entrevistas semiestruturadas, análises de relatórios pedagógicos das atividades educativas intraclasse, laudos e anamneses clínicas do aluno com TEA, objeto do estudo. Os principais temas abordados estão relacionados sempre a partir da interação entre o objeto da pesquisa, o cavalo, os mediadores e agentes escolares, que atuaram como mais um elemento colaborativo na construção do ensino, aprendizagem e do desenvolvimento da criança com TEA como um todo, o que trouxe à tona experiências efetivadas, na cultura escolarizada, com ações pedagógicas de inserir crianças com TEA num tipo de Equoterapia Escolar Inclusiva em que se formassem a partir da vivência coletiva com outras crianças neurotípicas nos diferentes tempos e espaços da escola. Descrevendo finalmente o caminho percorrido no processo de inclusão da criança com TEA no espaço educativo da escola Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho identificando seus avanços e ou retrocessos comportamentais, afetivos e significativos dessas crianças, rompendo com as perspectivas conservadoras baseadas na limitação de aprendizagem, sendo aos poucos desfeitas nas interações. Favorecendo a superação para a expectativa transformadora da aprendizagem desvendando novos saberes e práticos educativos, trazendo novos significados pedagógicos.

Palavras-chave: Inclusão, Autismo, Prática Colaborativa, Equoterapia.

ABSTRACT

CRUZ, Felipe de Queiroz Francelina of. **The Educational Hippotherapy as Collaborative proposal Inclusion in the School of children with Autism Spectrum Disorder in Comprehensive Care Center for Children.** 2016. 119p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

This research was to study to identify and analyze the contributions of hippotherapy Education, in schools, inclusion and development of students with Autism Spectrum Disorder, and the performance of this practice as an educational Specialized care in the input learning. In this sense the studies listed here to suggest a reflection about the inclusive educational practices for collaborative environment, in school Integral Care Center for Children - CAIC Paul Dacorso Son in UFRRJ. For the application of the study carried out a qualitative approach, under the reflective gaze of the theoretical and methodological framework of inclusive perspective from the Operational Guidelines for Basic Education and authors dealing with such reference action research. In this way the path for the data collection permeated by observing the hippotherapy sessions at school, semi-structured interviews, reports pedagogical analysis of educational intra-class activities, reports and clinical case histories and the student with ASD, object of study. The main topics are always related by the interaction between the research object, the horse, mediators and school agents who acted as more of a collaborative element in the construction of teaching, learning and development of the autistic child as a whole, which brought to light effect experiences in educated culture with pedagogical actions of autistic children enter a type of Therapeutic Riding school Inclusive that had formed from the collective experience with other children neurotípicas in different times and school spaces. finally describing the path in the process of inclusion of children with ASD in school educational space CAIC Paul Dacorso Son identifying its advances and or behavioral setbacks, affective and significant of these children, breaking with the conservative outlook based on limitation of learning, and gradually broken in interactions. Favoring overcome for manufacturing expectations of learning unveiling new knowledge and educational practice, bringing new pedagogical meanings.

Keywords: Inclusion, Autism, Practice Collaborative & hippotherapy.

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1** – Área externa do CAIC Paulo Dacorso Filho onde atua o Projeto Educacional de Equoterapia. Fonte: Acervo Pessoal 13
- Figura 2** – Práticas Ludopedagógicas sob o cavalo nas sessões de Equoterapia. Fonte: Acervo Pessoal 14
- Figura 3** – Atividades Pedagógicas colaborativas com crianças com TEA – CAIC/UFRRJ. Fonte: Acervo Pessoal 15
- Figura 4** – Atividades Pedagógicas transdisciplinar sob o cavalo durante as sessões de Equoterapia Educacional – CAIC/UFRRJ. Fonte: Acervo Pessoal 15
- Figura 5** – O aluno autista com sua turma regular, numa prática equoterápica. Fonte: Acervo Pessoal 23
- Figura 6** – A figura do centauro. Ser mitológico com corpo de cavalo e tronco e cabeça de ser humano que representa a interação homem/cavalo. Fonte: 24
- Figura 7** - (A e B) – As partes do corpo humano são as mesmas que as do corpo do cavalo: pernas, mãos, barriga, pescoço, bumbum, orelhas, peito, cabeça, etc. Este é um exercício psicomotriz de esquema corporal e imagem corpóres muito utilizado na Equoterapia Educacional da UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho. Imagem disponível: <http://3.bp.blogspot.com> 29
- Figura 8** – Atividades pedagógicas de alfabetização da linguagem escrita a partir das partes do corpo do cavalo. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia 30
- Figura 9** – Os cavalos e parte da equipe da Equoterapia da UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia 31
- Figura 10** – Praticantes da Equoterapia Educacional UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho numa atividade de jogo simbólico. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia 32
- Figura 11** – Desenho de um cavalo e suas regiões do corpo por um aluno da Equoterapia Inclusiva. 56

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Quadro informativo sobre alguns marcos históricos de Leis, Decretos, Portarias sobre a Educação Especial e Inclusiva. (continua).....7

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANDE	Associação Nacional de Equoterapia
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CIAC	Centro Integrado de Atenção à Criança
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSU	Conselho Universitário
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NAIRURAL	Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFRRJ
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PMS	Prefeitura Municipal de Seropédica
PRONAICA	Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SMECE	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte de Seropédica
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para as Crianças

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Familiarizando com o Tema Equoterapia e Autismo.....	1
1.2. Uma Possibilidade Inclusiva nas Práticas Escolares.....	2
2. FUNDAMENTAÇÃO INCLUSIVA: TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL AO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA ESCOLA	5
2.1. Educação Especial e Inclusiva: breve trajetória mundial e contribuições na perspectiva histórico-cultural na educação brasileira	5
2.2. A Educação Inclusiva no Município de Seropédica: Desafios e Perspectivas.....	9
2.3. O CAIC Paulo Dacorso Filho e os Desafios da Inclusão Escolar: Uma reflexão na abordagem cotidiana metodológica da criança com TEA.	11
2.4. O Projeto de Equoterapia no CAIC Paulo Dacorso Filho: O nascer de uma proposta colaborativa na Inclusão da criança com TEA.	12
3. CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	16
3.1. Autismo: Classificação e Caracterização.....	16
3.2. Equoterapia e seus Fundamentos Básicos: a metodologia equoterápica nas atividades colaborativas.	18
3.3. A Equoterapia Educacional: Uma abordagem colaborativa na mediação da aprendizagem utilizando o cavalo na escola CAIC Paulo Dacorso Filho.....	23
3.4. Autismo e Equoterapia: A interlocução com o cavalo no contexto da aprendizagem inclusiva da criança com TEA.	31
4. O PERCURSO METODOLÓGICO DO COTIDIANO DA PESQUISA	36
4.1. A Equoterapia Educacional: o percurso inclusivo do educando ‘Felipe’.....	36
4.2. Práticas reinventivas na escola com o diálogo recíproco na aprendizagem.....	37
4.3. ‘Felipe’ – A compreensão e a constituição de si e em si no contexto dos diferentes espaços da aprendizagem.....	39
4.4. Os múltiplos olhares sobre o ‘Felipe’: uma reflexão para além do TEA.....	42
4.5. Equoterapia e a Intercessão de Saberes com a Escola.....	46
5. EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA FAVORECENDO A ESCOLARIZAÇÃO E A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA.....	49
6. DISCUSSÕES E DECORRÊNCIA EQUOTERÁPICAS: A POSSIBILIDADE DA EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA	58
6.1. Aspectos do Percurso de escolarização da criança com TEA com a Equoterapia	58
6.2. A Equoterapia como Prática Inclusiva do Sujeito com TEA:	61
6.3. A Equoterapia Educacional e suas Heterogeneidades na Prática Escolar.	69
7. CONCLUSÃO	71
8. REFERÊNCIAS	73
9. ANEXOS	79
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética I	80
ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética II	81
ANEXO C – Roteiro de Planejamento das Sessões de Equoterapia.....	82

ANEXO D – Relatório Diário do Projeto de Equoterapia	84
ANEXO E – Roteiro para Elaboração de Relatório	85
ANEXO F – Termo de Responsabilidade e Autorizações	86
ANEXO G – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Orientador Educacional	88
ANEXO H – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Professor Regente I	90
ANEXO I – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Professor Regente II	92
ANEXO J – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Responsável pelo Aluno.....	94
ANEXO K – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Dirigente Escolar	96
ANEXO L – Roteiro de Entrevista do Anedotário de Campo	98
ANEXO M – Ficha de Acompanhamento Pedagógico do Aluno	99
ANEXO N – Relatório Pedagógico Evolutivo da Professora	101
ANEXO O – Produção do Aluno	102
ANEXO P – Laudo Neurológico.....	103
ANEXO Q – Laudo Fonoaudiológico	104
ANEXO R – Relatório Fonoaudiológico Evolutivo	105
ANEXO S – Relatório Psicopedagógico	106
ANEXO T – Registro Fotográfico da I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015.	107
ANEXO U – Cartaz do III Festival de Equoterapia UFRRJ	111
ANEXO V – Folder do III Festival de Equoterapia UFRRJ	112
ANEXO W – Cartaz do IV Festival de Equoterapia UFRRJ	114
ANEXO X – Atividade de Integração da Equoterapia	115
ANEXO AA – Plano de Aula	117

1. INTRODUÇÃO

[...] temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize.
(BOAVENTURA, 1998).

1.1. Familiarizando com o Tema Equoterapia e Autismo

As constantes transformações sociais em que perpassam os sujeitos sociais bem como suas relações com o ensino/aprendizagem nos direcionam a uma reflexão mais apurada acerca da constituição da escola e seu papel formador na vida de cada ser social. Dentro dessa perspectiva observamos que o aumento considerável da diversidade de sujeitos com necessidades educacionais especiais, suas novas formas de se relacionar com o mundo e ao mesmo tempo a inserção cada vez mais precoce no contexto escolar tem despertado inúmeras discussões, debates e pesquisas a respeito desses indivíduos e suas dimensões no processo de escolarização¹.

Essa dimensão que por um lado nos apresenta por meio de uma complexa tensão entre as garantias legais de escolarização de crianças especiais e, por outro também nos mostra a realidade cotidiana das unidades escolares com profundas lacunas em seus processos educativos que perpassa desde a ausência de infraestrutura até a inacessibilidade pedagógica com a ausência de ações desafiadoras e propostas reinventivas entre seus profissionais.

Dentro desse contexto conservador (contudo desafiador) da educação inclusiva, o meu interesse em pesquisar a temática inclusiva do aluno especial, nasce de uma profunda inquietação e de possíveis buscas de caminhos (tortuosos labirínticos), para a inclusão escolar, primeiro, de minha filha, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA)².

Um processo sinuoso que se apresentou na frustração de mãe, com certa dose de ‘benevolência’ escolar para mais uma ‘criança especial’ da rede pública de ensino. Mas, o caminho que fiz (e faço) na luta centrada na legitimidade de uma criança que apesar de sua especificidade comportamental, faz jus a todos os direitos sociais de uma cidadã foi o divisor de águas para uma profunda reflexão e busca por originais caminhos educativos.

Tive uma necessidade latente de rever minhas práticas educativas e isso só foi possível quando me deparei com algumas portas de escolas que se fecharam para minha filha ou até aquelas que nos acolheriam sem quaisquer perspectivas de uma emancipação educacional, com o conservador discurso: ‘não temos atividades educativas especializadas e profissionais que atuassem nessa área do autismo’.

Esse foram alguns dos discursos que tive que vivenciar. São palavras que as mães de crianças autistas recebem, e com muita dor são sorvidas sem nenhuma digestão. Porém, a tristeza e a decepção momentânea passaram aos poucos a dar lugar à força, estímulo e a superação diária das provocações que me fizeram revisitar meus até então ‘conceitos rígidos e classificatórios’. Muitos desses preconceitos foram vividos na minha experiência profissional na rede municipal de ensino de Seropédica/RJ, ora como docente mediadora de da linguagem brasileira de sinais, a LIBRAS, ora como gestora da Associação de Pais da Criança

¹Acreditamos que o valor atribuído ao processo de escolarização, historicamente não nos revela uma etapa seriada da vida do aluno. A escolarização nos revela um processo continuo e permanente de coautoria de ensino/aprendizagem que dura, como diz Paulo Freire (1981), a vida inteira.

² Neste texto serão utilizadas as expressões pessoa/criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou criança autista como sinônimos, embora estejam conscientes da discussão sobre a escolha dos termos.

Excepcional (APAE). E, assim, eu fui buscar outros caminhos de uma possível e real educação inclusiva que peregrinasse dentro de uma autonomia e emancipação social, para mim e para minha filha.

Esse caminho fez surgir parte desse trabalho que apresentamos como possível análise/proposição para um estudo significativo sobre a inclusão escolar da criança com TEA e suas ações referentes à escolarização, com a locação colaborativa de cavalos dentro de uma escola de base agrária. Os ensaios iniciais me revelavam uma forte sedução pelos cavalos e o interesse de participar do mundo das crianças autistas, mas, ao mesmo tempo, o desejo de compreender essas relações: crianças especiais/cavalos/escola. As atividades crianças especiais/cavalos/escola vieram, então a ocupar o lugar da pesquisa, cuja função se prolongou num estudo de mestrado em Educação Agrícola.

Foi desse modo, que já estava dentro de um Projeto de Extensão em Equoterapia, em que cavalos, mediadores, professores passaram a assistir minha filha. Uma prática que acontecia como um tipo de Atendimento Educacional Especializado (AEE) dentro de uma escola dentro de uma universidade rural: o Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente (CAIC) – Paulo Dacorso Filho. Percebi que a forma como a Equoterapia era concebida e se estruturava nas atividades de escolarização das crianças especiais apontavam para uma atitude de produção de saberes escolares, de colaboração entre os agentes escolares. Um espaço criativo, aberto, rico em liberdade, do riso e brincadeiras infantis e cantadas no pátio da escola, sem determinantes curriculares, sem limites para propostas reinventadas. As atividades das crianças nos cavalos, em sua grande parte, produziram nas crianças e na minha filha, um sentido de querer a escola, permanecer na escola; estabelecendo uma relação mais bidimensional, lúdica e diferente com a escola, uma relação dinâmica, polissêmica e inclusiva.

O Projeto inicial foi se estendendo com vias de novos projetos agregando ao primeiro que o fez basilar. Dessa conquista, uma possibilidade de portas abertas para atuar não apenas como mãe acompanhante, mas como colaboradora-pesquisadora sobre o tema que adentrou em minha vida, que passa por mim com as interlocuções dos saberes oriundos dos diversos modos de viver com a minha família.

Essas interlocuções me fizeram refletir sobre as condições de inclusão da criança autista no espaço escolar, e sobre as representações ‘conservadoras e emancipadoras’ que temos a respeito do aluno com TEA. Percebi a importância dos cavalos enquanto atividade colaborativa da escola, e, que as possibilidades de se trabalhar com cavalos no espaço escolar são reais e inventivas e que podem muito bem articular as estratégias criativas do professor na elaboração do planejamento inclusivo.

Assim, essa pesquisa tem o objetivo de compreender como a Equoterapia Educacional participa do processo de escolarização de uma criança com TEA. Esse trabalho investiga como as atividades equoterápicas produzem sentidos vinculados ao cotidiano escolar de uma criança autista. Como as ações educacionais da Equoterapia, nos produzidos diversos modos pedagógicos entre os agentes escolares, incluindo cavalos que afetam os discursos desses agentes, suas atividades pedagógicas e outros discursos que legitimam as estratégias voltadas para a ação efetiva de um tipo de Equoterapia desenvolvida no espaço de uma escola.

1.2. Uma Possibilidade Inclusiva nas Práticas Escolares

Nosso trabalho percorreu em analisar as contribuições das práticas educacionais construídas no âmbito da intervenção equoterápica escolar que possibilitem um processo educativo inclusivo da criança com autismo nas classes regulares da educação básica, desconstruindo a ideia do autismo reduzida às práticas de intervenções terapêuticas e clínicas. Sendo assim, olhar a criança com autismo em uma sala de aula regular tendo como suporte

colaborativo as intervenções de Equoterapia, desvendou-nos um caminho a percorrer onde as diferentes abordagens educativas atreladas às práticas intraclasse estavam contribuindo para o sucesso e a permanência da criança autista na escola.

Desta forma, no primeiro capítulo buscamos descrever o percurso histórico da educação especial e inclusiva no Brasil tendo suas referências a partir dos marcos mundiais para tal modalidade de ensino e seus e contribuições na perspectiva histórico-cultural na educação nacional.

Assim, buscamos descrever um breve histórico da Educação Inclusiva no Município de Seropédica e seu desdobramento nas escolas locais e de maneira mais específica na Unidade Escolar CAIC Paulo Dacorso Filho, onde se deu a nossa pesquisa, refletindo sobre os desafios da inclusão em uma escola de horário integral.

A partir desse lócus nossa pesquisa se desloca para o Projeto de Equoterapia Educacional que atua em parceira com as atividades docentes da escola sem rescindir com o estudo da particularidade individual de cada aluno incluso.

Desta maneira, nosso interesse em pesquisar o percurso de uma criança com TEA, que é aluno da escola em horário integral e que faz parte do projeto, para assim descrevermos e colaborarmos com o processo de inclusão no ensino regular comum e pelos desafios, dificuldades e limitações destacando os conflitos vividos pela escola na elaboração de uma prática pedagógica dialógica e sócio-interacionista. Práticas que promovesse o olhar para as possibilidades e os processos de sentido/significação com o aluno, sujeito da nossa pesquisa; já que o projeto equoterápico, ao longo do tempo passou a atuar como um Atendimento Educacional Escolarizado circulando sentidos dos cavalos como elos afetivos que orientou o processo colaborativo da escola.

No segundo capítulo apresentamos brevemente as diferentes concepções de autismo destacando a escolarização da criança com autismo no contexto da cultura escolarizada partindo do período de sua exclusão e ou fracasso escolar no ensino comum até a busca pela inclusão por meio da proposta colaborativa de aprendizagem.

Busca-se, desse modo, descrever esse percurso as contribuições perspectiva histórico-cultural das relações estabelecidas nas interações interpessoais, considerando o papel do outro e de todos os agentes colaborativos que fundamentam nosso campo de atuação – a Prática da Equoterapia Educacional. Nesse sentido buscamos tratar da trajetória da equoterapia e seus fundamentos básicos e estabelecer as contribuições dessa prática para a aprendizagem da criança autista.

Ao longo desta dissertação buscamos identificar e analisar as contribuições decorrentes da abordagem metodológica baseada no estudo de caso. Deste modo, delineamos o processo de inserção na coleta de dados, dando ênfase nos relatos de experiências e relatórios avaliativos entre os envolvidos na pesquisa, professores, mediadores, diretora, supervisão educacional, família e ainda nas passagens da prática pedagógica desenvolvida no projeto e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento da criança autista, objeto da pesquisa.

Como conclusão, apresentamos as considerações sobre a evolução da criança com TEA, ao longo do período pesquisa, em relação à inclusão e seu percurso de aprendizagem escolar, apontando por meio da análise de dados os avanços/retrocessos em um movimento não linear em sua aprendizagem como um todo. E indicar no que o trabalho da prática equoterápica educacional colaborativa na escola pode proporcionar de avanços no desenvolvimento biopsicossocial na sistematização e do êxito da aprendizagem da cultura escolarizada do sujeito na escola.

Acredito, assim, que este trabalho possa contribuir com as discussões da apropriação do ensino-aprendizagem pela criança autista e sua inclusão trazendo nova significação pedagógica em que cavalos, gentes e todos os seres que tem fôlego precisam ser explicados de

acordo com sua inserção concreta na cultura escolar. Isso nos permitiu a reconstrução e reorientação de uma nova semântica escolar capaz de contribuir para a inclusão e a autonomia da criança com o TEA que pode se desenvolver integralmente, participar do cotidiano da escola e viver com autonomia social.

2. FUNDAMENTAÇÃO INCLUSIVA: TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL AO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA ESCOLA.

2.1. Educação Especial e Inclusiva: breve trajetória mundial e contribuições na perspectiva histórico-cultural na educação brasileira.

Desde os primórdios da humanidade, um dos maiores desafios entre os homens tem sido a maneira em que os grupos sociais distintos se relacionam. Nesse conjunto de indivíduos que se estabelecem em “teias de significados formando assim as culturas”, conforme salienta Geertz (1978), observa-se o nascer dos mais dispareys e distintos grupos sociais. E, é na gênese dessas relações sociais que alguns são identificados como ‘menos capazes’, como sujeitos especiais, quer seja pela incapacidade de sobrevivência da vida mais rudimentar no mundo hostil e, ou até mesmo aqueles que por uma ‘moléstia física ou mental’ que de certa forma ‘passam’ pelo crivo social com o ‘diferente’ ou ‘deficiente’.

É possível identificarmos quer seja justificada por representações mitológicas da antiguidade ou pelo simples fato de ser considerado ‘anormal’ ou fora dos padrões sociais desejáveis que, pessoa com deficiência ainda vive o estigma do pré-conceito e da exclusão, estando em muitos momentos à margem social, sem suportes básicos para sua convivência social e escolarização a mercê da marginalização persistente da discriminação.

Entretanto, tal situação não deve ser generalizada. Para nós, ao longo do percurso da história educacional do sujeito ‘diferente’ é possível identificarmos o quanto se avançou no debate e nas políticas públicas relativas à pessoa com deficiência e sua escolarização. Ao poucos com o avanço do processo tecnológico e as importantes transformações pelas quais passaram a civilização, sobretudo no que se refere à saúde e os adventos científicos relacionados à deficiência tornaram possíveis os atendimentos quer seja médico-terapêutico ou educativo as pessoas com deficiência.

Muito tempo se passou desde os primeiros movimentos em direção ao atendimento de pessoas com deficiências, perpassando desde o acolhimento nos lugares de clausuras até ao atendimento por instituições religiosas de caridades, porém foi no século XIX que ocorreu um dos primeiros marcos na escolarização das pessoas com deficiência com o surgimento da Educação Especial (GLAD 2011). Tal marco nasceu fruto da análise médica, após os primeiros trabalhos do criador da psiquiatria Dr. Philippe Pinel, que elencou seus estudos a partir da observação de um menino encontrado em uma floresta, com características comportamentais animalescas, chamado de Vítor – o selvagem de Aveyron, (local onde fora encontrado nos bosques da França, em 1800). Entretanto após um período de longa observação e a inserção de um possível método clínico de aprendizagem observou quase nenhum progresso clínico considerável.

Entretanto, mais tarde, Jean Marc-Gaspard Itard, discípulo de Pinel, discorda das análises de seu mestre e propõe uma nova reflexão sobre as pesquisas elencadas naquele sujeito-menino e na sua capacidade de aprender e de estar com outros já que o mesmo após o curto período de 02 anos não mais era como tinha sido encontrado conseguindo esboçar algumas letras. Desta maneira diante de uma discordância em torno de um diagnóstico inicial de pessimismo ao não aprendizado que nasce a Educação Especial.

A educação escolar não era considerada como necessária, ou mesmo possível, principalmente para aquelas com deficiências cognitivas e/ou sensoriais severas (GLAT; FERNANDES, 2005, p.37).

Muito desse percurso de uma educação que fosse inclusiva para todo o Brasil, impulsionado pelos adventos internacionais começaram a dar os primeiros passos em direção ao processo de inclusão da pessoa com deficiência, agora não mais como uma prática à parte das práticas efetivas e regulares dos atendimentos clínicos. É claro que podemos reafirmar que tais políticas foram determinantes para o encaminhamento desse processo o de um atendimento diferenciado para a pessoa deficiente. Mas, a história foi nos apresentando que esse tipo de prática médica psiquiátrica/classificatória, já não mais cabia nos espaços decididamente para os médicos como manicômios, clínicas de recuperações e intervenções médicas das décadas passadas, já que a deficiência passava por uma transição do que foi considerada uma patologia crônica com necessidades de intervenções terapêuticas e medicamentosas para uma necessidade especial de um sujeito que precisa de um suporte terapêutico ou educacional em um determinado tempo de sua vida. O que em muitos momentos levavam esses indivíduos de privações que impossibilitavam de desenvolverem suas potencialidades, seus direitos juntos ao seu grupo social.

Desta forma, o surgimento da Educação inclusiva apontou para uma nova vertente educacional a partir da Declaração de Direitos Humanos e posteriormente com a Declaração de Salamanca – fruto da Conferência Mundial sobre Educação Especial, da UNESCO na Espanha no ano de 1994, que tem como:

[...] princípio fundamental é que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade. [...] Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer apoio extra que possam precisar, para que se lhes assegure uma educação efetiva. (UNESCO, 1994, p. 8-9).

Sendo assim, pode-se considerar um percurso significativo em que a Educação Especial passou por um processo mais novo no plano educacional de Educação Inclusiva. Compreendemos que o resignificado educativo das práticas sociais, da escola e das relações construídas no bojo dessas intercessões de saberes que nos direcionou ao favorecimento da superação das ‘limitações e incapacidades’ da deficiência com uma doença crônica para a expectativa transformadora do trabalho inter/multidisciplinar, desvendando novas saberes e práticas educativas, trazendo novos significados pedagógicas com a aproximação da pessoa com deficiência na escola, da sua comunidade local, sobretudo das crianças com necessidades especiais sendo incluídas.

Efetivando a perspectiva da Educação Inclusiva e a perspectiva sócio-histórica, representada pelos estudos de Glat (2011), Vygotsky (2007) reafirmam que as nomenclaturas de pessoas com deficiência estabelecidas no passado foram substituídas por pessoas com necessidades educacionais especiais. Isso se constituiu no importante papel da mediação educacional nos processos escolares, no ensino, aprendizagem e no desenvolvimento do indivíduo com deficiência. Tal como salienta Paulo Freire (2005) sobre a educação para a transformação que a mesma é resultado de uma construção coletiva e que só é possível por meio da relação com o outro e o respeito das dificuldades encontradas nessa relação. E, que o ato de educar é muito mais que mera transmissão de conhecimento, mas transpor uma situação de descoberta, levando o educando a construção de uma cidadania e sua autonomia.

Desse modo, construímos nesse capítulo uma revisão sistemática que buscou identificar, selecionar e avaliar criticamente os decretos e leis da Educação Especial e/ou

Inclusivas. É relevante para este trabalho, o qual foi analisado por meio da pesquisa exploratória os assuntos que indicam como os princípios legais da Educação Especial são historicamente marcados na área da Educação Inclusiva.

Essa forma de estudo nos ajudou a incorporar nesse trabalho a possibilidade de avaliar a consistência e generalização das leis que regem a Educação Especial e/ou Inclusivas, bem como os decretos específicos que caracterizam o efeito das intervenções pedagógicas por meio de evidências legais para o trabalho do professor na escola. Segue abaixo o quadro informativo sobre alguns marcos históricos de Leis, Decretos, Portarias sobre a Educação Especial e Inclusiva.

Quadro 1 – Quadro informativo sobre alguns marcos históricos de Leis, Decretos, Portarias sobre a Educação Especial e Inclusiva. (continua)

Leis, Decretos e Pareceres Nacionais.	O que se propõe (parte) de cada uma deles
CF – Constituição Federal de 1988.	<p>Art. 208. Item III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino, sendo de obrigação do estado e de forma e gratuita.</p> <p>Art. 227. Inciso § 1º/ Item II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.</p>
Lei 7.853/89	<p>Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – Corde; institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências.</p>
Decreto 3.298/99	<p>Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.</p>
Declaração Mundial sobre Educação para Todos 1990	<p>Dispõe sobre a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem.</p>
Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e Adolescente – ECA	<p>Art. 54. Item III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; remetendo-se ao direito institucionalizado da CF de 1988.</p>

Quadro 1 – Continuação.

Declaração de Salamanca/94	Dispõe sobre as Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências, o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional.
Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN	Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Além de reafirmar o direito a educação básica a pessoa com deficiência, especifica diretrizes quanto a sua prática educativa e a oferta de educação especial, como um dever constitucional do Estado.
Portaria MEC 1.679/99	Dispõe sobre os requisitos de acessibilidade a pessoas portadoras de deficiências para instruir processos de autorização e de reconhecimento de cursos e de credenciamento de instituições.
Lei 10.098/00	Estabelece normas gerais e critérios básicos para promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências.
Nota Técnica MEC 04/2014 do MEC/SECADI/DPEE	Nota que revoga e faz cair à exigência de um laudo médico para incluir uma criança com dificuldades na escola regular, por considerar que essa exigência restringe o direito universal de acesso à escola.
Lei 13.146/15	Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).
Decreto de 27/04/16	Institui o Comitê do Cadastro Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência e da Avaliação Unificada da Deficiência, no âmbito do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos.

Esse estudo exploratório que foi devidamente analisado neste trabalho por meio de descritores de leis da Educação especial e inclusiva e, nos oferece uma síntese esclarecedora das leis e decretos para o aluno especial, com novos conhecimentos legais para inseri-los na escola. Para que assim, a escola possa ter autonomia no trabalho com esse tipo de aluno e, que por meio de informações regulamentais pode vir a ser utilizados para tornar claro as decisões e os efeitos de intervenções no âmbito escolar de professores que aceitam o desafio de trabalhar diferente e com o diferente.

Assim, tratamos de uma revisão sistemática num quadro que ilustra a sua importância para a prática docente. Nesse quadro, procuramos evidenciar a força legal que incluem a Educação Inclusiva no âmbito da Educação escolarizada. Para nós, ela tem que ser disponibilizada para os estudos mais adequados para a Educação Especial, responder perguntas de professores que não construíram ainda uma intervenção por falta de um amparo

legal e apresentar evidências regulamentadas para incluir definitivamente o aluno especial na escola.

2.2. A Educação Inclusiva no Município de Seropédica: Desafios e Perspectivas.

É interessante neste trabalho situar a Educação Inclusiva na cidade de Seropédica, Estado do Rio de Janeiro, onde a Equoterapia Educacional foi gerada. O percurso da educação para pessoa com necessidades especiais em Seropédica, tem suas bases embrionárias na origem da criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – do então Município de Itaguaí – 1992, o qual à época era 1º distrito municipal. Sendo em Seropédica instalada o primeiro estabelecimento educativo – médico – terapêutico sob estância da Secretaria Municipal de Educação de Itaguaí por meio desse convênio.

Com o advento de um plebiscito na década de 1990 para o distrito de Seropédica se emancipar de Itaguaí, surgiram, então as bases legais da lei nº 2446, de 12 de outubro de 1995 que cria o município de Seropédica. Desse modo, Seropédica foi desmembrado e emancipado do Município de Itaguaí. Assim, nasce no ano de 1996 a nova APAE de Seropédica já que a anterior retorna a seu município de origem.

Ligado a Secretaria de Assistência Social e a Secretaria de Educação, a APAE de Seropédica passa ser a primeira instituição inclusiva da pessoa com deficiência. Dessa forma, o município de Seropédica por meio de parcerias com as escolas passa a receber uma série de políticas públicas em direção à assistência da pessoa com deficiência.

De acordo com relatos da professora Isabel Cristina Flores (Especialista em Educação Especial e Inclusiva) – membro fundador da APAE Seropédica; atual diretora do PAIE – Programa de Atendimento Integral ao Educando da SMECE – Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte de Seropédica que “[...] muito se avançou em tão pouco tempo no atendimento as crianças especiais em Seropédica, mas tudo foi possível por iniciativa e engajamentos dos pais dessas crianças, que não mais aceitavam a exclusão do contexto educativo de seus filhos, porém a iniciativa mesmo que pequena da criação da APAE foi uma parte dessa luta que ainda precisamos muito avançar. Já que a época as escolas da rede municipal ‘não aceitavam o deficiente’”. (DIRETORA DO APAE, fragmento de entrevista dada em fevereiro de 2016, Trabalho de Campo).

Com isso, por um grande período a APAE Seropédica foi à única referência de atendimento educativo no município de Seropédica obrigando o município a desenvolver práticas inclusivas para crianças com necessidades especiais em sua rede municipal como um todo. Com isso, o dever público de atendimento diferenciado de ensino, mesmo que no inicio do processo, não funcionando regularmente nas escolas não deixou de ser uma forma de atendimento terapêutico/educacional com a participação de alguns professores, ‘amigos dos especiais’ que eram contratados e passavam a desenvolver suas funções terapêuticas e/ou educacionais. Vale ressaltar que de acordo com os registros municipais toda a gestão administrativa e pedagógica pertencia à instituição filantrópica APAE – Seropédica.

Com constantes mudanças em seu endereço, um dos marcos na história da Educação Especial de Seropédica foi no ano de 2003 com a inauguração da sede própria da APAE – Seropédica, construído pela prefeitura municipal e cedido por meio de um convênio por 10 anos e ainda o envio de funcionários terapêuticos da Secretaria Municipal de Saúde (fisioterapeutas, terapeutas ocupacional, fonoaudiólogos, assistentes sociais, psicólogos) e professores da Secretaria Municipal de Educação ampliando assim o atendimento da pessoa com deficiências dos municípios de seu entorno.

Entretanto, após o período entre 2003 e 2010, e os episódios de políticas públicas e a inserções de novas regras dos dispositivos legais quanto à política de atendimento a pessoa com deficiência, não gerou mudanças significativas na gestão escolarizada da APAE. Isso fez

que no ano de 2011, a Secretaria Municipal de Educação fizesse uma intervenção por meio de medida judicial na gestão da APAE requerendo a gestão de seus funcionários e ao mesmo tempo criou a escola municipal de educação especial.

Desse modo, surgiu uma nova coordenação geral de Educação Especial e Inclusiva para dar assistência e acompanhar todas as crianças e adultos com necessidades especiais matriculados na rede municipal de ensino.

No final do ano de 2011, a rede Municipal de Educação faz um movimento de inclusão de todos os alunos matriculados portadores de deficiência, da educação infantil até a Educação de Jovens e Adultos dinamizando as matrículas dessas pessoas, propondo Atendimento Educacional Especializado com a criação da Saúde Escolar para dar atendimento psicopedagógico aos alunos da rede municipal de ensino de Seropédica.

Já no início do ano de 2012, surge o primeiro grupo de pesquisa e trabalho que após levantamento de dados e mapas sobre as diversas deficiências na rede municipal cria o primeiro “Guia Instrucional de prática educativa para deficientes na rede de ensino municipal”. Também nesse mesmo ano surge a coordenação geral de Práticas e Ensino de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

De acordo com relatos da coordenação geral, no ano de 2012 segundo semestre, foi dado inicio ao documento norteador da Educação Especial e Inclusiva no Município de Seropédica, baseados na legislação nacional que envolve o referido tema. Assim, desde a matrícula na educação infantil até o ensino fundamental, as escolas municipais devem matricular todos os estudantes especiais, cabendo às escolas organizarem-se o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade a todos, conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, pois para o município de Seropédica, a Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassava em todos os níveis de escolaridade.

Desse modo, foi criado um Guia Instrucional para a educação especial e foi implantado um currículo direcionado à educação especial, que foi ajustado com a participação ativa dos professores das classes especiais, todavia o embasamento desse conteúdo eram sempre os quatro pilares da educação que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (Baseado no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI) sendo necessário, para melhor atender a Educação, a alfabetização e o currículo da Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Isso se deu devido à grande diversidade de alunos com deficiência de moderada a gravíssima, que estavam dentro das unidades escolares, das classes especiais que precisavam de um direcionamento pedagógico no município de Seropédica. Sendo assim, o município achou necessário, para melhor prática educativa, a divisão das turmas por níveis de aprendizado e ainda para melhor avaliar as ações e desenvolvimento dos alunos das turmas de classes especiais, foi solicitado aos professores relatórios bimestral, como instrumento de avaliação. Para os alunos inclusos, além das provas adaptadas ou não, também era solicitado um relatório descriptivo, a fim de acompanhar o desenvolvimento global do aluno.

As atividades de rotina passaram a incluir música, Atividade de Vida Diária (AVD), artes, leitura, educação física. Nesse mesmo período também os projetos semestrais foram inseridos dentro do contexto escolar, sendo trabalhadas ações sociais, emoções, independência, etc.

Foram intensificados encontros com os professores das classes especiais através dos centros de estudos e Formações continuadas, com temas específicos e voltadas para o atendimento pedagógico do aluno.

Ao longo da pesquisa observamos que, as Formações Continuadas passaram ser realizados com os professores de Inclusão, professores de LIBRAS e Mediadores Escolares. Todos com temas específicos de cada área.

Foram também criados também meios de comunicação direta com os professores, através de mídias digitais como portais educativos, *blog's* e *facebook* e e-mail. Além de apostilas e documentos norteadores para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Foi instituída a Semana da Pessoa com Deficiência que, inicialmente, foi destinada para todas as classes especiais e depois para todas as unidades escolares, em que todos os alunos da rede realizavam atividades diversas sobre um tema específico, voltado à pessoa com deficiência.

Atualmente onde funcionava a antiga APAE – Seropédica encontra-se funcionando o Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado (CMAEE) que dá atendimento terapêutico e escolar a crianças portadoras de necessidades especiais da escola interna e além de assistir as crianças especiais da rede Municipal de Educação juntamente com a Saúde Escolar.

2.3. O CAIC Paulo Dacorso Filho e os Desafios da Inclusão Escolar: Uma reflexão na abordagem cotidiana metodológica da criança com TEA.

O CAIC Paulo Dacorso Filho foi fundado dentro de uma concepção de práticas educativas para todos. Uma ação mais ampla de inclusão garantida pelo Projeto Político Pedagógico da escola por meio de um processo de aprendizagem mais acessível a partir da necessidade de cada aluno, sem discriminação, onde os dispositivos da lei sejam respostas à universalização dos direitos humanos. Isso tem sido para a escola, um dos maiores desafios da prática docente que trabalha com o aluno especial e não tem sido diferente no local de nossa pesquisa.

Essa escola foi implantada em âmbito nacional por meio do Projeto Minha Gente, atravessadamente pelo Decreto nº 539 de 26 de maio de 1992, que em seguida foi revogado pelo Decreto nº 631 de 12 de agosto de 1992. Para sustentação deste projeto o Governo Federal propôs a construção de cinco mil Centros Integrados de Atenção à Criança (CIAC) para serem geridos em parceria com Estados, Municípios e sociedade civil organizada. Após o impedimento do Presidente da República, houve mudança na concepção do Projeto. Assim sendo passou a denominar-se Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA) e consequentemente as unidades físicas foram também renomeadas, denominando-se Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC). As discussões em torno de temas como Educação Integral e Tempo Integral estavam muito presentes no meio acadêmico e considera-se que os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP's) no Estado do Rio de Janeiro e os CAIC's no nível nacional impulsionaram estas discussões.

Fundado no ano de 1992 no *campus* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o CAIC Paulo Dacorso Filho, é a primeira instituição de educação básica a surgir no âmbito da estrutura educacional superior da Rural, tendo suas bases conceptivas a parceria entre as instâncias políticas Municipal, Estadual e Federal.

De acordo com Fonseca (2010, p. 6), o CAIC Paulo Dacorso Filho surge:

A partir da implementação nas políticas públicas de expansão da educação básica nacional de horário integral, foi estabelecido nacionalmente o Projeto Minha Gente, através do Decreto nº 539 de 26 de maio de 1992, em seguida revogado pelo Decreto 631 de 12 de agosto de 1992. Para a consolidação deste o Governo Federal propôs a construção de cinco mil Centros Integrados de Atenção à Criança – CIAC para serem geridos em parceria com Estados, Municípios e Sociedade civil organizada. Pouco mais depois após o impedimento do Presidente da República, houve mudança na

concepção do Projeto. Assim sendo passou a denominar-se Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – PRONAICA e consequentemente as unidades físicas foram também renomeadas, denominando-se Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – CAIC. (FONSECA, 2010, p. 6).

Na concepção de construir uma educação que se estabeleça a desenvolver práticas educativas para todos em uma concepção mais ampla de inclusão garantindo um processo de aprendizagem mais acessível a partir da necessidade de cada aluno, sem discriminação, onde os dispositivos da lei sejam respostas à universalização dos direitos humanos tem sido um dos maiores desafios da prática docente na escola e não tem sido diferente no local de nossa pesquisa.

2.4. O Projeto de Equoterapia no CAIC Paulo Dacorso Filho: O nascer de uma proposta colaborativa na Inclusão da criança com TEA.

A prática equoterápica dentro do CAIC Paulo Dacorso Filho teve início no ano de 2013 com esses dois programas de Equoterapia Educacional: Integração e Inclusão. A equipe de Atendimento Equoterápico é composta de agentes escolares: um Professor de Educação Física; uma Psicopedagoga; uma Pedagoga; sete bolsistas de Educação Física – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Capes do projeto Educação Física – Inclusão; duas bolsistas da UFRRJ da Zootecnia; duas alunas da Zootecnia; um mestrandos em Engenharia Agrônoma e um instrutor de Equitação que são voluntários. O trabalho colaborativo contou com as professoras regentes, a nutricionista da escola, toda a organização escolar, a educação física formal e os alunos bolsistas PIBID – Capes.

Temos na Equoterapia Escolar dez alunos com TEA, diagnosticados com dificuldades de desenvolvimento e/ou comprometido, comportamento restrito e repetitivo e dificuldades comunicação recíproca, na linguagem verbal e na interação social. O trabalho equoterápico para o Programa Inclusão Educacional, o qual o nosso aluno com TEA (estudo de caso) participa têm as seguintes fases: 1) Saudação entre praticantes, mediadores e equipe; 2) Rodinha Inclusiva e exploração do mundo equoterápico com os mediadores e equipe; 3) Montaria com circuitos pedagógicos; 4) Trabalhos específicos com cada praticante; 5) Trabalho Coletivo: Roda inclusiva e exploração da interação e linguagem verbal; 6) Despedida dos cavalos, mediadores e Equipe.

Na escola, diferente de uma clínica ou consultório da área da saúde, nossa função é avaliar o sujeito-praticante que já tem um laudo médico, primeiro coletivamente; como ele age com os professores, com os colegas, com a família e com outros agentes escolares. Desse modo, desconstruindo a rígida classificação etiológica utilizamos-nos, no caso da criança com TEA de todos os recursos equoterápicos/suporte pedagógico de escolarização para sua interação social, comunicação recíproca e os comportamentos restritivos a fim de se possa reinventar uma escolarização cidadã.



Figura 1 – Área externa do CAIC Paulo Dacorso Filho onde atua o Projeto Educacional de Equoterapia. Fonte: Acervo Pessoal

As atividades que caracterizaram as vivências realizadas ocorrem junto ao Projeto de Equoterapia da UFRRJ que tem suas atividades educativas de extensão e pesquisa na área da universidade, em parceria com a Unidade Escolar CAIC Paulo Dacorso Filho, *campus* da universidade e as demais atividades técnicas profissionais perpassam pelos Institutos de Educação, Veterinária e Zootecnia.

Com uma característica educacional que faz parte do bojo que fundamenta o Projeto, as experiências vividas pelas crianças especiais oportunizaram-nos uma experiência pedagógica com novas significações, aproximando-nos mais da prática docente entre os educandos e os distintos cursos da UFRRJ e institutos. O que favoreceu o alargamento de experiências tipicamente de pesquisa e extensão universitária, com recursos pedagógicos e relações interativas entre as crianças/famílias/professores/cavalos e estagiários. O que resultou em uma surpreendente possibilidade de mudança em minha vida pessoal, familiar, acadêmica e profissional.

A Equoterapia tem o seu trabalho inclusivo com todas as crianças especiais juntas no próprio horário escolar e não contraturno. Ela procura estabelecer também modalidades educacionais de integração para alunos com deficiências severas para atender às especificidades de escolarização de cada aluno em especial. Tem-se o atendimento individualizado independente da severidade da síndrome e um atendimento inclusivo. Por isso, ela tem também o nome de Equoterapia Inclusiva. Esse tipo de trabalho indica que é preciso ter relatórios semanais por todos os mediadores que trabalham na escola com os alunos com necessidades educativas especiais e uma reunião semanal com todos os pibidianos e supervisores para discussão pedagógica e como montar planejamentos de ensino quando pensa nas questões da escola e nos tempos/espacos usados para o ensino e a aprendizagem.

A Equoterapia atende os alunos especiais matriculados no CAIC Paulo Dacorso Filho e da comunidade externa matriculados na rede pública de ensino. Os alunos assistidos no projeto foram são de dois ciclos da modalidade de Educação Inclusiva: um do ciclo integrador que acolhem alunos com um grau de deficiência severa e desenvolvem projetos específicos, individuais de acompanhamento do aluno. Quando o mesmo inicia suas atividades na equoterapia, o objetivo é, inseri-lo no ambiente escolar regular, porém não exigimos do aluno especial nenhuma prontidão de habilidades para escolarização.

Compreendemos que o trabalho colaborativo da Equoterapia Educacional foi desenvolvido como uma estratégia de ensino e aprendizagem na escola por meio de tarefas interativas para alcançar objetivos de escolarização entre crianças com necessidades

educacionais especiais e os demais. Tal trabalho que a princípio avalizaria as tarefas de equipe também pode ser realizado aonde o agente educacional cavalo participou do processo educacional. A Equoterapia está relacionada, neste pesquisa, tendo o cavalo como um agente que interage com os outros, participando do ensino e do desenvolvimento da criança com TEA.

Nesse sentido, as atividades equoterápicas foram desenvolvidas a partir das constantes experiências de ensino e aprendizagem em que foram efetivadas nas ações pedagógicas de inserir as crianças com TEA num tipo de acolhimento/socialização inclusiva em que elas se entendessem e se formassem a partir da vivência coletiva com outras crianças neurotípicas nos diferentes tempos e espaços da escola. As ações pedagógicas foram norteadas num processo de orientar os processos equoterápicos da criança com espectro autista para o que ela é (e o que pode ser) em determinadas intervenções pedagógicas, num trabalho inclusivo efetivo com ela, favorecendo a interação entre colegas, mediadores, cavalos, professores e extensão familiar a partir do trabalho colaborativo.

O único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia; deve voltar-se não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento (VYGOTSKY, 1991, p. 89).

Essa nova significação pedagógica aproximou a escola da prática docente nos diferentes cursos da universidade, o que favoreceu o alargamento das experiências tipicamente de pesquisa e extensão universitária, com recursos pedagógicos e relações interativas entre as crianças/professores/cavalos.

Segue abaixo exemplo de práticas equoterápicas educacionais que conduziram na escolarização da criança com TEA, objeto da pesquisa:



Figura 2 – Práticas Ludopedagógicas sob o cavalo nas sessões de Equoterapia. Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 3 – Atividades Pedagógicas colaborativas com crianças com TEA – CAIC/UFRRJ.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 4 – Atividades Pedagógicas transdisciplinar sob o cavalo durante as sessões de Equoterapia Educacional – CAIC/UFRRJ. Fonte: Acervo Pessoal.

3. CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Nesta seção, buscamos sistematizar a localização de evidências de estudos científicos na área da Equoterapia/Autismo. O que temos disponível nas bases de dados que consultamos de informações virtuais, bibliotecas virtuais mais precisas e confiáveis como o periódicos da Capes e os links com bases de dados de periódicos da saúde e educação partem de dados elegíveis mais considerados no campo clínico, principalmente com o cruzamento desses temas: Equoterapia e Autismo.

Nesse sentido, fizemos o exercício em abordar temas de Equoterapia e Autismo com bases de dados disponíveis na literatura já publicada em forma de livro e algumas proposições bibliografias que descrevem distintamente cada um dos temas, nos focando no que tange o autismo. Buscamos referendar nossos estudos, sobretudo na área da psicologia comportamental, porém não aplicadas a um tipo de Equoterapia Educacional. Constatamos que o estado da arte desses temas atravessados está inserido no campo da saúde clínica, mais investigado na área da Equoterapia formal. Com isso, averiguamos que os referenciais teóricos são proposições de pesquisadores que contribuem com o estudo (ainda incipiente e de viés clínico) da Equoterapia no Brasil.

3.1. Autismo: Classificação e Caracterização

Segundo o DSM - *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais* (DSM – IV, 1994), que define como é feito o Diagnóstico de Transtornos Mentais, até sua 4^a edição, o Autismo era caracterizado dentro Transtorno Globais do Desenvolvimento – TGD com o comprometimento severo e invasivo em 03 áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca; de comunicação e comportamentos dispare e ainda interesses restritos. Desta forma o TGD tem suas características o atraso nas áreas de socialização e comunicação no processo de desenvolvimento da criança na primeira infância. Sendo incluídas na classificação do TGD cinco categorias que são: o Transtorno Desintegrativo da Infância ou Síndrome de Heller; Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, o Autismo e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, que inclui Autismo Atípico.

Foi em maio de 2013 que após revisão desse manual passa a ser incluída uma nova grade diagnóstica do autismo ampliando assim a classificação para Transtorno do Espectro Autista sob a responsabilidade da Associação Americana de Psiquiatria, que publicou a quinta edição do DSM.

O DSM – V (2013) nos apresenta outra/nova visão classificatória da área médica do autismo. Esse manual repercute na área da Psiquiatria, Psicologia e também da Educação, que influência nas práticas pedagógicas dos professores. É uma percepção marcada pela área médica e também marcada como produtora de cultura e de impactos imprevisíveis:

Ainda que tenhamos sido enfadonhamente modestos em nossos objetivos, obsessivamente meticulosos em nossos métodos e rigidamente conservadores em nosso produto, falhamos em predizer ou prevenir três novas falsas epidemias de transtornos mentais em crianças – autismo, déficit de atenção e transtorno bipolar na infância. Ou seja, tem-se claro o poder e o agir sobre o sofrimento mental, chegando, no limite, ao aumento de prevalência de determinadas condições clínicas em função da alteração nos critérios de cada nova edição lançada (FRANCES, 2013 *apud* ZORZANELLI, 2014, p. 58)

As características mais comuns no processo de identificação do TEA são perceptíveis entre o 12º ao 24º mês de vida, o que geralmente não é parâmetro geral em todos os casos, já que podem ser reconhecidos antes dos 12 meses de idade, se os atrasos no desenvolvimento forem assisados ou graves ao longo da primeira infância.

Os atrasos comportamentais da pessoa com TEA mais significativos tornam-se primeiramente evidentes na primeira infância, com algumas características apresentadas nessa fase como falta de interesse em interações sociais entre os pares, atraso no desenvolvimento global. Alguns indivíduos com TEA são diagnosticados a partir de um dano gradual nos comportamentos sociais ou o não uso da linguagem verbal. Porém essas características são mais sensíveis até, frequentemente durante os 24 meses de vida.

Esses indícios de TEA comumente envolvem a demora da linguagem verbal, deficiência de interesse social ou ações sociais insólitas, comportamentos curiosos e repetitivos, ausência de brincadeiras com crianças da mesma idade, a colocação de brinquedos enfileirados. Muitas vezes, um check-up de surdez é geralmente feito pela família, o que habitualmente não é diagnosticado pelo médico.

Na educação infantil, pode ser difícil para o professor assinalar padrões restritos e repetitivos de comportamentos diagnósticos da criança com TEA. O diagnóstico clínico/médico se fundamenta na pessoa em especial, na constância e na intensidade do comportamento estereotipado ou repetitivo (DSM-V, 2013).

As crianças diagnosticadas com TEA são quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino (DSM-V, 2013). Na escola, alunos com TEA, talvez por uma transitória ausência de capacidades sociais ou persistentes ausências comunicacionais pode ser um obstáculo à aprendizagem, por conta da dificuldade das crianças interagirem com os seus colegas e os outros agentes escolares.

O TEA hoje pode ser considerado de características leve, em que os sujeitos com TEA participam de sua vida cotidiana com mais independência e, suas condutas sociais podem ser refletidas nas interações mais simples e habituais (DSM - V, 2013). Os casos moderados e graves, segundo o DSM - V (2013), esses sujeitos já apresentam disfunções comportamentais. A descrição de um exemplo com esses princípios devem incluir, principalmente, informações sobre atrasos sociais precoces do desenvolvimento da comunicação recíproca ou quaisquer avarias de habilidades sociais, linguísticas e da interação entre os pares.

O DSM V indicou que o Transtorno do Espectro Autista pode ser diagnosticado com ocorrências de mais de um transtorno do neurodesenvolvimento. Isso pode ocorrer em sujeitos com TEA que comumente apresentem deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual), e crianças com Transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que podem apresentar também esse transtorno específico da aprendizagem.

Esse diagnóstico individualizado para cada criança com TEA, passa por limitações sociais constantes na comunicação recíproca, na interação social e nos comportamentos restritos de comunicação verbal e não verbais. Porém, o diagnóstico requer a presença de padrões restritos e repetitivos de alguns transtornos, a apresentação clínica inclui sintomas tanto de excesso restritivo quanto as situações limítrofes que são considerados padrões anunciamos no TEA. Assim, o DSM V prevalece à modificação do DSM IV que conjecturou um olhar que os transtornos autísticos referem-se os mesmos matizes com outras variações na comunicação recíproca, interação social, comportamentos estereotipados e no plano de interesses e atividades restritas e repetitivas.

O juízo dos sintomas como fazendo parte de um espectro autista não parte da sensibilidade de um profissional da saúde/educação diagnosticar sobre as peculiaridades de um caso específico de autismo. As probabilidades de dimensionar um diagnóstico conciso necessitam do profissional da medicina sem o risco de 'patologizar' o todo de traços ou sintomas válidos de TEA. Isso sempre foi de responsabilidade médica, porém, devido à maior

flexibilidade dos critérios diagnósticos a partir do DSM V, a precipitação de diagnosticar pela ausência de critérios claramente definidos pode causar um risco de ‘patologizar’ um sujeito com traços autísticos. E, isso pode em alguns casos estigmatizar o sujeito ou rotulá-lo socialmente. O Sinal de Asperger entre os sujeitos autistas foi descrita no ano de 1944 por um médico pediatra de Viena chamado Hans Asperger. No início de seus estudos ele nomeou a ‘doença’ como uma psicopatia do autismo (SCHMIDT, NUNES & AZEVEDO, 2013).

Dessa forma, a síndrome de Asperger se caracteriza por ser um transtorno do desenvolvimento caracterizado pelos mesmos tipos de alterações nos processos de interação social e comportamental presentes no autismo clássico e se diferencia pelo fato de que não demonstra retardamento ou deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo (SCHMIDT, NUNES & AZEVEDO, 2013).

3.2. Equoterapia e seus Fundamentos Básicos: a metodologia equoterápica nas atividades colaborativas.

Neste tópico, inicialmente, serão oferecidos alguns fundamentos básicos da Equoterapia que são trabalhados nos centros equoterápicos em geral e não na escola. Tal *approach* tem em comum a perspectiva biomédica equoterápica em que praticante constrói conhecimentos individualmente dentro de um tipo de terapia formal. Um estilo de terapia inerente a um ser humano intransitável às influências culturais e sociais.

Abordaremos esse enfoque pelo que temos, ainda, na literatura bibliográfica da Equoterapia, mas também procuraremos desconstruir essa concepção e discutir outro entendimento de Equoterapia que não fragmente a criança especial enquanto totalidade histórica e cultural e também não emperre o seu rico processo de escolarização e as possibilidades da Equoterapia como suporte pedagógico.

A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) Brasil preconiza a Equoterapia como um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de Saúde, Educação e Equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais (ANDE, 2013).

Apreende-se, desse modo, que um método educacional implica uma sucessão planejada e sistematizada de ações, tanto do professor quanto do aluno; requer a utilização de meios recursos didáticos pedagógicos, os quais o agenciamento, por exemplo, do cavalo pode auxiliar na escolarização de alunos com necessidades educacionais especiais em que atividades equestres podem dirigir e estimular o processo de escolarização dos alunos. Desse modo, o método utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos.

Para Libâneo (1998), os alunos, por sua vez, sujeitos da própria aprendizagem, utilizam-se de métodos de assimilação de conhecimentos. Para o autor, “o método de ensino não se reduz a um conjunto de procedimentos. O procedimento é um detalhe do método, formas específicas da ação docente utilizadas em distintos métodos de ensino” (LIBÂNEO, 1998, p. 153).

Por exemplo, a Equoterapia pode ser considerada um método educacional com e sobre o cavalo, ou seja, atividades equestres e o uso de procedimentos da área da equitação podem fazer parte da metodologia do trabalho equoterápico. Isso para apoiar ou dar suporte a escolarização de alunos com TEA e/ou com necessidades educacionais especiais. Desse modo, a Equoterapia pode se utilizar de procedimentos escolares como trabalhos de leitura, alfabetização, atividades psicomotrices, jogos, cantorias, rodas, brinquedos, desenhos entre outras práticas escolares. Podemos dizer que os métodos de ensino:

São as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. Eles regulam as formas de interação entre ensino e aprendizagem, entre o professor e os alunos, cujo resultado é a assimilação consciente dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas e operativas dos alunos. (LIBÂNEO, 1998, p. 155).

Para Gavarini (1995, *apud* LERMONTOV, 2004, p. 40), a Equoterapia, partiu do uso do cavalo em guerras, força de trabalho, mostras de beleza física até a área da saúde que trata, dentro de uma Equoterapia formal, a reabilitação, a educação ou a reeducação de uma patologia específica. Ela pode ser considerada uma terapia principal ou complementar, pois o praticante pode ter uma reabilitação global, uma vez que o indivíduo tem acesso a uma ajuda psicológica e psicossomática.

Segundo Gavarini (1995 *apud* LERMONTOV, 2004, p. 40), “o cavalo, além de sua função cinesioterápica, produz importante participação no aspecto psíquico, uma vez que o indivíduo usa o animal para desenvolver e modificar atitudes e comportamentos”.

Podemos completar que, apesar de observarmos a Equoterapia como atividade do tratamento biopsicossocial do praticante por meio do movimento do animal, ela vai muito além de uma reeducação funcional de órgãos ou partes do corpo por meio da ginástica³. A Equoterapia favorece além da parte motriz, os aspectos sociais, orgânicos e afetivos do praticante desempenhando dessa maneira outros objetivos: integração social, contato com o outro diferente, trabalho participativo entre agentes educacionais e a relação com os cavalos.

Os estudos da Equoterapia são resultantes de uma ação teórica e curiosa entre 458 e 370 A.C., em que Hipócrates (o pai da medicina) utilizava o cavalo com a intenção de cuidar da saúde de seus pacientes através desse animal. Além de afirmar que a equitação praticada ao ar livre fazia com que os músculos dos praticantes melhorassem tônus, Hipócrates dizia que a prática equestre era é um ótimo remédio para os males da insônia. Para os médicos oriundos das classes nobres que acessavam o cavalo como fonte de fortalecimento do tônus muscular não descartava que a produção ou a realização das ações motrizes do cavalo beneficiava a saúde do homem, que a equitação exercitava todo o corpo como também os sentidos, já fazendo referência aos diferentes tipos de andadura do cavalo (LERMONTOV, 2004).

De acordo com Baumgratz (2010, p.32), na metade do século XX, uma jovem de apenas 16 anos com poliomielite, conquistou medalha de prata em adestramento, causando grande repercussão olímpica, sendo que esse feito foi repetido nas Olimpíadas de Melbourne, em 1956, o que despertou a atenção da classe médica, para o inicio dos estudos sobre as ações motrizes terapêuticas do cavalo. A partir de 1965, a Equoterapia tornou-se uma matéria de estudos científicos na área da saúde, sendo que, em 1972, foi apresentado o primeiro trabalho científico na França como tese de doutorado de medicina em reeducação equestre pela Universidade de Paris.

Dias e Medeiros (2002) asseveram que o cavalo possui três andaduras instintivas, que são: o passo, o trote e galope. Nas práticas equoterápicas o passo, por suas características, é a

³Historicamente a Equoterapia já tinha o seu espaço na ginástica médica a partir Tissot no século XVIII, em sua obra “Ginástica Médica” já falava positivamente dos benefícios obtidos pelo movimento do cavalo. Para ele, a forma padrão de andadura do cavalo no tratamento através da ginástica curativa é o passo, o qual ele considera como a andadura mais eficiente para cuidar das alterações físicas daquele que está sobre o cavalo (LERMONTOV, 2004, p. 41).

andadura principal da Hipoterapia⁴. Nesse tipo de trabalho que é executada a maioria dos trabalhos em Equoterapia.

O passo se caracteriza por um tipo de andadura rolado ou marchado, com um ou mais membros em contato com o solo, não possuindo tempo de suspensão, que imprimem ao praticante uma série de movimentos sequenciados e simultâneos que têm como resultante um movimento para cima e para baixo; no plano equino, em um movimento para direita e para a esquerda, lateralizando os movimentos do praticante sobre o cavalo; em um movimento para frente e para trás, o que realizará um reequilíbrio postural do praticante. A série de movimentos é completada com pequena torção da cintura pélvica do praticante, que é provocada pelos desvios laterais do lombo do cavalo.

Durante a montaria, os movimentos do cavalo excitam o cérebro do praticante por meio de ajustes posturais, motores e respiratórios, entre outros. Assim estimula à neuro-plasticidade do sistema nervoso central e resulta na formação de padrões de movimentos que mesmo que o praticante seja incapaz de realizar os movimentos independentes, o cavalo o faz em sua marcha, ativando o mecanismo de resposta pela repetição simétrica, ritmada e cadenciada de seu movimento e, assim remodelando a postura do praticante por meio da constante solicitação da memória por um despertar sensorial. (PIEROBON; GALETTI, 2008, p.25).

Isso em decorrência do movimento tridimensional do dorso do cavalo que foi estudado por médicos europeus no século XIX para mostrar a junção das três formas (tridimensional) da marcha humana produzida pelo movimento do cavalo:

A junção dessas três formas, denominada de movimento tridimensional, proporcionada ao praticante uma adaptação ao ritmo do passo do cavalo, exigindo contração e descontração simultâneas dos músculos agonistas e antagonistas, determinando um ajuste tônico da musculatura da postura e do equilíbrio. (LERMONTOV, 2004, p.61).

Os estudos terapêuticos sobre o cavalo constituíram-se por novas vertentes que, ultrapassando seu modelo inicial de guerra, beleza e força sobre o cavalo, incorporaram outros recursos de análise do bem-estar humano para atuar na esfera da saúde. Como decorrência extrapolou sua condição de produção de transportes e transformaram-no em forma de intervenção reabilitacional, que expõe os mecanismos terapêuticos, educacionais e reeducacionais que produzem efeitos na saúde humana.

Walter (2013) delibera aos estudos equoterápicos diferentes vertentes que ultrapassando seu modelo comum reabilitacional, acionou outros recursos de análise biopsicossociais para operar em outras esferas sociais e áreas de conhecimentos. Em decorrência disso, a Equoterapia superou sua condição apenas terapêutica e transformou-se numa forma de intercessão interdisciplinar que expõe os mecanismos inclusivos e os efeitos gregários do mundo do cavalo. Isso nos demanda um esforço para teorizar as ações das formas de vivencias com e sobre o cavalo e das suas análises sistêmicas. Otero e Burguês (2003) compreendem que os estudos sistêmicos como o estudo da produção contextual dotadas de sentido e do uso motor é situada em variados contextos e isto ocorre com multiplicidade de “situações motrizes unidas a um contexto que por si mesmo se revelam,

⁴A hipoterapia é um programa da Equoterapia o qual o praticante ainda não tem condições físicas ou mentais de para se manter sozinho a cavalo. Necessita nesse sentido, de um auxiliar-guia para conduzir o cavalo. E na maioria dos casos de um mediador e um auxiliar lateral para mantê-lo montado, dando-lhe segurança nas atividades equoterápicas.

reunidas dentro de um sistema estrutural em que as ações motrizes procedem" (OTERO; BURGUÊS, 2003, p.52 – tradução livre da autora).

O sentido de fazer parte de um sistema com regras, normas e códigos parte primeiro de uma avaliação equoterápica individual no CAIC Paulo Dacorso Filho. Antes de qualquer aluno ser incorporado dessa estrutura equoterápica é necessário alguns dados relevantes dele e de seus familiares característicos de uma *anamnese*: nome da criança, dos familiares, exame e diagnóstico médico e profissão dos pais. Queremos saber a queixa principal da criança; o relato do seu problema principal; sua história social, escolar e sua história familiar. Esses dados fazem parte da avaliação da Equoterapia Educacional.

No campo educacional, Parlebas (1999) distingue como contribuições mais importantes das práticas corpóreas aquelas que podem possibilitar a análise e compreensão de uma determinada situação motriz, de uma pedagogia reinventiva nas condutas motrizes dos que usam um tipo de saber ainda não conhecido; a curiosidade entrando no currículo escolar, a visibilidade de agentes extra-disciplinares no contexto da escola; o alargamento curricular e a adaptação do currículo para identidades mais próximas e/ou reconhecer o diferente no interior da escola são atributos de um currículo adaptável.

Essa tensão posta nas escolas nas últimas décadas pressiona contra a imposição de um conhecimento único, de uma racionalidade única, de uma leitura e cultura únicas, de uns processos-tempos de aprender únicos. Pressiona por representações sociais mais positivas dos diferentes. Pressiona por uma dessacralização dos currículos e das diretrizes e desenhos curriculares; dessacralização que vinha sendo feita nas escolas, nas redes e, sobretudo, nos coletivos de educadores e educandos, em responsáveis e ousados projetos coletivos de respeito e de reconhecimento da diversidade. (ARROYO, 2011, p.42).

Essa tensão não deixa de fazer parte de uma estrutura construída entre os colaboradores para escolarização de alunos especiais. Por exemplo, os estudos da Psicologia da Educação fornecem dados para afirmar o caráter adaptativo da educação formal. Instiga uma investigação mais rigorosa que busque desvelar como se dão o processo de significação do saber que é posto pela escola. Por isso, revelar esses processos pelos quais se constroem determinadas significações é um passo interessante para perceber os discursos, as representações e as identidades dos sujeitos escolares (PATTO, 1997).

A UFRRJ, em virtude de seus ajustes históricos com as práticas corpóreas esportivas dominantes no interior da sua universidade, contribuiu para a formação de um currículo esportivo sem a prática do cavalo. Sua rejeição em desvinculá-lo do inventário esportivo da universidade reforça o conceito que o cavalo foi ignorado dos temas esportivos que intervieram na formação de identidades esportivizantes cidadãs em que o remo foi o esporte central no interior de uma universidade agrária desde a década de 1940.

O remo solapou o esporte aristocrático da oligarquia rural, que era o turfe, o qual o cavalo perpetrava a força motriz e não o homem. Inspirações explícitas que nos convidam a olhar os embates típicos entre o homem esportivo e o homem rural. [...] o estrangeirismo esportivo que a Rural sobrepôs ao cavalo no passado (um animal que simboliza o lazer, o trabalho e o cotidiano do homem do arrabalde da cidade universitária) tece ainda os pontos de ruptura com a urbe não acadêmica. (RAMOS, 2013, p.2).

Voltando a Parlebas (1999), depois da superação do homem máquina via a significação motriz, não podemos olhar para a educação como uma área neutra que se presta a

obedecer a um currículo escolar meramente oficial, pois nela travam-se lutas políticas, de identidade e também de significação.

Bracht (1992) assevera que após a segunda guerra mundial, os países colonizados presenciaram um intenso fluxo esportivo europeu proveniente dos ex-colonizadores como resultado da expansão econômica gerada da exploração industrial. A nova conformação sociopolítica forjou assim com a coexistência com os esportes tradicionais do homem europeu, ampliando o contato entre a cultura esportiva das metrópoles europeias e cultura universitária brasileira.

Castellani Filho (1988) confere o surgimento da esportivização universitária ao acolhimento de grupos burgueses no interior da universidade brasileira cujos processos históricos foram marcados pela aceitabilidade da tradição europeia como culturalmente superior. A universidade brasileira submetida a um tipo de poder culturalmente central teve de viver a reserva de construir uma nação moderna aos moldes da Europa. Isso ocorreu também na Universidade Rural (atualmente UFRRJ) na década de 1940 em que os grupos culturais dentro e fora da universidade ligados ao cavalo foram abafados para não terem suas formas culturais do campo reconhecidas e concebidas no espaço universitário. Por outro lado os esportes da cultura dominante como remo, boxe, esgrima, golfe e outros se consideravam próprios da cultura da universidade mesmo dentro de um espaço agrário.

Parlebas (1999, p. 357) assevera que uma situação motriz como qualquer tipo prática corpórea não é uma obra acadêmica: “As práticas corpóreas são constructos sociais de grupos sociais [...] que fundam uma produção cultural com códigos e regras”.

A partir disso, o autor afirma que a conformação dada por cada grupo social depende do seu contexto político, econômico, histórico e social. A configuração propõe reconhecer espaços, regiões, grupos, pessoas, escolas, agentes educacionais, motivando dados para descrição, análise e compreensão da sua construção dentro de um contexto específico e o seu modo de agir na dinâmica social.

Nos diferentes contextos sociais, até mesmo o cavalo, com ou sem os atributos que o forja, fica presente como o desviante, o anormal, o indesejável, o inferior, o estigmatizado e o excluído do convívio social. Isso tem uma forte significação segregacionista dentro da escola/educação/atividades equestres que alenta mais uma coesão e homogeneização do pronto, acabado e a visão padronizada de homem.

E é este sistema que não proporciona condições adequadas de promover a aprendizagem e desenvolvimento para o aluno com necessidades educacionais especiais. Num currículo neutro, materializam-se mais a segregação social, para reservar ao diferente outro espaço fronteiriço entre os normais e os anormais. Pode surgir daí o extremo curricular de promover o cavalo dentro de uma escola para acesso a determinados bens por ele construídos aos que precisam dele? Pode-se, mesmo dentro de uma escola de educação básica, solicitar a convivência entre os diferentes, procurando resistir aos possíveis preconceitos que geram tantas desigualdades sociais entre os diferentes?

Essa nova perspectiva inclusiva muda concepção de deficiência crônica para uma característica do sujeito. O sujeito tem desvantagens e dificuldade em seu desenvolvimento, dependendo, em grande medida, das condições de aprendizagem e socialização que lhes fossem disponibilizadas (GLAT; BLANCO, 2011). Porém, a aceitação da diferença, numa comunidade diversificada, agrária e heterogênea como a UFRRJ pode romper o padrão de normalidade socialmente construído na universidade.

É sob essa perspectiva que se constitui o conceito de Educação Inclusiva. Esse tipo de educação trata de compreender como o aluno pode se adaptar à escola. É a escola que tem que adequar para atender a todos, mesmo aqueles que apresentam alguma deficiência ou condição atípica de desenvolvimento e aprendizagem. Toma-se a referência Internacional da

Declaração de Salamanca para a inclusão de todos como forma de anulação do projeto de currículo único, em que a segregação assume uma atitude não educacional.

As crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar, já que tais escolas constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias (...), constituindo uma sociedade inclusiva e atingido a Educação para todos. (UNESCO, 1994, p.8-9).

Nessa perspectiva, a prática pedagógica inclusiva faz recomendar que todos os indivíduos que por diferentes motivos, em algum momento de sua vida necessitam de algum tipo de atendimento ou atenção pedagógica especial dependem de uma mudança significativa no currículo posto. Não é só deficiência ou condição orgânica que o diferencia do outro, mas podem resultar de problemas sociais, culturais, entre outros que interferem no processo de aprendizagem dos sujeitos como o não reconhecimento e compreensão de diversidades e diferenças de culturas no interior de uma escola, como apresenta a imagem abaixo de uma atividade inclusiva.



Figura 5 – O aluno autista com sua turma regular, numa prática equoterápica. Fonte: Acervo Pessoal.

3.3. A Equoterapia Educacional: Uma abordagem colaborativa na mediação da aprendizagem utilizando o cavalo na escola CAIC Paulo Dacorso Filho.

O nosso agente educacional (o cavalo) trouxe um conhecimento respeitável na história da humanidade. Ele pertence à família dos equídeos, equino, que é a espécie cabalus, atualmente cavalo que combina fascínio, receio e confiança. O cavalo registrado na arte rupestre⁵ pré-histórica das cavernas, nas lendas e na mitologia grega⁶ é

⁵Arte rupestre é o termo que denomina as representações artísticas pré-históricas realizadas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas e abrigos rochosos, ou mesmo sobre superfícies rochosas ao ar livre. Extraído fonte: Arte rupestre – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_rupestre.

o símbolo ou mesmo o modelo de interação entre os humanos, nas guerras, nos transportes, nos trabalhos do homem rural, de veneração e de crenças folclóricas, no lazer, no tempo livre e no esporte do homem.



Figura 6 – A figura do centauro. Ser mitológico com corpo de cavalo e tronco e cabeça de ser humano que representa a interação homem/cavalo. Fonte:

A interação entre o homem e o cavalo permitiu uma conexão que tornou esses agentes próximos. Na Equoterapia o animal necessita ser manso dócil e simétrico no seu porte e, se possível, com altura até 1,60cm. Gostar de gente deixa-se montar, manejar e amistoso com crianças, as quais devem instituir um relacionamento carinhoso (ANDE, 2013). O cavalo da Equoterapia para a criança especial é um dos agentes centrais da sua história educacional, o acionador sedutor de sua escolarização.

O cavalo é um mamífero, herbívoro, não agressivo. É um quadrúpede com locomoção similar ao humano. É um animal que vive em manada, o que lhe dá segurança e permite relacionamento afetivo. Apresenta o sistema límbico bem desenvolvido, um córtex proporcionalmente pequeno com capacidade de raciocínio somente associativo, não causal. Sua visão é imprecisa, pois enxerga movimentos bruscos como sinais de perigo. É um animal de fácil domesticação, pois apresenta características juvenis, permitindo o aprendizado. Há comunicação mediante sons e linguagem corporal (LERMONTOV, 2004, p.55).

Lermontov (2004) assevera que a Equoterapia ajuda no desenvolvimento das funções psicomotrices da criança especial. A base está no movimento do cavalo que cria uma base dinâmica de ajustes tônicos para quem está sobre o cavalo, fazendo com que o praticante em tratamento adquira ações de movimentos coordenados de controle de postura para manter seu centro de gravidade sobre a base do cavalo. Por isso, é que quem está sobre o cavalo se transforma num participante ativo (chamado no mundo

⁶Na mitologia grega, Pégaso era um cavalo com asas, filho de Poseidon, deus dos oceanos. Os centauros, metade homens, metade cavalos, são seres que representam a identificação do ser humano aos instintos animalescos. Extraído fonte: <http://mitologiagrega14.blogspot.com.br/2011/10/pegasus-o-cavalo-alado-criatura.html>.

equoterápico de praticante), pois nesse processo, ele está sendo acionado o tempo todo, precisando reajustar sua postura continuamente. A autora também diz que a Equoterapia pode ser também considerada, um meio de controle ambiental para ajudar na reorganização de um movimento, levando a novas ações de movimentos empregados na dinâmica psicomotriz da criança especial:

Nos estudos do campo da psicomotricidade, ressalta a influência que os movimentos ondulatórios do cavalo exercem sobre o desenvolvimento do esquema e imagem corporal, da organização espaço-temporal, e da estruturação da fala e da linguagem. (LERMONTOV, 2004, p.54).

Observa-se a importância da interação com o cavalo, o agente educacional que ajusta a criança especial na sua incumbência afetiva. É por esta integração/inclusiva entre eles que, para nós, a pessoa com necessidades especiais na sua escolarização encontra elementos para sua permanência na escola. Assim, que a Equoterapia Educacional é um suporte que interessa aos educadores no todo da escola.

Para Lermontov (2004), o cavalo tem a memória muito desenvolvida e, reflete o temperamento da pessoa que lida com ele. Quando domesticado tem grande sociabilidade, não só com seus semelhantes, mas também em relação aos outros animais e ao homem. Com certeza, o cavalo possui inteligência que lhe permite ser educado e se adaptar aos diversos usos que o ser humano necessita. É o que Hontag (1998, *apud* LERMONTOV, 2004, p.55) diz que o animal se submete facilmente quando a solicitação está de acordo com a sua lógica, pois é nobre para compreender razão de outro ser e se submete para proteger ou amparar o outro.

No entanto, é preciso, antes de tudo, eliminar a emotividade, o medo e o nervosismo do cavalo, pois os animais e mesmo os homens, sob o domínio desses sentimentos, têm sua inteligência obscurecida. O desenvolvimento de uma inteligência favorável ao adestramento só é possível quando o cavalo está calmo e confiante. Muitas dessas ações realizam-se sem que o animal tenha antes pensado (LERMONTOV, 2004, p.55).

A Equoterapia que preconizamos deve pensar em tratar os agentes escolares integralmente, principalmente a agente central da equipe: o cavalo. Ele é presente nas sessões de apoio e suporte da escolarização, porém deve-se cuidar da sua saúde e bem estar físico e psíquico com alimentação balanceada, higiene, ferraduras, manejo adequado, tratamento médico veterinário e instalações adequadas.

Para isso, a Equoterapia Educacional conta com um Centro Interdisciplinar de Equoterapia com profissionais, bolsistas e alunos voluntários dos cursos de Medicina Veterinária, Zootecnia, Psicologia, Engenharia Agrônoma, Arquitetura, Pedagogia e Educação Física da UFRRJ.

É o que Lermontov (2004) anota sobre o poeta alemão Göethe (1740-1832), que gostava de cavalgar diariamente até o 55º ano de vida e reconheceu o valor salutar das oscilações do corpo que o cavalo proporcionava. E ele acompanhava montado, o movimento do animal, a distensão benéfica da sua coluna vertebral nas suas cavalgadas, determinada pela posição dele sobre o dorso do cavalo e os estímulos delicados do animal. Em seu escritório, o poeta utilizava uma cadeira semelhante a uma sela de cavalo, e em um de seus poemas ele diz:

O motivo pelo qual o adestramento tem uma ação tão benéfica sobre as pessoas dotadas de razão é que aqui é o único lugar do mundo onde é possível entender com o espírito e observar com os olhos a limitação oportuna da ação e a exclusão de qualquer arbítrio e do acaso. Aqui o homem e animal fundem-se num só ser, de tal forma que não sei se saberia dizer qual dos dois está efetivamente adestrando o outro. (LERMONTOV, 2004, p.53).

Esse poema autoterápico, desperta a importância da interação entre humanos e cavalos, que é um dos acionadores pelos que passam a se interessar pelo programa terapêutico e educacional da atividade equestres. Assim que, as estruturas que utilizavam o uso do cavalo como instrumento terapêutico⁷ foram se constituindo empiricamente por extensão das atividades equestres nos hospitais e centros de reabilitação em que os cavalos forma muito difundidos depois das grandes guerras do século XX.

Esse processo reinventivo afirmou-se rapidamente como uma possibilidade da pessoa com deficiência, acamada, hospitalizada e/ou com transtornos mentais ou psiquiátricos se recuperar e/ou potencializar das suas próprias limitações.

A Equoterapia segue esse curso integrador/inclusivo e ela trouxe para a pessoa com deficiência um programa mais filantrópico, que ampliou e desenvolveu essa temática, chegando às associações sem fins lucrativos, reconhecidos pelos órgãos públicos e conselhos de saúde⁸.

Desse modo, a Equoterapia entra em cena como um viés clínico/médico, que por meio do cavalo trata dos casos de deficiências motrizes, mentais, neuromotrices, distúrbios comportamentais a partir de técnicas adequadas do universo da equitação em centros especializados. Isso, para tratamentos de pessoas deficientes coordenados por profissionais da área da saúde, das ciências humanas (Psicólogos), do esporte e da equitação em que os programas principais, segundo a ANDE (2013) variam entre:

- A hipoterapia em que o cavalo é empregado mais como suporte do tratamento motor do praticante e ele deve ser auxiliada por mediadores, auxiliares laterais e guias. Esse programa é mais usado em sujeitos que necessitam de apoio humano nas laterais do cavalo e muitas vezes de montaria dupla, pois o praticante, nesse programa, é dependente dos auxílios humanos para permanecer montado. O programa tende a ser particular e individualizado para cada necessidade especial do praticante e a andadura do cavalo nesse programa é o passo.

- A Educação e a Reeducação é um programa equoterápico em que o cavalo é usado como instrumento psicopedagógico. A Equoterapia pode ser utilizada como apoio na escolarização dos praticantes. Ela é indicada ao praticante com mais de autonomia

⁷Esse uso terapêutico de terapia equestre surgiu em 1965 na França, num tipo de manual intitulado “A reeducação através da equitação”. Porém a partir de 1963, a equitação como terapia já era utilizada como ferramenta de reabilitação de acamados, deficientes e hospitalizados. Em 1965, na França, a Equoterapia torna-se uma matéria didática e em 1969, foi realizado o primeiro trabalho científico de reeducação equestre, no Centro Hospitalar Universitário de Salpetriere. Em 1972, foi defendida a primeira tese de Doutorado sobre Equoterapia na área de Medicina, em Reeducação Equestre, na Universidade de Paris, em Vai-de-Mame, pela Dra. Collete Picart Trintelin. E nos países escandinavos começaram a utilizar a expressão “Equitação para Deficiente”, que nasceu há mais de 70 anos. “A prioridade é o efeito lúdico, isto é, prazer e esporte como estimuladores dos efeitos terapêuticos” (LERMONTOV, 2004, p.55).

⁸ Em 2003, o Conselho Federal de Medicina (CFM) emite o PARECER CREMERJ N. 128/2003, reforçando e esclarecendo o parecer de 1997 acentuando o viés clínico. Disponível em:

<http://www.portalmedico.org.br/pareceres/crmrj/pareceres/2003/128_2003.htm>. Acesso em junho de 2013.

para a montaria e com isso completar sua sessão com atividades escolarizadas ou da cultura da escola formal. O programa tende a ser particular e individualizado para cada necessidade especial do praticante e a andadura mais utilizada do cavalo nesse programa é o passo.

- O programa Pré-Esportivo parte de atividades de equitação em que o praticante já tem condições de conduzir o cavalo com independência. Os praticantes já podem ser incluídos numa atividade mais inclusiva, a qual os sujeitos com necessidades especiais trabalham em grupo, com o objetivo de preparar os praticantes para apresentações equestres ou competições. O trote já é a andadura indicada neste programa.

- O programa esportivo é para o praticante que já possui total independência com a montaria. Nesse programa, o praticante pode realizar atividades adestradoras, saltos, galopes. São atividades inclusivas com competições, ranking e tem o objetivo representativo do esporte paraolímpico.

Em nossa compreensão, esses programas consideram a Equoterapia com um processo gradual de transformações por aptidões. A relação estabelecida por esse tipo de metodologia individual limita o campo de atuação da escola e dos agentes escolares na escolarização da criança, colocando os agentes escolares como meros cumpridores de programas e espectadores do progresso da criança especial. E, nesse sentido, o praticante é o principal responsável por suas conquistas motrizes como também do seu sucesso ou fracasso. Nessa perspectiva, não incluem diferentes ações pedagógicas (re)inventivas com outras linguagens (desenho, teatro, música, brincadeiras) para serem utilizadas com sentido e para outros tipos de aprendizagem.

Uma escola comprometida com o projeto de classe trabalhadora estimularia os valores da coletividade, da solidariedade, da cooperação, além de criar metodologias que incorporem a redefinição de materiais e o uso de materiais, não como fim, mas como meios para realizar projetos coletivos das crianças. (GARCIA, 1993, p.16).

A inclusão de uma criança/praticante autista na equoterapia é estabelecida por fatores afetivos da criança e o cavalo bem como os fatores fisiológico-anatômicos do animal e que tal escolha não passa meramente pelo olhar pueril como podem pensar alguns que, por acaso, não conhecem o trabalho equoterápico e suas funções. Não é só ter uma equipe interdisciplinar da saúde, ciências humanas, agrárias e/ou ter cavalos mais próximos do ideal/típico para que ocorram as sessões equoterápicas. É fundamental destacar a importância da equipe como um todo ter conhecimento e experiência em equitação, técnicas equestres e conhecimento sobre a área de saber da Educação Especial/Inclusiva e metodologias educativas como conhecimentos essenciais.

A equipe interdisciplinar deve distinguir com propriedade sobre etiologia equina, conhecer bem o outro ser, animal, que é de outra natureza, que se comunica corporalmente e se comporta com alguns traços do ser humano e possui necessidades características de um ser especial e que pode, eventualmente, alterar suas atitudes e comportamentos mais usuais de acordo com as argutas modificações do espaço que se move.

A equipe interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho realiza o atendimento equoterápico semanalmente. Todos os agentes escolares, (bolsistas da Educação Física, professores da escola, bolsistas e voluntários da Zootecnia,

Veterinária, Psicologia, Pedagogia e outros⁹) da Equoterapia participam constantemente de treinamentos, estudos, capacitações equestres e discussões sobre temas da Educação Inclusiva.

Nosso programa de Atendimento Especializado de Equoterapia da UFRRJ tem como local de atendimento escolar o Picadeiro CAIC Paulo Dacorso Filho (um picadeiro aberto no pátio da escola sem cobertura, de grama, areia fofa e batida) com sessões semanais em torno de 60 minutos para dois programas de Equoterapia: o programa integração e inclusivo com o escopo de ensino, extensão e pesquisa. Temos registro de laudos, observações, fotografias, registros diários, trabalhos de campo, fichas de avaliação; e registros de anuência da família para prática equoterápica.

Começamos nossa prática equoterápica dentro dessa escola no ano de 2013 com esses dois programas de Equoterapia Educacional: Integração e Inclusão. A equipe de Atendimento Equoterápico é composta de agentes escolares: um Professor de Educação Física, uma Psicopedagoga, uma Pedagoga, sete bolsistas de Educação Física – PIBID – Capes do projeto Educação Física-Inclusão, duas bolsistas da UFRRJ da Zootecnia, duas alunas da Zootecnia, um mestrando em Engenharia Agrônoma e um instrutor de Equitação que são voluntários. O trabalho colaborativo conta com as professoras regentes, a nutricionista da escola, toda a organização escolar, a educação física formal e os alunos bolsistas PIBID – Capes.

Temos atualmente na Equoterapia Escolar dez alunos com TEA, alunos diagnosticados com dificuldades de desenvolvimento e/ou comprometido, comportamento restrito e repetitivo e dificuldades comunicação recíproca, na linguagem verbal e na Interação social. O trabalho equoterápico para o Programa Inclusão, o qual o nosso aluno com TEA (estudo de caso) participa nas seguintes fases: 1) Saudação entre praticantes, mediadores e equipe; 2) Rodinha Inclusiva e exploração do mundo equoterápico com os mediadores e equipe; 3) Montaria com circuitos pedagógicos; 4) Trabalhos específicos com cada praticante; 5) Trabalho Coletivo: Roda inclusiva e exploração da interação e linguagem verbal; 6) Despedida dos cavalos, mediadores e Equipe.

Na escola, diferente de uma clínica ou consultório da área da saúde, nossa função é avaliar o sujeito-praticante que já tem um laudo médico, primeiro coletivamente; como ele age com os professores, com os colegas, com a família e com outros agentes escolares. Desse modo, desconstruindo a rígida classificação etiológica utilizamo-nos, no caso da criança com TEA, de todos os recursos equoterápicos/suporte pedagógico de escolarização para sua interação social, comunicação recíproca e os comportamentos restritivos a fim de se possa reinventar uma escolarização cidadã.

A nossa avaliação é diagnóstica. O que difere da forma de avaliação apenas no produto. Os possíveis produtos são diagnosticados como processos em que vemos os recuos, avanços e as possibilidades em todo o percurso de escolarização do aluno-praticante. Conversamos com a família, que sempre está presente nas sessões de Equoterapia, sobre a vida da criança fora da escola, recolhemos informações de todos os agentes escolares. As atividades com e sobre o cavalo fazem parte de um processo maior o qual estamos inseridos.

A avaliação com e sobre o cavalo envolve todas as áreas de escolarização da criança com TEA. Desse modo, avaliamos as funções psicomotrices da criança sobre o cavalo: seu tônus postural, equilíbrio e coordenação motora global. Essa estrutura psicomotriz é fundamental para a movimentação e funcionalidade para o bom processo de escolarização.

⁹Temos alunos voluntários dos cursos de Engenharia Agronômica, Ciências Contábeis, Filosofia, Licenciatura em Educação do Campo, profissionais da Fisioterapia, Serviço Social, Enfermagem e profissionais da Equitação que participam voluntariamente das sessões equoterápicas sem nenhum tipo de remuneração ou bolsa auxílio.

A boa montaria com suportes laterais entre o aluno-praticante entusiasma diretamente o curso da escolarização e, consequintemente, a ação de interação entre esses sujeitos. Contudo, deve-se atentar ao fato de que a importância da montaria pode se induzir espontaneamente pelo sucesso da aversão ao animal ou o controle da ansiedade quando o praticante se descobre sobre o cavalo. A sua propriocepção corpórea em cima do cavalo é um trabalho radical na Equoterapia como também a atividade que o aluno praticante toca no corpo do animal, descobre as semelhanças das partes do seu corpo com o corpo de cavalo se envolve afetivamente com ele.

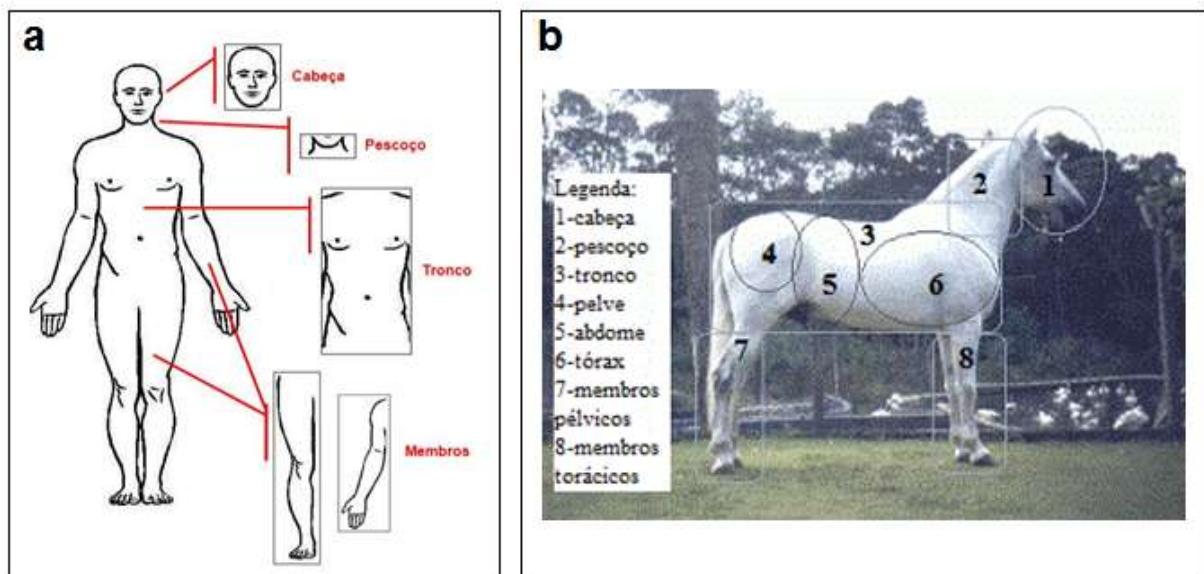


Figura 7 - (A e B) – As partes do corpo humano são as mesmas que as do corpo do cavalo: pernas, mãos, barriga, pescoço, bumbum, orelhas, peito, cabeça, etc. Este é um exercício psicomotriz de esquema corporal e imagem corpóreas muito utilizado na Equoterapia Educacional da UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho. Imagem disponível: <http://3.bp.blogspot.com>.

O movimento do cavalo proporciona uma ação de tônus postural no aluno, o que, por sua vez, faz que o praticante descubra o seu eu, sua visão do outro e de mundo e, por adjacências, a sua escolarização. Esses são fatores essenciais para o desenvolvimento da escolarização do aluno com necessidades educacionais especiais.

Se as ações psicomotrices geradas pelo cavalo causam percepções corpóreas, melhora a coordenação geral, aviva a linguagem, a atenção seletiva, ocasionando ao aluno condições, interesse, ludicidade e conteúdo para sua escolarização, pode-se, nesse sentido, vislumbrar uma pedagogia equoterápica na escola em que o aluno com TEA está inserido. Contudo, para que todo esse processo aconteça, há de se ter na escola, agentes escolares que precisam se sentir desafiado para a escolarização colaborativa do aluno especial. A imagem abaixo retrata a interação entre os mediadores da Equoterapia da UFRRJ e o aluno com TEA.



Figura 8 – Atividades pedagógicas de alfabetização da linguagem escrita a partir das partes do corpo do cavalo. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia.

No final de cada atendimento especializado, os alunos-praticantes fazem carinhos nos cavalos, alimentam os animais com cenoura, rapadura e goiaba. Eles se aproximam dos cavalos, guiam-nos pelo ambiente equoterápico, levando-os muitas vezes para pastar, pentear sua crina, topete e temos atividades de banhos. A aceitação dos cavalos é mútua. Os animais valorizam esses procedimentos e estão sempre abertos para interagir com os alunos.

Os cavalos da Equoterapia apresentam consideráveis graus de docilidade, não apresentam nenhum estranhamento ou rejeitam as crianças e interagem facilmente com os que deles necessitam. Com isso, eles também se sentem incluídos no projeto de atendimento especializado, gostam do trabalho que fazem. Eles se interagem bem com os mediadores e todos os agentes escolares.

A foto abaixo apresenta parte da equipe de que compõem a prática semanal das sessões de equoterapia.



Figura 9 – Os cavalos e parte da equipe da Equoterapia da UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia

Dessa forma, a Equoterapia Educacional não implica somente o movimento da montaria, mas também a ações pedagógicas com o cavalo desde o picadeiro até o todo o ambiente escolar. Sendo assim, é importante reconhecer que, a nossa avaliação é inspirada na concepção educacional histórico cultural (VYGOTSKY, 1997) em que as peculiaridades do sujeito especial não devem se referir aos processos, de um sujeito a histórico ou sem a cultura a qual ele está inserido, pois, para nós o seu processo avaliativo não pode ser homogêneo e uniforme, pois, no nosso caso ele só é concebível a partir de um aluno real que tem uma vida também fora da escola, membro de um grupo e de um tipo de sociedade.

Predomina a interpretação de que para sujeitos com alguma deficiência a imersão na vida social dá-se por meio de um outro que é o “normal” – o vidente para o cego, o ouvinte para o surdo, o inteligente para o deficiente mental. (GOES, 2015, p.46).

3.4. Autismo e Equoterapia: A interlocução com o cavalo no contexto da aprendizagem inclusiva da criança com TEA.

Uma obra de como o autismo é reconhecida na literatura da Equoterapia aqui no Brasil é o livro produzido por Heloisa B. G. Freire, a partir de suas experiências com crianças autistas com o título “Equoterapia: teoria e técnica, uma experiência com crianças autistas” (FREIRE, 1999a). Tal estudo pauta a Equoterapia de crianças autistas típicas e atípicas e não especifica um contexto cultural e social da criança.

Quanto aos nossos objetivos, pretendíamos avaliar as possibilidades da Equoterapia enquanto recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas ou portadora de distúrbios autistas atípicos, segundo a

classificação do DSMIII-R (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e DSM-IV. Para isso, buscamos reunir informações sobre as crianças atendidas, identificar através das sessões, os comportamentos mais característicos do autista na sessão de equoterapia e verificar as principais alterações de comportamento do autista, pré e pós intervenção. (FREIRE, 1999a, p.79)

Freire (1999b) afirma que a Equoterapia para as pessoas com o Transtorno do Espectro Autista deve se preocupar com sujeito em todas as suas dimensões comportamentais. Necessita aproveitar o que o cavalo proporciona aos praticantes componentes dos movimentos presentes na marcha humana.

Acreditamos que, por meio dos movimentos do cavalo, a criança autista atua sobre o cavalo, com o mundo e com os outros, desenvolvendo sua individualidade social, conhecendo seu eu e o conhecimento do todo ao redor dela, granjeando autoestima, autoconfiança e, que esses elementos são cruciais para o seu mundo social e a sua escolarização. Entretanto, esses fatores não se constroem apenas via a Equoterapia, mas também no social e na escola.

Freire (2009, p. 1) revela que trabalha a partir do escopo clínico que há uma relação direta entre o autismo e áreas de funcionamento anormal desse tipo de criança que, para a autora os autistas são crianças que se expõem pela incapacidade de ter qualidade na integração social recíproca, incapacidade qualitativa de comunicação verbal e não verbal; incapacidade na atividade imaginativa, repertórios de atividades e interesses acentuadamente restritos.

Concordamos que essas áreas sejam componentes importantes de uma criança especial como a criança com TEA, mas é importante que o outro (o professor ou o mediador) também esteja afiançado dos potenciais que a criança já tem e das potencialidades que vai poder ter. Isso é um processo que o mediador sabe que ele pode ser o suporte de segurança e aprendizagem ao longo das etapas de socialização e de áreas sociais que influenciam nas interações da criança com TEA, que podem ser refletidas no cotidiano do mesmo. Sendo assim, a prática lúdica torna-se uma ferramenta a mais a colaborar nesse processo, conforme imagem abaixo retratando um momento de interação e socialização a partir de jogos cantados em forma de ciranda.



Figura 10 – Praticantes da Equoterapia Educacional UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho numa atividade de jogo simbólico. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia

A inclusão da Equoterapia, designadamente, está presente enquanto recurso terapêutico para a criança autista. A Equoterapia é assentada a serviço do desenvolvimento psicomotriz anormal que são consideradas distúrbios que precisam ter maturidade para o convívio social da criança com TEA.

Através desse estudo, observamos o desenvolvimento da Equoterapia, enquanto recurso terapêutico, no tratamento de uma criança autista atípico, segundo a classificação do DSM-IV, analisando dados específicos tais como: desenvolvimento global, aspectos psicomotores, área emocional, linguagem e socialização, aprofundando estudos já realizados anteriormente. (FREIRE, 2009, p. 2).

Para nós, Freire (1999) considera a Equoterapia como um recurso gradual de ações específicas clínicas entre o trabalho do cavalo e o desenvolvimento da criança autista, fragmentando a criança e totalidade do mundo que a cerca e, fragmenta também o processo pleno de possibilidades que é a Equoterapia como prática colaborativa, pois para Freire: nosso trabalho de pesquisa pode ser considerado como um estudo de caso de validação clínica que utiliza medidas de avaliação antes e depois (FREIRE, 1999a p. 80)

A autora ainda registra:

Quanto aos recursos humanos, a equipe foi constituída pela pesquisadora que é instrutora de equitação, especializada em equoterapia e psicóloga com formação em equoterapia, um fisioterapeuta, duas acadêmicas do curso de Fisioterapia, duas de Psicologia e duas de Terapia Ocupacional. (FREIRE, 1999a, p.91).

A autora restringe a área de saber da Equoterapia como um todo como também a atuação do outro no processo terapêutico (professor, agentes escolares e outros) depositando nos agentes terapêuticos e/ou educacionais como parte de uma espectadora que assiste os progressos da criança com TEA. Nesse sentido, a criança é densamente responsável pelo seu sucesso ou fracasso na Equoterapia.

Imediato a isso, outro modo que Freire (1999b) trabalha são os gráficos dos comportamentos observados por paciente (ECCA, 1999) em que registra a operosidade psicomotriz do praticante centrada na avaliação dos terapeutas – aqueles que proporcionam planos e habilidades para serem realizados pela criança com TEA.

Foi utilizada a ficha de avaliação padrão da Associação de Amigos dos Autistas (AMA). Esta ficha compreende os seguintes aspectos desenvolvimento perceptivo (percepção auditiva, tático, espacial e temporal) desenvolvimento da motricidade, hábitos de independência, esquema corporal, coordenação manual, desenvolvimento verbal e compreensão verbal, leitura e escrita, conceitos numéricos básicos, área emocional-afeto-social, linguagem, socialização, movimentos corporais. (FREIRE, 1999a p.120).

Freire (1999b) apresenta avaliações que devem ser vivenciados pela criança a partir de exemplos de exercícios psicomotrices com um percentual conquistado pela criança que executa o trabalho equoterápico. Exemplo: A – *Percepção do Outro*. Focalizar Atenção em um membro da equipe da existência ou sentimentos dos outros.

(39%); B – *Imitação*. Imita dos gestos propostos pela equipe. (06%); C – *Jogo Social*. Reciprocidade social ou emocional. Relacionar-se com os membros da equipe (58%), etc. (FREIRE, 1999b, p.3)

Esse tipo de avaliação apresenta modos operantes que a criança autista, quando ela está na Equoterapia, já deve ter uma habilidade psicomotriz como produto padrão que lhe é exigido socialmente. O que significa ter um modelo típico de Psicomotricidade padrão? No entanto, onde podemos encontrar esse modelo psicomotriz? Qual a criança típica que possui ou pode ser um modelo psicomotriz padrão?

Cabe ressaltar que observamos o desempenho do grupo que uma criança teve muitos ganhos no trabalho, dois outros ganhos médios e as demais, muitas vezes quase não apresentaram mudanças antes e depois. (FREIRE 1999a, p.126).

Uma criança com TEA pode ter diferentes entendimentos sobre seu corpo e suas possibilidades de ações corpóreas. A Equoterapia presta, entre outros apoios, um tipo de movimento mais parecido com a marcha humana, tridimensional que tem um caráter mais rápido e/ou mais lento dependendo do cavalo, que podemos utilizar para marcar um ritmo para a criança especial.

Porém, a criança com TEA, guardando as devidas diferenças com uma criança típica (GOÉS, 2015), quando entram para um programa equoterápico tem uma história de vida e podem possuir um repertório de conhecimentos escolarizados e habilidades motrizes bem definidas. Apenas, talvez, precise melhorar sua qualidade de interação social.

Isso quer dizer que a Equoterapia pode atuar com outras habilidades e competências sociais em que o cavalo pode ser até um apoio pedagógico, pois, para nós a criança com TEA, não pode ser responsável pela construção do seu sucesso ou fracasso escolar via apenas um atendimento especial para a escolarização, mas ela necessita do coletivo da escola e da responsabilidade de todos os agentes para o seu processo escolar.

Essa visão coletiva, que encrava suas bases na perspectiva histórico-cultural não extrai dos agentes terapeutas e/ou escolares a responsabilidade para desenvolverem o desenvolvimento coletivo da criança com autismo, colocando o todo terapêutico/escolar no processo de escolarização do aluno especial. A Equoterapia como atendimento educacional especializado passa a fazer parte do processo e o ensino e a aprendizagem como unidade interdependente entre quem ensina e aprende e não dependente de um sujeito que se responsabiliza individualmente pela sua aprendizagem.

Descrevemos o atendimento educacional especializado, via a Equoterapia, em que o aluno especial é o ator principal. O atendimento especial da Equoterapia é um dos suportes de interação, atividades com os cavalos e atividades inclusivas que se reservam a amparar a escolarização do aluno com TEA.

Desse modo, o cavalo é um dos agentes educadores, não tão especial como o professor de classe, mas um cúmplice da escolarização do aluno-praticante como um coleguinha de classe, o mediador da Equoterapia e/ou professor de Educação Física. Um membro entre os agentes escolares como os quais o aluno com TEA convive no cotidiano da escola.

Anache (2015) reconhece por meio da abordagem histórico-cultural a proeminência do outro no processo de escolarização do aluno especial e nessa força motriz está a construção de métodos reinventivos na escola. Um modo de olhar que distingue o aluno especial como sujeito individual de vida social:

É necessário considerar que o curso de desenvolvimento desse sujeito passa pela colaboração, pela ajuda social de outra pessoa, que inicialmente é sua razão, sua vontade, sua atividade. Essa tese coincide plenamente com o curso normal do desenvolvimento da criança. (ANACHE, 2015 p.54).

Com a intenção de especificar essa contribuição de Vygotsky (1989) que procura desvendar o outro nos processos de significação do aluno com necessidades educacionais especiais, vamos explorar os diálogos e acontecimentos escolares de um aluno com TEA. Um estudo de caso interpretado com o contexto localizado das atividades de Atendimento Educacional Especializado da Equoterapia em interação com outros espaços escolares..

Essa matriz histórico-cultural tem um caráter analítico-propositivo na área da Equoterapia que busca compreender o cotidiano escolar de uma criança com TEA que seja explicada a partir de uma projeção de Equoterapia mais inclusiva, dialógica e envolvente com vistas à mudança da mentalidade dos paradigmas médicos para o apontamento de práticas inventivas no sistema escolar.

4. O PERCURSO METODOLÓGICO DO COTIDIANO DA PESQUISA

A escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporta. Como colega, amigo, irmão. Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”. Nada de conviver com as pessoas e depois, descobrir que não tem amizade a ninguém. Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar nela”! (Paulo Freire, 1999).

4.1. A Equoterapia Educacional: o percurso inclusivo do educando ‘Felipe’¹⁰.

A nossa trajetória metodológica põe como questão fundamental a evolução de uma criança com TEA na Equoterapia educacional colaborativa que aponta para a inclusão escolar na de educação básica regular. Essa questão tem seu foco na prática escolar adaptada, pois a Equoterapia Educacional UFRRJ/ já faz parte do CAIC Paulo Dacorso Filho desde o ano de 2013 e, os agentes educacionais já consideram os cavados como também agentes escolares.

A partir dessa trajetória, elegemos para esta pesquisa, a metodologia do tipo qualitativa, que, para nós, prioriza a descrição clara e aberta das informações dos agentes escolares envolvidos com a prática equoterápica na escola e a escolarização de um aluno com TEA, observada ao longo do trabalho, que foram escolhidos para a análise.

Para estabelecer essa questão como uma das principais norteadoras deste trabalho buscou-se, assim, interpretar as respostas sem preconceitos, ouvir os agentes da pesquisa, adaptar em diferentes situações educativas, flexibilizar a pesquisa para atender o outro. Desse modo, fomos sendo ajudados pelos nossos interlocutores que estão dentro de uma perspectiva dialógica de educação e do cotidiano escolar. Outras contribuições derivadas dessa perspectiva que estão nas pesquisas de outros interlocutores nos ajudaram muito a pensar na constituição do sujeito com o TEA, o Felipe a sua escolarização, mediação pedagógica e a Equoterapia dentro de uma escola.

É interessante expor que para Ludke e André (1987), a pesquisa qualitativa em educação tem como *approach* o estudo de caso, que comporta uma categoria de pesquisa, cuja parte é uma unidade do todo que se pode analisar de maneira aberta e radicada em uma determinada realidade social, em que a pesquisa sempre estáposta na esfera da investigação da pesquisa-ação.

Identificamos que esse tipo de pesquisa presume “[...] participação dos próprios interessados na própria pesquisa, organizada em torno de uma determinada ação” (THIOLLENT, 2008, p.83). Desse modo, o estudo de caso no cotidiano de uma escola pode contribuir para que os resultados da pesquisa proporcione a melhoria do sujeito estudado, provocando assim a aprendizagem adjacente do pesquisador e o sujeito pesquisado, ambos imbricados numa ação sistemática de um mesmo problema.

Segundo Trivinôs (1987), a pesquisa qualitativa é a que se desenvolve dentro de uma atuação social. Ela adota os dados descritivos a partir da observação, da entrevista aberta. Ela é flexível e enfoca a realidade de forma distinta e contextualizada para apreender melhor a aproximação entre pesquisador e sujeito pesquisado. Ele propõe que a situação estudada (o estudo de caso) seja uma investigação direta do pesquisador e o sujeito pesquisado e, que

¹⁰ Esse nome e os nomes neste estudo são fictícios para preservar a integridade dos sujeitos que participaram do *corpus* de análise desta pesquisa.

busque no fenômeno observado, o contato direto com o próprio dentro de seu contexto real, principalmente, quando as fronteiras entre o sujeito da pesquisa e o contexto real em que a pesquisa se dá, são indivisíveis.

Isso fez com que encarássemos a situação dada a partir de resultados que favorecessem também a melhoria do projeto, do sujeito pesquisado e da escola. Isso, no desenvolvimento de ações práticas para orientar toda a pesquisa. Desse modo, o estudo de caso como práxis educacional, foi focalizado em um ““para quê” a pesquisa?”. É uma questão que nos levou à análise de toda a situação estudada e do progresso do estudo do caso (uma criança com TEA) ao longo do tempo e, para o qual a história de uma pessoa está literalmente envolvida em um processo educacional.

Essa perspectiva dialógica em Paulo Freire trata do diálogo entre a escola e seus agentes, em que todos têm direito à voz e se educam mutuamente. Este diálogo requer uma reflexão que pode conduzir qualquer sujeito escolar a um nível crítico elevado que provoca a práxis pedagógica que é capaz de emancipar o educador, o educando e a escola como um todo. Se o diálogo entre os agentes escolares é constituído com liberdade, os saltos escolares são propícios à mudança. Na construção desta liberdade, o diálogo pode contribuir, uma vez que participa da interação/inclusão do sujeito escolar com ele próprio, com os outros e com o mundo.

O uso do diálogo supera, justamente, a impossibilidade da socialização de saberes entre os sujeitos escolares. Assim o:

[...] educador já não é o que pensa que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem junto e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. (FREIRE, 1987, p.39)

Com essa citação, este aporte dialógico freiriano considera que por meio do diálogo existe outra maneira de escolarização, envolvendo a arte da ação dialógica integrante nas ações de compreensão do outro a partir da interação, na qual o sujeito escolar é considerado um sujeito de um processo que está no todo escolar. O percurso metodológico, nesta pesquisa está sob a égide desta orientação, pois como a pesquisa entre os sujeitos escolares, deve ser sempre dialógica, na qual pesquisador e pesquisado (o nosso estudo de caso) são partes integrantes também do processo investigativo e na pesquisa como em se um todo eles também se emancipam.

4.2. Práticas reinventivas na escola com o diálogo recíproco na aprendizagem

A escola também processa transformações no seu espaço de interação para incluir o diferente (entre cavalos e crianças especiais) que podem e que devem (principalmente a criança especial) estar inseridos dentro da instituição escola. Distinguimos que, essa transformação é parte de um processo, que não ocorrem por meio de um incidente pedagógico, mas de forma processual e continua.

Avaliamos a partir dos estudos de Certeau (1995), que as possibilidades de desenvolvimento do aluno com TEA se encontravam dentro do cotidiano da escola, em suas experiências escolares nas relações concretas entre professores, colegas e cavalos, o que constituiu a forma como o aluno vai se relacionando com os outros e consigo mesmo. Assim, trabalhamos nessa ação dialógica: Equoterapia e escolarização; articulando a Equoterapia com as atividades da professora regente na sala de aula, das atividades pedagógicas da professora de apoio, da Educação Física no ensino infantil participando com eles a nossa pesquisa e

dialogando com eles o cotidiano do aluno, com a sua família nas sessões equoterápicas e com a escola.

[...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’ [...]. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível.... (CERTEAU, 1994, p. 31).

A proposta de investigar o processo de evolução de uma criança com TEA em seu cotidiano escolar se propôs a vivência experimental do cotidiano entendida como uma atuação que não vale apenas para a compreensão de uma determinada realidade social para conhecê-la, mas para que transformando os rígidos espaços/tempos da escola em ações dialógicas no próprio ambiente escolar é fundamental, para revelar o não curricular que caracterizam a mediação escolar de forma mais intensa.

Desta forma, o educador não é exclusivamente aquele que deve transmitir o conhecimento sistematizado buscando proporcionar ao educando o conhecimento oficial que está publicado no currículo escolar, mas se escolariza, deixa que o outro (o educando) dê um sentido para a escola, em que, neste trabalho, expomos esse tipo de escolarização desde o inicio. O conceito de que escola, que defendemos, não é apenas sistematização de conhecimento, mas inventar possibilidades, criar desejos, oportunidades de investigações e sugestões, em que o educando sinta desejo de continuar e permanecer na escola, principalmente o aluno especial. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.21).

A Equoterapia na escola para o aluno com TEA provoca por um lado a mudança de ações de inclusão e permanência da criança especial num projeto diferente como também outros tipos de ações pedagógicas que ajudem a continuidade desse tipo de aluno na escola. Para isso, a Equoterapia se propôs colaborar para o desenvolvimento nos diferentes campos de saberes da escola. “O trabalho colaborativo com os agentes escolares implica um processo de mediação, transformando experiências [...] o que necessita não apenas de planejar as ações, mas refletir sobre elas, avaliá-la para planejá-las novamente tornando-as intencionais e sistematizadas, elementos fundamentais da mediação pedagógica” (CHIOTE, 2013, p. 83). A Equoterapia dentro da escola ajudando na escolarização do aluno com TEA escolheu trabalhar dentro dessa esfera de ação.

As sessões da Equoterapia Educacional foram, dessa forma, as principais atividades de mediação pedagógica para conhecermos a escolarização do aluno com TEA. Foi com ela e a partir dela que mergulhamos nas ações escolares e observamos, ouvimos, descrevemos e analisamos todas as narrativas dos agentes escolares que tratam das crianças especiais no contexto da escola. Assim sendo, foi a Equoterapia Educacional que mediou pedagogicamente as nossas ações de pesquisa no CAIC Paulo Dacorso Filho.

Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1996, p. 26).

Dentro dessa perspectiva, alcançamos a ação do educando como sujeito do seu processo de escolarização e pensamos e acreditamos a escolarização em todas as relações estabelecidas dentro do contexto escolar. O aluno com TEA passa a ser visto como agente e

não mais como um indivíduo em vias de inclusão escolar. Nisto, o educador faz a parte do processo escolarização, mas também se escolariza, ou seja, se educa.

Desse modo, analisando os espaços/tempos escolares de um aluno com TEA e seu o processo de escolarização, começamos a pesquisa na escola CAIC Paulo Dacorso Filho, em abril de 2014 e finalizamos em abril de 2016. Ao mesmo tempo em que usávamos as sessões equoterápicas como um projeto pedagógico ou recurso pedagógico de AEE para contribuir para a escolarização do aluno com TEA, também descrevíamos e analisávamos os modos em que os agentes escolares olhavam para o desenvolvimento do Felipe e seu movimento de escolarização.

4.3. ‘Felipe’ – A compreensão e a constituição de si e em si no contexto dos diferentes espaços da aprendizagem.

Em abril de 2014, começamos a observar primeiras evoluções na socialização e interação de nosso sujeito pesquisado. Assim, começamos a descrevendo as atividades equoterápicas do aluno com TEA e essas evoluções fazendo um aporte com as práticas educativas intraclasse, tendo como suporte o trabalho com e sobre os cavalos ao longo das sessões de equoterapia. Então, decidimos nos voltar ao estudo dele no cotidiano da escola tendo a Equoterapia como apoio pedagógico. Essa ação metodológica foi o nosso suporte de pesquisa e, dessa forma convidamos a escola para a realização da pesquisa. Pelo menos dois dias ao longo da semana, passamos a observar mais detalhadamente as interações do aluno com TEA na Equoterapia e como essa prática estava ou não colaborando na escolarização dele nos diferentes espaços/tempos da escola.

Buscamos, dessa forma, sistematizar os horários da pesquisa com os agentes da escola e da família para participarem do estudo com informações e discussões sobre o trabalho pedagógico do aluno com TEA, com as suas professoras regentes, os seus mediadores de Equoterapia, a organização escolar (supervisores, orientadores, direção, nutricionista) e os bolsistas PIBID/UFRRJ/Capes de Educação Física¹¹. Após apresentação da proposta de pesquisa, fizemos uma proposta de atividades de acordo com o horário de atividades de contraturno do aluno, já que o mesmo é aluno de horário integral, onde a escola reserva um momento de acolhida e orientação educacional à família, oportunizando assim uma interação das atividades da prática da equoterapia, pesquisa e atendimento escolar a para refletirmos o trabalho juntos aos demais profissionais da escola. Para isso, buscávamos encontros

¹¹O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no CAIC Paulo Dacorso Filho iniciado em abril de 2014, via UFRRJ e, coordenado pelo professor José Ricardo da Silva Ramos foi construído em três eixos: 1) Formação de professores inclusivos a partir da Terapia Assistidas por Cavalos na - Equoterapia Educacional junto com alunos com necessidades educativas especiais; 2) Atividades corpóreas na Educação Infantil e na Alfabetização; 3) Capacitação de bolsistas em atividades da cultura corporal do movimento com estratégias dirigidas à apropriação das diferentes epistemologias da Educação Física, métodos de intervenção na Educação Infantil e no ensino fundamental a partir de processos reflexivos ligados às ações pedagógicas, na formação de professores de Educação Física numa perspectiva inclusiva. Apoiados por esta práxis inclusiva, a base do Trabalho docente no CAIC questionou o Conselho Nacional de Educação (CNE) a respeito do Artigo 31 da Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010. O artigo determina que “do 1º ao 5º ano, a Educação Física pode estar a cargo do professor de referência da turma ou professores licenciados nos respectivos componentes”. Essa ação fez com que a Secretaria Municipal de Educação de Seropédica dispensasse os professores de Educação Física das escolas do município que trabalham com esse segmento. Em resposta, a isso o PIBID/UFFRJ/Capes voltou-se para a atividade pedagógica com a Educação Infantil, entendendo-a como importante para a formação e desenvolvimento da criança, inclusiva, ampliando o olhar para diferentes modos de trabalhar na Educação Infantil no interior da escola.

semanalmente nos dias da prática da equoterapia, entre nós a partir da disponibilidade de horário dos agentes escolares para a coleta de dados. A professora regente, a estagiária de apoio, a pedagoga e os mediadores da Equoterapia tinham um horário junto ao nosso em que depois das sessões da Equoterapia, sempre se reuniam semanalmente. Os familiares do aluno com TEA e os bolsistas PIBID sempre eram procurados em horários desiguais aos nossos e dias diferentes do dia da Equoterapia, todas as terças feiras da semana.

Nesse sentido, fomos coletando dados, descrevendo-os, interpretando-os e observando o nosso estudo de caso a luz da perspectiva dialógica da Educação. Isso, também fez com que a pesquisa debatesse esse tema do autismo de um aluno no CAIC entre os agentes escolares, levantando situações de análise e reflexão entre todos os envolvidos na escola, como a Equoterapia Educacional atuava com o Felipe e se ela estava, de que forma colaborando para a escolarização do aluno em outros momentos educacionais distintos da Equoterapia.

Provocamos, dessa forma, colaborar com a práxis educacional de todos os envolvidos, discutindo as ações pedagógicas atinentes ao processo de escolarização do aluno, pensando com eles sobre o quê a Equoterapia estava realizando na escola e, ao mesmo tempo ouvindo a sua práxis pedagógica e com isso cooperando no desenvolvimento de conhecimentos sobre o autismo na nossa prática pedagógica e de cada agente escolar a partir de uma na cultura inclusiva.

Essa perspectiva inclusiva está fundamentada no curso dialógico em que a pesquisa alcança sua carga cooperativa por meio dos estudos no cotidiano escolar entre a pesquisadora e os agentes escolares, procurando uma ação de pesquisa dialógica que permitisse pôr em prática as relações interpessoais entre a escola e sua comunidade escolar.

Adotamos esses procedimentos por saber que apresentavam as habilidades de nos inserir no arranjo do trabalho dialógico, os quais nos dedicaram em toda a nossa pesquisa. Essa metodologia, de fazer com, observar, analisar e sugerir ações pedagógicas em cooperação é um trabalho complexo. Pensar com o colega, contribuir para o seu trabalho é uma relação de reciprocidade que depende da participação do todo da escola. Esse jeito de proceder foi se formando a partir do:

Diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1981, p.42).

Esses procedimentos referendou-nos a fundamentar uma reflexão onde o trabalho de pesquisa nos diferentes tempos/espaços da escola. O espaço para que os agentes escolares se encontrem e se apropriem e reflitam a escolarização de um menino com TEA e ao mesmo tempo vivencie o estudo, ponham as lentes inclusivas, pensem nas suas ações que podem mudar. Desse modo, confiávamos que os procedimentos vividos pudessem ajudar o grupo para ver as diferenças e, desse modo, o projeto coletivo oferecesse a todos a reflexão sobre o ‘por que’ da Equoterapia na escola.

Essa é a questão que procuramos envolver todos os agentes na busca da compreensão escolarizada do aluno. Essa questão abrange as ações pedagógicas de produção de múltiplos saberes para a escolarização do aluno: o conhecimento sistemático, a sua produção intelectual, leitura, suas interações, sua alfabetização, suas preferências motrizes, suas atividades equoterápicas, suas narrativas e as nossas práticas colaborativas e também as nossas mediações escolarizadas.

Desse modo, começamos observando o aluno e o cotidiano escolar em diferentes espaços/tempos da escola: Equoterapia, educação física, sala de aula, apoio pedagógico; documentos da escola sobre a vida escolar do aluno.

O plano de ensino particular do aluno fez parte dessa observação, a coleta de dados em relação aos trabalhos de alfabetização desenvolvidos com o aluno e as mediações pedagógicas junto ao aluno por meio das atividades escolarizadas em que a escolarização apareceu como foco, ligada a Equoterapia como também prática colaborativa.

Foi um ano de coletas de dados e observação, em que a Equoterapia focalizou os seus momentos de mediação pedagógica que colaborou na escolarização do aluno com TEA. As repostas dos agentes escolares como parte dos procedimentos metodológicos foram registradas num anedotário de campo em que descrevemos o cotidiano escolar do aluno, as ocorrências que envolveram o contato do aluno com a Equoterapia e a partir dela, adotando como parte do todo da escolarização as práticas educativas constituídas para a sua permanência, continuidade e o gosto pela escola.

Desse modo, a pesquisa de campo foi sendo planejado a partir das nossas observações, depois partimos para os registros dos acontecimentos escolares que observamos. Isso anotado comportou as descrições e as análises da pesquisa, com documentos, informações e reflexões que apareceram em todo o processo do estudo. Esse anedotário foi significante para sistematizar todo esse processo que a pesquisadora observou, permitindo, assim que os episódios mais significativos do ensino e a aprendizagem do aluno com TEA pudessem ser registrados com a prudência volvida em detalhes e particularidades que em outros contextos poderiam até parecer sem significação para a pesquisa escolar.

Buscamos com isso, ouvir os professores. Para isso, usamos entrevistas abertas com roteiros pré-estabelecidos.

Escutamos os agentes escolares diretamente ligados a Equoterapia Educacional: a professora regente, os mediadores da Equoterapia, a estagiária de apoio, a Educação Física e a família. São os agentes escolares que participaram (e ainda participam) da escolarização do aluno com TEA (sujeito do estudo).

Brandão (*apud*, SCHMIDT, NUNES; AZEVEDO, 2013, p. 564) assevera que as tarefas pedagógicas colaborativas com os alunos com autismo oferecem oportunidade de não só adquirir conhecimentos acadêmicos, mas habilidades sociais e comunicativas, por proporcionarem tarefas iguais, caminhos para aprender e generalizar as ações educacionais. A nossa intenção, com isso, foi buscar identificar as visões desses agentes sobre autismo, inclusão e processos de escolarização.

Nessa perspectiva, o contexto da pesquisa na área da Educação se move pontealizando as múltiplas linguagens (oral, gestual), nos episódios interativos, o conhecer e os modos de interação como movimento humano, como um autoproduzir-se [...] a comunicação tem um viés tem um viés a ser desenvolvido nas relações e que as ações dos profissionais da Educação em apostar nas trajetórias escolares de sujeitos com autismo são, ainda, pontos de muita tensão, já que a interação é algo a ser pensado nos processos educativos partindo das relações que ela pode estabelecer (SCHMIDT, NUNES, AZEVEDO, 2013, p. 565)

Ao longo da pesquisa, escutamos a família por meio de entrevistas abertas, no escopo de conhecer o cotidiano do aluno fora da escola, o qual também faz parte da sua escolarização. Registramos fotografias, filmagens, gravações e transcrição de todas as atividades do aluno autista na escola e fora da escola. Esses procedimentos/recursos nos ajudaram na análise da escolarização de outros espaços/tempos utilizados pelo aluno, como

em casa, com a família, na Educação Física, na sala de aula, no recreio e na Equoterapia. São instrumentos que foram utilizados após autorização pela mãe do uso de imagem do aluno, para coleta e registro de dados e depois foram tratadas pelos agentes escolares. Isso tudo para analisarmos a trajetória feita pelo aluno na sua escolarização inicial.

A pesquisa foi, assim, conformada por uma baliza de dados do que foi desenvolvido na escolarização inicial do Felipe e a partir dela começamos a investigar o aluno em outros espaço/tempo (mais e menos) curriculares da escola no decorrer de um ano de observação, descrição e análise da escolarização de um menino com TEA. Desse modo, buscamos nos documentos arquivados do aluno montar uma realidade intricada pelos procedimentos metodológicos de observação, descrição e análise.

A partir disso, contamos como referência as reflexões no modelo freiriano de leitura de mundo que tem a escola a sua percepção dialógica, em que podemos ler a história de inclusão do aluno com TEA, considerando as representações dele da escola, as múltiplas representações que se desenvolveram entre os agentes escolares a partir da compreensão do processo de escolarização de um aluno especial e das suas relações em diferentes espaços/tempo da escola.

[...] o que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, o desprezado, como algo imprestável, o que educando, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, traz consigo a compreensão do mundo, nas suas mais variadas dimensões de sua prática social. (FREIRE, 1993, p. 83)

4.4. Os múltiplos olhares sobre o ‘Felipe’: uma reflexão para além do TEA

Nessa procura de conhecermos mais o aluno na sua vida social e escolar, fomos analisando os seus documentos arquivados na escola, os relatórios e diagnósticos de outros profissionais que não estão na escola. Adotamos uma atitude de exame dos dados cuidadosa, analisando que todos esses dados partiram das atividades do aluno na Equoterapia da escola. Essa análise dos documentos ajudou a nossa descrição e explicação das ações do aluno nos diferentes espaços/tempo da escola dentro do seu processo de escolarização, pois a análise mostrou, para nós o inicio do aluno na escola, a sua integração e inclusão no sistema escolar. Segundo da diretora: “A escola possuí um sistema de vagas por sorteio por edital próprio definido por um colegiado interno formado por representantes da unidade escolar, secretaria municipal de educação cultura e esporte e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em que o aluno especial ou típico pode ser contemplado com a vaga sorteada, pois a procura pela comunidade em geral é grande e dessa forma é um meio mais democrático de matrícula.” (DIRETORA DA ESCOLA CAIC PAULO DACORSO FILHO, fragmento de entrevista dada em março de 2016, Trabalho de Campo).

A Coordenadora Pedagógica do CAIC Paulo Dacorso Filho é formada em Pedagogia pelas Faculdades São Judas Tadeu- RJ e tem especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Ela trabalha na escola há 03 anos e desde 2014 passou a atuar também como supervisora da unidade escolar junto aos alunos de graduação da Educação Física que fazem parte do programa PIBID de Educação Física na área do Projeto de Equoterapia da escola. Sua função no projeto é também voltada para atendimento às famílias. Busca entre outros eventos, assistência médica, neurológica, psicólogos, fonoaudiólogos e outros serviços terapêuticos para os alunos-praticantes. Ela retratou o importante papel de atendimento educacional inclusivo que o projeto desenvolve junto à comunidade escolar. “O seu caráter [a Equoterapia] de aproximação das famílias com a escola é excelente. A prática equoterápica

foi o divisor de águas na questão da socialização e interação social dos alunos com necessidades educacionais especiais. A Equoterapia é muito mais que um método. São apoios que ajudam a criança especial. Não é um trabalho para ela é um trabalho com elas. Destaco que não é só um trabalho com trabalho com os cavalos, mas com o grupo inteiro colaborando, um se preocupando com o outro". (SUPERVISORA DA ESCOLA CAIC PAULO DACORSO FILHO, fragmento de entrevista dada em março de 2016, Trabalho de Campo).

O inicio do processo de escolarização do aluno nos apresentou os seus aspectos integradores e interativos no seu desenvolvimento a partir do olhar dos mediadores, equipe pedagógica e professores da escola.

"[...] o desafio foi muito grande ao chegar à turma para por em prática o ensino das crianças, o qual estava afastado há tantos anos, e, principalmente, em saber que na turma havia uma criança com deficiência. Quando cheguei pensei que não conseguiria dar conta da turma , principalmente, pela dificuldade que tinha em adaptar uma nova realidade de uma criança autista na turma. O desafio inicial de recomeçar, mas a surpresa foi ainda maior quanto me dei conta que estava com uma criança com limitações e que minhas limitações também iriam naquele momento ser algo difícil para mim. Isso me causou impacto e medo." (PRIMEIRA PROFESSORA REGENTE DO FELIPE, fragmento de entrevista dada em outubro de 2015, Trabalho de Campo).

A pesquisa foi, assim, conformada por uma baliza de dados do que foi desenvolvido na escolarização inicial do Felipe e a partir dela começamos a investigar o aluno em outros espaço/tempo (mais e menos) curriculares da escola no decorrer de um ano de observação, descrição e análise da escolarização de um menino com TEA. Desse modo, buscamos nos documentos arquivados do aluno montar uma realidade intricada pelos procedimentos metodológicos de observação, descrição e análise.

O pensamento de Ginzburg (1991), ao falar de pistas no processo de constituição do homem e a sua capacidade cognoscitiva, é interessante dentro dessa pesquisa que quer revelar a escolarização de um aluno especial:

O homem aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez [...] Decifrar ou ler as pistas dos animais são metáforas. Sentimo-nos tentados a tomá-la ao pé da letra, como a condensação verbal de um processo histórico que levou, num espaço de tempo talvez larguíssimo [...] Ambos pressupõem o minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos diretamente experimentáveis pelo observador. (GINZBURG, 1991, p.153).

Essa concepção significativa comportou a direção metodológica de nossa pesquisa. Desse modo, fomos analisando os indicadores pedagógicos que permitissem a compreensão/sentido da escolarização do aluno dentro da pesquisa. Perante a avaliação desses indicadores, as referências teóricas também foram se mostrando na pesquisa a partir do percurso metodológico que estávamos caminhando, entre os olhares da dimensão corpórea do aluno, na Equoterapia, na sala de aula, na quadra, no pátio, entre os colegas de turma. As explicações desses indicadores tornaram-se pistas para compreender o todo escolar que envolve o aluno.

Esses elementos são indicadores que percorreram todos os documentos disponíveis na descrição e análise da pesquisa e mencionam os caminhos da história da escolarização do

aluno com TEA. Esse trabalho iniciou-se nesse trajeto e, que nos permitiu ver a escolarização além da sistematização do conhecimento.

Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiramente mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! (FREIRE; MACEDO, 1990, p.32)

A primeira professora regente do aluno com TEA tem como formação superior em Língua Portuguesa e Pós-graduação em Supervisão Escolar. Segundo relatos colhidos na entrevista a docente iniciou sua prática educacional em sala de aula no ano de 2014, após atuar 16 anos como supervisora escolar da Secretaria Municipal de Seropédica. Mesmo sendo concursada como docente II – das séries iniciais do ensino fundamental, a mesma só começou atuar como docente no ano de 2014. Foi neste ano em que o aluno Felipe também entrou na unidade escolar do CAIC Paulo Dacorso Filho.

A professora do 1º ano do ensino básico do Felipe possui a formação média em Formação de Professores, o antigo curso normal. Ela é docente efetiva da rede Municipal de Ensino de Seropédica. Essa é a segunda professora do Felipe. Ela iniciou sua prática educacional no ano de 2015 quanto assumiu seu cargo de professora efetiva junto à unidade escolar sendo sua primeira prática docente regular, porém ela realizou muitos estágios realizados ao longo de sua formação. Como a primeira professora regente do Felipe, essa professora não tinha ainda trabalhado com crianças especiais e também não tinha experiência com crianças com TEA e não conhecia métodos especiais para o trabalho com estas crianças. Segundo a docente que trabalha com o Felipe no ano de 2016: “[...] o Felipe chegou pra mim pronto, pois quando eu soube que o mesmo era autista, isso nada mudou nos meus planos pedagógicos. Ele não demonstrou qualquer tipo de dificuldades na interação comigo e com os demais colegas na escola. Mas, para isso tive muito o auxílio da professora Rosa Maria, pois trabalhamos em parcerias de modo que ela me auxiliou muito no dia-a-dia com o Felipe”. (A ATUAL PROFESSORA REGENTE DO FELIPE, fragmento de entrevista dada em março de 2016, Trabalho de Campo).

A diretora do CAIC Paulo Dacorso Filho também é professora da UFRRJ. Segundo as suas informações coletadas na entrevista, a dirigente fala da relevante contribuição do projeto de Equoterapia junto à comunidade escolar e também destaca seu caráter colaborativo, pois, para ela, a Equoterapia tem papel relevante que agrupa os discentes da graduação da UFRRJ entre os mais distintos cursos dentro na escola. Para a diretora, a prática equoterápica efetiva a interdisciplinaridade como um elemento concreto na escola e estreita as atividades da educação básica com as vivências inclusivas da criança especial.

A mesma salienta que o projeto de equoterapia desenvolve também um papel de grande impacto na comunidade escolar mesmo deixando a *priori* um caráter inicial focado no atendimento exclusivo dos alunos do CAIC. Porém, em 2014 o projeto inicial abarcou várias outras crianças fora da escola, passando também a contemplar a comunidade externa e ainda estreitando mais seu foco em assistência a crianças com espectros autistas. “[...] Todo esse ambiente alegre e contagiante, com a presença dos cavalos, de novas pessoas e da própria prática da Equoterapia agregou novos valores lúdicos na vida escolar como um todo e com a chegada de novas crianças que não fazem parte da nossa comunidade escolar também teve, para nós, um imenso valor inclusivo. A escola precisa buscar também uma interação com sua comunidade e essa construção recíproca entre saberes da universidade e comunidade escolar é muito rico e faz uma diferença na vida da criança especial”. (DIRETORA DA ESCOLA CAIC PAULO DACORSO FILHO, fragmento de entrevista dada em março de 2016, Trabalho de Campo).

Os bolsistas do PIBID de educação física do CAIC Paulo Dacorso Filho trabalham com a educação física na Educação Infantil desde abril de 2014. Estão construindo sua formação para atuarem como docentes de educação física. Eles foram aprovados no Edital Pibid/Capes de 2014 para as vagas do trabalho com a Equoterapia ou a Educação Infantil. O coordenador do programa, professor José Ricardo S. Ramos fez a divisão dos grupos que trabalham com Equoterapia e as primeiras séries do ensino fundamental. Os que foram escolhidos para Educação Infantil trabalham juntos com a professora regente do aluno com TEA. É importante destacar que a professora regente sempre está nos espaços/tempos de educação física com os pibidianos como professora da turma. “[...] nós começamos a conhecer Educação Inclusiva quando entramos no PIBID. Aí, sim, começamos a estudar o Espectro do Transtorno Autista. Temos reuniões semanais para discutirmos a escola como um todo. Sabíamos que tínhamos que trabalhar com o Felipe a interação, a comunicação e os transtornos restritos que ele viesse a apresentar. Felipe, antes, de nada participava. Hoje Felipe é esperto, interage, brinca, conversa e obedece a regras na Educação Física. É um trabalho bacana e desafiante que interage com a professora de classe, a educação física, a equoterapia e toda escola em prol de um aluno especial.” (BOLSISTA PIBID-EDUCAÇÃO FÍSICA, fragmento de entrevista dada em setembro de 2015, Trabalho de Campo).

A Supervisora PIBID/Capes Educação Física que trabalhou com o aluno com TEA é formada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em Educação Física Escolar, Educação Infantil e mestrande em Educação. Trabalha no CAIC Paulo Dacorso Filho desde 2014 atuando como professora de Educação e foi aprovada para a supervisão do PIBID em 2015. Ela também começa a estudar o tema autismo depois de entrar para o quadro do PIBID da escola. “[...] eu já tinha trabalho com o Felipe desde o ano retrasado (2014). Ele era uma criança muito difícil de lidar. A gente tinha que designar um estagiário específico para acompanhá-lo nas aulas. E fui constatando diretamente a diferença quando começamos a trabalhar em conjunto com ele. Fui observando a mudança do trabalho conjunto e também fui me surpreendendo com a sua evolução na escola. Hoje, ele é o primeiro a me abraçar, beijar. Gosta da aula da educação física participa e expressa muita alegria quando faz aula.” (SUPERVISORA PIBID-EDUCAÇÃO FÍSICA, fragmento de entrevista dada em junho de 2016, Trabalho de Campo).

Na escola CAIC Paulo Dacorso Filho convivem, então, diversos profissionais que mantêm concepções e práticas colaborativas distintas, mas que trabalham em cooperação com o aluno especial. A professora Suellen Santos tem graduação em Economia Doméstica (Licenciatura e Bacharel), e graduação em Nutrição e é Mestre em Engenharia de Alimentos. Ela é professora efetiva do Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR) atuando como Coordenadora Geral do Programa de Nutrição Escolar do CAIC Paulo Dacorso Filho.

A professora nos falou sobre o campo de atuação da equipe multidisciplinar de orientação nutricional e também como foi acompanhar o aluno Felipe pelo departamento nutricional. A escola possui um Programa de Nutrição Escolar que faz o acompanhamento com ações diretas de orientação alimentar descrevendo os caminhos que usaram na dieta do Felipe a partir de uma demanda inicialmente nutricional quer seja pela falta de uma dieta adequada e/ou de dietas para possíveis distúrbios diversos alimentares identificados no aluno.

Ao longo do ano, o setor desenvolveu uma pesquisa nutricional com cada aluno da unidade, acompanhando por meio de aferição de peso, altura e massa muscular de cada aluno especial. A partir daí foi feito uma mapa nutricional de cada aluno em que foi descrito a situação da saúde alimentar de cada um deles. No caso do aluno Felipe, foi identificado uma situação bastante acentuada de sobrepeso.

Desta forma, segundo a professora, foi feito contato com a responsável da criança que prontamente veio à unidade a fim de receber orientações para a melhoria e a qualidade alimentar da criança com a família do Felipe. Segundo a profissional, o Felipe foi

encaminhado à realização de exames de sangue complementares para o auxílio e o acompanhamento da dieta do aluno. “[...] Dessa maneira o maior ganho que tivemos foi quando a criança passou a participar da prática da equoterapia, pois a mesma foi aos poucos construindo uma interação muito satisfatória com a escola e suas propostas educativas e sobretudo a proposta educacional de uma alimentação saudável já que o mesmo queria ser forte e ter disposição como seu amigo de quatro patas.” (PROFESSORA DO PROGRAMA NUTRIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA, fragmento de entrevista dada em fevereiro de 2016, Trabalho de Campo).

O professor coordenador da Equoterapia Educacional é licenciado em Educação Física e começou a trabalhar com crianças especiais há trinta anos. Professor Adjunto IV da UFRRJ com formação em Equoterapia pela ANDE Brasil. Tem a formação em Instrutor de Equitação de Equoterapia pela mesma instituição. O coordenador atua na escola há sete anos como professora de Prática de Ensino em Educação Física e produziu vários trabalhos publicados sobre alfabetização, Equoterapia e Educação Física escolar na escola pesquisada. Ele que foi o ideólogo e o fundador da Equoterapia Educacional no CAIC Paulo Dacorso Filho com um trabalho extencionista pela Fundação de Amparo a Pesquisa (FAPERJ), pelo Programa de Bolsas da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT-UFRRJ) e o PIBID. Programas, os quais, ele coordena vinte bolsistas, os quais onze trabalham diretamente com a Equoterapia. O professor gosta muito do trabalho equoterápico. Ele disse que “[...] uma escola dentro de uma universidade agrária em que cavalos fazem parte do seu cenário devem, naturalmente, usá-los com agentes ou recurso pedagógico. Os cavalos não são coisas casuísticas ou fortuitas na universidade rural. Eles vivem e interagem aqui dentro. A inserção dos cavalos no CAIC ampliou a participação do uso do cavalo na universidade, desenvolveu um trabalho muito bonito entre os institutos e os cursos daqui. Um trabalho legal que estamos fazendo em conjunto, interdisciplinarmente, com a Veterinária, Psicologia, Zootecnia, Educação Física, Pedagogia, Equitação, Educação Especial e outros cursos e, também inaugurou estudos e pesquisas na área do cavalo como agente terapeuta, reeducador e educador. Isso é fantástico.” (COORDENADOR DA EQUOTERAPIA EDUCACIONAL, fragmento de entrevista dada em junho de 2015, Trabalho de Campo).

4.5. Equoterapia e a Intercessão de Saberes com a Escola

A Equoterapia tem o seu trabalho inclusivo com todas as crianças especiais juntas no próprio horário escolar. Ela procura estabelecer também modalidades educacionais de integração para alunos com deficiências severas para atender às especificidades de escolarização de cada aluno em especial. Tem-se o atendimento individualizado independente da severidade, da síndrome e um atendimento inclusivo. Por isso, ela também o nome de Equoterapia Inclusiva. Esse tipo de trabalho indica que é preciso ter relatórios semanais por todos os mediadores que trabalham na escola com os alunos com necessidades educativas especiais e uma reunião semanal com todos os pibidianos e supervisores para discussão pedagógica e como montar planejamentos de ensino quando pensa nas questões da escola e nos tempos/espaços usados para o ensino e a aprendizagem com o aluno especial.

A Equoterapia atende alunos com necessidades especiais matriculados no CAIC Paulo Dacorso Filho. Tem duas modalidades de Educação Inclusiva: a modalidade integradora que acolhem alunos com um grau de deficiência severa e essa se desenvolvem com projetos específicos, individuais de acompanhamento do aluno, quando o aluno inicia suas atividades na escola com o objetivo de inseri-lo no ambiente escolar, porém não exigimos do aluno nenhuma prontidão de habilidades para escolarização. Procuramos oferecer atividades

inclusivas às necessidades educacionais de cada aluno e a comunidade fora da escola¹². Essa modalidade tem com um olhar atento às particularidades de alunos com deficiências severas registradas nos registros de laudos médico, até proporcionar atividades especializadas para as atividades inclusivas trabalhados com o aluno no espaço da sala de aula. A Equoterapia inclusiva, os agentes mediadores buscam se adaptar para receber todos os alunos, independentemente de sua história antes e fora da escola. Ele é inserido no trabalho equoterápico e as suas necessidades especiais tornam-se responsabilidade de todos os agentes da Equoterapia e da escola.

Pode-se até considerar a Equoterapia como AEE, desde que a mesma esteja alinhada de forma dialógica com a prática educativa ao do ensino comum. O CAIC Paulo Dacorso Filho não oferece o AEE para os alunos na escola. O AEE é um direito para todos os alunos com TEA garantido pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

O AEE tem como função identificar, elaborar, e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos nas escolas públicas e privadas, considerando suas necessidades específica. As atividades desenvolvidas por esses educandos nas salas do AEE devem diferenciar daquelas na sala comum, não sendo substitutivas à escolarização, mas sim complementar e/ou suplementar ao processo de aprendizagem dos alunos. (SCHMIDT, NUNES, AZEVEDO, 2013, p.229).

A Equoterapia da UFRRJ tem a função de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos com deficiência, considerando suas necessidades educacionais específicas. Emergimos de um contexto em que os cavalos se incluíam para as funções de estudos veterinários e zootécnicos para o espaço da escola, para a pesquisa escolar e o uso do cavalo como um recurso pedagógico, como agente educacional que por meio de atendimentos educacionais de crianças com necessidades especiais a três anos e meio de intervenção pedagógica vem desenvolvendo a permanência e continuidade da criança na escola. Isso tudo, por meio de estudos, análise e produção de relatórios semanais de cada criança inserida no projeto equoterápico, atividades coletivas e individuais planejadas pela equipe de mediadores, supervisão e coordenação de Equoterapia da UFRRJ.

Levando em conta essa trajetória adotada em busca da inclusão do aluno, no primeiro semestre de 2014, a Diretora do CAIC Paulo Dacorso Filho procura à Equoterapia para falar da possibilidade do Felipe participar do AEE.

¹²Promovemos alguns momentos de formação dos profissionais com foco em Autismo. A realização do Iº Encontro de Conscientização sobre o Autismo dia 2 de abril de 2015 no CAIC Paulo Dacorso Filho. Houve cerca 250 participantes inscritos no evento com prática equoterápica para toda a comunidade fora e dentro da universidade e o IIIº Festival de Equoterapia “EQUOTERAPIA, PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO” Palestrantes: PROF. DR. FERNANDO COPETTI Coordenador do Projeto de Extensão em Equoterapia do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM. Autor de vários artigos sobre o tema Equoterapia. PROF^a DR^a VALÉRIA MARQUES (DPSI-IE UFRRJ - Equoterapia da UFRRJ). Líder do Grupo de Pesquisa em Equoterapia: Campo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Desporto – CNPq. Depoimentos de pais sobre a Equoterapia da UFRRJ PROF. LINCOLN MACEDO MOREIRA DE OLIVEIRA: Psicomotricista, Terapeuta, Consultor no tratamento especializado do Universo Inspirado pelo Autismo. PROF. ULISSSES COSTA: Autor do livro “Autismo no Brasil” Reconhecido no Brasil pela militância social e política da pessoa com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O evento foi nos dias 24 e 25 de junho de 2015 no horário de trabalho com cerca de 500 pessoas inscritas. (ANEXO C)

A família do aluno com TEA foi convidada para participar da pesquisa. A mãe do Felipe aceitou participar da pesquisa e foi entrevistada na escola no inicio do trabalho pedagógico com ele, pelo coordenador da Equoterapia Educacional. Para a pesquisa, começamos a escutá-la a partir de abril de 2015. Ela e o pai do Felipe trabalham durante o dia. Por isso, o Felipe estuda em horário integral na escola (das 8 horas às 16 horas). Na primeira entrevista que fizemos com a mãe do Felipe, ela nos expôs que começou a notar que o Felipe era uma criança diferente a partir dos dois anos de idade. Ele demonstrava que não gostava de barulhos, não falava, não respondia a interação com as pessoas a sua volta, não fazia contato visual. Aos três anos de idade, a mãe o levou ao Hospital Federal da Lagoa – RJ para uma consulta com a neuropediatra do hospital, que concluiu que o Felipe apresentava o Transtorno do Espectro de Autista, num grau leve com numa demarcação mais próxima do Asperger. A mãe falou que até os três anos de idade, o Felipe era muito agressivo, empurrava e batia nas pessoas, gostava de ficar isolado e pegava os objetos para jogar nas pessoas mais próximas. Na escola ou em casa gostava de ficar sozinho sem interagir com as pessoas e na escola derrubava as cadeiras no chão “[...] a primeira professora dele sofreu muito, mas ela foi conseguindo aos poucos interagir com ele” (MÃE DO FELIPE, fragmento de entrevista dada em março de 2015).

A mãe nos relatou que a neuropediatra do Felipe receitou dois tipos medicamentos para ele como Respiridona, a Ritalina no inicio do tratamento e, as terapias convencionais. Ela também nos disse que a médica informada pela família que havia atividades com cavalos na escola que o Felipe estudava, fez um pedido para a direção da escola encaminhando-o para a Equoterapia. “[...] ele faz fonoaudióloga, psicopedagogia no posto médico de Seropédica e Equoterapia na escola. Hoje, ele não toma mais nenhum tipo de remédio” (MÃE DO FELIPE, fragmento de entrevista dada em março de 2015).

Para a Equoterapia, sua mãe corroborou, em entrevista que para inserir o Felipe na Equoterapia foi por persistência da família. Eles observaram a prática de atividades com cavalos no pátio da escola e com isso solicitou a diretora a matrícula do Felipe no projeto. Assim, ele começou a frequentar a Equoterapia da escola a partir de abril de 2014 “[...] toda terça, ela fala: ‘mãe hoje tem Equoterapia’. Ele fica ansioso para ir para Equoterapia” (MÃE DO FELIPE, fragmento de entrevista dada em março de 2015).

5. EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA FAVORECENDO A ESCOLARIZAÇÃO E A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA

Uma das maiores preocupações dos professores nos últimos anos tem sido como ensinar alunos com necessidades educacionais em suas turmas comuns, uma vez que isso requer reformulação nas práticas pedagógicas tradicionais. Por ser uma nova forma de conceber a educação de pessoas com deficiência, tem implicações para com a formação de todos os profissionais que atuam no ensino. A Educação Inclusiva poderá provocar principalmente dois tipos de reação dos professores: a primeira é a de recusar tais alunos em suas salas, podendo tal recusa ser explícita ou velada. A segunda e, talvez a mais difícil, é de aceitar e buscar melhores práticas. (CAPELLINI, 2010, p.?).

A Equoterapia no CAIC Paulo Dacorso Filho começou como um projeto de atendimento educacional especializado. Foram os agentes mediadores da Equoterapia que foram se organizando, provendo atendimentos reservados a criança especial e promovendo encontros para compartilhem os saberes da Equoterapia Formal em que os princípios teóricos e metodológicos que norteiam nosso estudo foram também sendo desvendados concomitantemente com o processo de escolarização do aluno com TEA, que é o principal sujeito dessa pesquisa.

Para Mantoan (2001), a inclusão sugere, principalmente, aceitar todas as crianças como pessoas, como seres humanos indivisíveis e diferentes entre si. As diferenças entre as crianças existem entre todos nós e não se justifica classificar grupos de pessoas por uma classificação etiológica rígida e segregá-los na escola e em outros ambientes sociais.

Os alunos com TEA têm as suas maneiras de narrar e estão em constante interação com os outros e transmitem a elas sua maneira de se relacionar com o mundo social e escolarizado. É por meio desse contato que elas vão se comunicando com os outros e que os seus processos psicológicos mais complexos vão se desenvolvendo e se constituindo nele, um ser humano único e diferente como cada um de nós somos.

Logo, isso é proeminente, que a participação do outro para primeiro entendê-lo e, o trabalho equoterápico fazer parte da ação colaborativa escolar no desenvolvimento da criança com TEA foi vital nessa perspectiva dialógica que defendemos. Na Equoterapia, suas atividades adquiriram um significado próprio em uma ação colaborativa e, foi sendo dirigida a objetivos definidos para a uma prática mais inclusiva, escolarizada e comunicativa entre o aluno com TEA e mediadores que, foram articuladas por meio de estratégias lúdicas com e sobre os cavalos.

As atividades equoterápicas brincantes e lúdicas musicais foram o caminho do cavalo até o aluno e deste até o cavalo que passou por meio de agentes mediadores. Essa composição humana sistêmica parte de um processo de estratégias pedagógicas intimamente radicadas nas ações motrizes individuais do aluno e a sua história pessoal (RAMOS, 2016, p.3). É na interação dialógica que vamos envolvendo na escola, a partir das relações que estabelecemos com o outro e na ampliação da interação motriz, pois:

Ainda que transpassado pelo poder e pelos discursos do poder do cavaleiro, o ambiente de jogo é ainda neste contexto, um espaço privilegiado para se restabelecer a importância de atividades que estimulem a concentração, a antecipação o raciocínio e a cooperação, a solidariedade, a experimentação e a auto-afirmação, em que cavalo e cavaleiro podem interagir bem e planejar

estratégias adequadas às possibilidades e limitações de cada um que exerce sua função em jogo. São atividades físicas, com espaços de liberdade, mas com regras e exigências impostas pelos códigos do jogo. Contudo, o entusiasmo pelo “brincar de montar” é um atributo faz parte das artes, teatro, da terapia ou da educação corpórea. Essa uma área de conhecimento em que o espaço de liberdade e ludicidade podem ser construídos com objetivos pedagógicos, com o conhecimento científico, seriedade e um planejamento docente articulado com uma estratégia equoterápica. (RAMOS, 2016, p.5).

O diagnóstico médico nos auxiliou, clinicamente, neste trabalho, quando apontaram que os indícios de autismo Asperger¹³, sem detalhes, sutilezas, ou diferenças nas semelhanças entre tipos de autismos, a decifração de outros graus de autismo.

A análise, neste capítulo, aborda a compreensão do aluno a partir da Equoterapia como prática colaborativa e se estende em diferentes tempos e espaços da escola e, nessa ação escolarizada, vai atingindo os agentes escolares, todo trabalho coletivo desenvolvido para um aluno permanecer e ter gosto pela escola.

Neste tópico da dissertação, começaremos a descrever a pesquisa registrando os fatos do cotidiano de um aluno-praticante¹⁴ diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista, os relatos de mediadores e professores do projeto pedagógico: “Equoterapia Educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola”¹⁵, os depoimentos de familiares e entrevistas dirigidas com os agentes escolares envolvidos no estudo de caso de um aluno-praticante do CAIC Paulo Dacorso Filho, diagnosticado com o TEA.

Focaremos, desse modo neste capítulo, às atividades desenvolvidas pelos agentes escolares que se envolveram pedagogicamente com o Felipe a partir do trabalho colaborativo praticado pela Equoterapia Educacional. Nas narrativas dos nossos interlocutores, arquivos, documentos disponíveis no CAIC, procuramos índices sobre e como foi sendo feita as ações colaborativas agentes.

¹³ Com já fizemos menção, a Síndrome de Asperger tem se diferenciado muito recentemente do autismo típico e existe pouca informação sobre o prognóstico desse tipo de autismo. Não obstante, considera-se que, comparado com outras formas de autismo, é um tipo de autismo com maior probabilidade converter-se em um tipo de autismo de uma pessoa independente, com uma vida absolutamente normal. Especificamente, isso se relaciona com a decisão de afastar o diagnóstico de Síndrome de Asperger do DSM novo (DSM V). Na nova versão, Síndrome de Asperger, como já foi dito nesse trabalho, está inserida no diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Em outras palavras, uma pessoa que está com diagnóstico de Síndrome de Asperger serão diagnosticados com transtorno do espectro do autismo, em 2013, após a publicação do DSM-V.

¹⁴ O termo aluno-praticante foi por nós definido pela função espacial do projeto da Equoterapia da UFRRJ que está dentro de uma escola aplicação da universidade. Por se tratar de uma Equoterapia Educacional a centralidade do trabalho equoterápico é mais forte no plano da cultura escolar do que clínico.

¹⁵ Esse projeto do Programa de Apoio à Melhoria do Ensino em Escola da Rede Pública teve como escola selecionada o CAIC Paulo Dacorso Filho Sediada em Seropédica - Estado do Rio de Janeiro no ano 2013 com o apoio da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ - Edital FAPERJ Nº 34/2013, coordenado pelo Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (Matrícula SIAPE: 1715704 do Instituto de Educação/Departamento de Teoria Prática de Ensino/UFRRJ. O projeto tinha como objetivo central a melhoria da aprendizagem escolar de alunos com necessidades educativas especiais ou com problemas acentuados de aprendizagem estritamente adotados como dificuldades vitais para a escola. Para atender os alunos com necessidades educativas especiais na escola o coordenado criou uma pedagogia com o nome de Equoterapia Educacional - um método educacional de abordagem interdisciplinar que emprega o cavalo em ações pedagógicas, ou seja, o cavalo como agente promotor do alargamento escolarizado da criança especial. Nossa objetivo, neste projeto é exercer ações pedagógicas de atendimento complementar educativo via a Equoterapia inclusiva ao invés de um atendimento educacional especializado, permitindo, desse modo, a seleção de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) para esse projeto.

O processo de inserir um aluno com necessidades educativas especiais no CAIC vivenciado há anos nessa escola tem permitido a aquisição da reflexão pedagógica do que projetar e como criar estratégias de ensino e aprendizagem para esse tipo de aluno. Isso tornou sólido o projeto político pedagógico da escola na ótica inclusiva. Para a escola, toda ação inclusiva faz com os alunos estejam inseridos em uma ordem social em que os mesmos assumam que precisam da ajuda do outro ou de outros agentes numa determinada situação escolar. Tomando por base essa realidade, Vygotsky (1989, p. 89).

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOTSKY, 1989, p.89)

Essa é uma condição social primeiramente da criança, e depois se dá no social na presença do outro, como parte interativa diferenciada e reconhecida socialmente. A escolarização é uma forma social que vai se desenvolvendo na interação com o outro e vai se construindo coletivamente. “[...] Foi muito difícil para nós fazer com que o Felipe aceitasse a escola. Ele tinha muita resistência no começo. Não foi fácil para nós. O CAIC foi muito importante no seu desenvolvimento com os coleguinhas”. (DEPOIMENTO DA MÃE DO FELIPE. Trabalho de Campo, 2º semestre de 2015).

A ansiedade descrita pela mãe do Felipe por quando nos narrou a respeito dos primeiros momentos do seu filho na escola, é uma proposição do que muitas mães de crianças com TEA sentem quando seus filhos são matriculados na escola comum. É claro que na nossa Constituição Federal a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, deve promover e incentivar com a colaboração da sociedade, o pleno desenvolvimento da pessoa. Essa qualidade social é algo inclusivo, pois todas as crianças devem estar na escola, e ter uma escolaridade pública, gratuita e de qualidade.

A própria escola é um espaço micro-social criado e distinguido por relações sociais e práticas sociais peculiares. Felipe adentrou num mundo social (escolar) como aluno (e aluno especial) e sua inserção, permanência e continuidade na escola pediam um trabalho pedagógico individualizado por parte dos agentes escolares que iriam trabalhar diretamente com o Felipe. Para a inclusão do Felipe na escola, assim como para qualquer outro aluno com necessidades educativas especiais, existia a obrigação de reconhecimento desse aluno como um sujeito diferenciado, que precisava da ajuda do outro, de espaços caracterizados para um atendimento educacional especializado, tempos distintos para as atividades de reforço, apoio, recursos assistidos realizados com formas pedagógicas próprias, diferenciadas para um tipo de comportamento atípico.

Para isso, desvendamos a ação da interlocução com todos os agentes escolares (incluindo os cavalos) em um processo inclusivo que “os educadores procuram desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem que atendam à diversidade do alunado que frequenta as escolas atuais é mais que um desafio, é a base de uma docência comprometida com uma educação ética de boa qualidade para todos” (GLAT, 2013, p. 57).

Todo o estudo de caso do aluno diagnosticado com o TEA se desenvolveu no picadeiro do CAIC Paulo Dacorso Filho, em uma turma que chamamos de inclusiva com crianças especiais, alunos com restringida participação plena e efetiva na escola e na sociedade; alunos com transtornos globais de desenvolvimento; alunos com interesses restritos, estereotipados e repetitivos; alunos com distúrbios de aprendizagem funcionais específicos; alunos com Dislexia, Discalculia, Disortografia e Disgrafia; alunos com TDAH; alunos com atraso ou limitação significativa no desenvolvimento cognitivo ou evidências de

dificuldades acentuadas de aprendizagem; atraso ou limitação da comunicação com repertório limitado de palavras; alunos com atraso ou limitação desenvolvimento socioemocional; alunos com atraso ou limitação comum às interações sociais; alunos com atraso ou limitação nas ações afetivas e comportamentos de agressão; alunos com atraso ou limitação no desenvolvimento adaptativo.

Nota-se que a Equoterapia Educacional do CAIC Paulo Dacorso Filho atende sujeitos com necessidades educacionais especiais distintas. Acolhe e abrange mais os dados relevantes de um aluno que não aprende do que os documentos do MEC/SEESP do ano de 2010. Sob essa perspectiva entendemos que a Equoterapia Educacional do CAIC Paulo Dacorso Filho comprehende a heterogeneidade da escola no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, foram incluídos alunos com diferentes condições internas e peculiaridades distintas no projeto pedagógico: “Equoterapia Educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola”.

“Felipe começou a prática equoterápica no dia 8 de abril de 2014 com pouca capacidade de desenvolver relações interpessoais com o grupo, com os agentes e os cavalos”. Reagia pouco ao chamamento do outro em que para esse demonstrava indiferença comunicativa. Não só para o grupo de terapeutas e professores, mas também para os eventos exteriores do mundo equoterápico. Pouco verbalizava. Não usava a comunicação verbal, gestual, nem a ecolalia dentro das sessões equoterápicas. Era muito resistente a montaria no cavalo, resistente ao toque, carinho e abraço. Não tinha o comportamento agressivo, certa hipertonia muscular e não demonstra emoção. Não falava de si mesmo (na primeira pessoa) não se movimentava para a terceira pessoa não tinha entonação nem emoção. Com isso, o inserindo na Modalidade Integração da Equoterapia hipoterápica. Um mediador exclusivo para ele com ações terapêuticas com cuidado para os seus transtornos e crises invariáveis de intolerância e a promoção, principalmente, da comunicação recíproca. Tentamos os cavalos de trote com o praticante que causou muito desconforto nele promovendo a intolerância no inicio da sessão. Ele montou no cavalo Lambari, o qual resistiu muito no início. Como insistimos na atividade, ele foi receptivo e conseguimos êxito em uma estação de integração sensorial: o passo. Numa tentativa posterior observamos a intolerância. O que se manifestou de forma de uma hipertonia corpórea querendo sair do cavalo. Com isso, não insistimos devido a sua baixa tolerância. Ele ficava sentado na arquibancada da quadra olhando meio zangado não conversava com ninguém. Porém, num trabalho com letras em cima do cavalo, notei que Felipe sabia as letras do alfabeto e contar até 10, o que achei um avanço na sessão. O exercício com a cultura escolarizada em cima do cavalo deixou o praticante mais receptivo a prática equoterápica. Nesta sessão, em particular constatei o foco para o ambiente equoterápico até a intolerância temporal se instalar. Assim, decidi que o Felipe começaria a prática equoterápica com um cavalo que transpistava e tinha andamento mais suave. Escolhemos para ele, então, o Carocinho. “Começamos então a fazer um trabalho com intervenções de comunicação recíproca, ações mediadas próximas do universo interior do Felipe pela equipe e a duração de 50 min de prática equoterápica todas as terças feiras”. (DEPOIMENTO PROF. JOSÉ RICARDO S. RAMOS, coordenador do projeto pedagógico: “Equoterapia Educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola”. Trabalho de Campo, 2º semestre de 2015).

Na Equoterapia [...] o Felipe começou quieto, e não demonstrava querer o contato com o grupo. Tinha pouca tolerância para as atividades. Ele sempre montou, mas tínhamos que insistir na montaria. Ele não participava de todas as atividades. Às vezes emperrava com tudo. Quando não suportava mais, ou seja, passava o tempo dele ele amarava a cara. Sentava na arquibancada como tivesse pedindo para ir embora. Meio mal-humorado. (PRIMEIRA MEDIADORA DA EQUOTERAPIA DO FELIPE, Trabalho de Campo, 2º semestre, 2015).

Os mediadores da Equoterapia e a professora de classe provocavam nas sessões equoterápicas e no cotidiano escolar, chamar o Felipe para situações inclusivas em que os

agentes escolares ajudavam na escolarização dele, valorizando assim o seu processo de desenvolvimento como aluno a partir de práticas colaborativas. Criaram nesses tempos/espacos uma redefinição de escola, já que ele deixa de ser restrito a um professor restrito a um ambiente só para o Felipe, mas o Felipe vivendo num ambiente inclusivo. Essa colaboração mostra que um trabalho heterogêneo de agentes do ensino regular.

Em relação à sua interação na Equoterapia, compreendemos, no relatório do mediador (Bolsista do PIBID) do final do ano de 2015, que o Felipe era outra criança: participava de todas as atividades, participava da rodinha inclusiva, cantava, brincava, executava todos os comandos, tinha uma boa motricidade “[...] a brincadeira cantada a qual começamos o trabalho equoterápico: ‘Alô, bom dia, como vai você o meu nome é Felipe e o seu? Ele tem sua marca única e exclusiva de correr para frente na hora da sua apresentação. Ele já sabe quem é; tem seu EU descoberto, sabe quem são os coleguinhas. Sabe meu nome e sabe que eu sou o seu mediador principal na Equoterapia. Gosta de ouvir histórias, senta para ouvir, presta atenção. Não é de fazer perguntas, mas se pedirmos para relatar a história, ele sabe. As brincadeiras com gestos ele faz bem e tem ritmo, coordenação motriz fina.’” (MEDIADOR DA EQUOTERAPIA, Trabalho de campo, 1º semestre de 2015).

Esse depoimento do mediador principal do Felipe na Equoterapia colaborou para conhecermos melhor o desenvolvimento do aluno, é uma descrição da sua escolarização historiada em relação à sua participação nos diferentes tempos/espacos escolares, momentos de atividades em o cavalo o envolviam em determinadas atividades inclusivas, principalmente na hora das atividades lúdicas. “[...] Ele sempre teve um comportamento sossegado, sem hiperatividade, pouca comunicação verbal, uma criança que interage normalmente com os coleguinhas de classe na sala e em todos os espaços escolares, entrando e saindo das salas, como se buscassem conhecer aquele novo lugar. (Relatório Anual do aluno, descrito pelo professor coordenador da Equoterapia Educacional. Trabalho de Campo, Dezembro de 2015).

Uma provocação observada nesse processo é a interação, já que o aluno entende bem as relações sociais, mas se comunica pouco, sabe o que os outros estão dizendo, pelos nossos dados, em qualquer tipo de contexto, apesar de utilizar pouca expressão verbal para manifestar suas ações escolares. Esse fato faz parte do seu estilo de vida como qualquer outra criança que escolhe uma melhor forma de agir e por isso não podemos nos guiar por uma mera classificação etiológica, o caso do Felipe.

Não ouvimos dos agentes escolares (nas últimas entrevistas do ano de 2015) o uso da autoagressão ou gritos, mãos nos ouvidos para se expressar, o isolamento social, a indiferença para o contato com os outros ou não ser sensível a interações para os chamamentos das atividades e, assim pareceres que o aluno mostra interesse pelas tarefas do cotidiano da escola. Nessa situação, o objetivo central da Equoterapia, ao inscrever Felipe no programa de atendimento educacional especializado, foi instalar mediações colaborativas que possibilitassem a responsabilidade da escola como um todo pelo desenvolvimento escolarizado do Felipe, primeiramente, pelos processos de comunicação e de interação, justamente a particularidade de um aluno com TEA.

A supervisora da Equoterapia e do PIBID nos sinalizou que foi preparando a prática colaborativa com o Felipe, com os agentes escolares e os seus coleguinhas “[...] fomos observando o Felipe nos diferentes espaços escolares, conversando sistematicamente com a mãe dele, as suas rotinas. Vimos que o Felipe começava a ter problemas de obesidade infantil e precisava também de uma alimentação mais adequada para a síndrome que enfrenta. Conversamos com a nutricionista da escola, que fez uma dieta especial para o Felipe” (LUCIA, Supervisora do PIBID Educação Física – Inclusão e da Equoterapia, trecho da entrevista dada em 01-09-2015).

Segundo a pedagoga do CAIC foi a partir do advento da Equoterapia Educacional que o processo colaborativo da escola começou a tomar fôlego efetivamente, quando os agentes

escolares começaram a discutir propostas para e com o Felipe. Nesse processo, surgem as interações entre os espaços e tempos de escolarização do Felipe, as declarações dos que estavam diretamente envolvidos com ele, os documentos escritos e as narrativas sobre o nosso caso particular. Mas o que poderia ser entendido de trabalho colaborativo com um aluno com TEA? Uma nova formação para todos esses agentes que prestaram e ainda prestam serviços pedagógicos para o Felipe? De acordo com Drago (2010, p.298), a prática colaborativa parte de uma reestruturação radical da escola que deve ter como concepção de ensino um modo de:

[...] planejar ações prévias visando ao atendimento educacional especializado, em parceria com as áreas da instituição através de um planejamento integrado para aprimorar a práxis educativa, ao mesmo tempo em que possibilita ao aluno deficiente se apropriar do conhecimento de forma ampla, sem ficar alheio aos momentos propiciados pela instituição. (DRAGO, 2010, p.298).

Essa concepção inclusiva estabelece que a mudança deve ser radical, crucial e necessária. Uma mudança na reformulação de currículos, nas formas de avaliação, nas ações de professores na sua própria práxis. Isso se faz por meio de princípios inclusivos, que buscam abranger a escolarização do aluno com atividades heterogêneas. O cavalo dentro de uma escola é considerado no trabalho escolar, além de uma estratégia lúdica, curiosa e atraente para a criança especial, tem se concretizado de forma objetiva e coerente para a permanência e a continuidade do Felipe na escola.

Na Equoterapia, Felipe se interagia com os mediadores. Ele, já busca desenvolver autonomia, não tem nenhuma estereotipia e obedece a todos os comandos técnicos. Compreende o que está sendo exigido dele e não se recusa a fazer nenhuma atividade. Não fica ausente, desatento as coisas que acontecem com ele e no mundo equoterápico. Jamais se isolou no picadeiro. Sabe do que acontece ao seu redor e gosta da motivação dos mediadores que muito se encarregam de investir em brincadeiras com e sobre o cavalo. Não nega a chance de interação com os mediadores e os colegas. Nas sessões equoterápicas não mostra interesse particular por nenhum colega em especial. Gosta das atividades com a bola de pilates, a qual faz muitos exercícios de alongamento e relaxamento depois da montaria.

Dessa forma, que o trabalho colaborativo com o aluno com TEA na escola, a partir da inclusão da Equoterapia no ensino regular, pode ocasionar as relações sociais e favorecer não só o desenvolvimento de um aluno em especial, mas o das outros alunos, na medida em que todas coexistam com as diferenças. Todos os alunos da turma do Felipe sabem que ele é liberado todas as terças feiras para as sessões de Equoterapia, que ele gosta das atividades com o cavalo, que ele fica ansioso com o tempo da Equoterapia “[...] quando a gente chega para pegá-lo, ele já está pronto e esperando. Os olhos dele logo nos acham e ele abre um sorriso de felicidade. O rostinho dele resplandece. Não precisamos chamá-lo, ele sabe. Ele mesmo pula da carteira e vem com a gente todo feliz. É uma alegria também para nós.” (CAMILA, Mediadora da Equoterapia e Bolsista PIBID – Educação Física – Inclusão, 1º semestre de 2015).

Glat (2011, p.42) afirma que para se propiciar um paradigma efetivamente inclusivo a escola adaptar-se às necessidades dos alunos e não o movimento contrário. Notamos que para alcançar este ideal a mesma não pode ser mais seletiva. Para isso, precisa possibilitar aos seus agentes rever sua estrutura, organização, projeto político-pedagógico, metodologias, estratégias de ensino, práticas avaliativas e escolhas curriculares.

É importante ampliar nossos olhares para além de uma abordagem simplista de que a inclusão em classes regulares de alunos com deficiência ou outras condições que afetam a aprendizagem ocorrerá “naturalmente”. Ao

contrário, exige reflexão e planejamento para que sejam identificadas as necessidades de aprendizagem específicas que eles apresentam em sua interação com o contexto educacional, que as formas tradicionais de ensino não podem contemplar. Este é um processo complexo que exige, para além de qualquer outra ação, uma adequada formação continuada de profissionais. (GLAT, 2011, p.42-43).

O Projeto da Equoterapia Educacional como o Projeto Político Pedagógico da escola é que nos primeiros tempos e espaços do Felipe na escola ele penetrasse num clima adaptação escolar, o que ele foi respondendo com ações favoráveis que indicou que estava se adaptando a escola, mesmo sendo uma escola de tempo integral. Na Educação Infantil tudo era novo para ele. As suas particularidades sindrômicas foram consideradas pela equipe pedagógica do como tratar o Felipe entre tantas atividades escolares. Mesmo sendo um aluno com TEA, não deixa de ser uma criança num processo de escolarização, que está iniciando uma nova fase de vida num ambiente novo e desconhecido.

Os indícios de que a adaptação do Felipe no ambiente da escola tinha que passar, principalmente, pela Equoterapia foi um dos principais objetivos que a Diretora buscou junto ao grupo. Segundo a diretora a Equoterapia atendeu à adaptação do Felipe à escola no primeiro semestre de 2014, quando o Felipe foi se encontrando na escola, aceitando os tempos, regras e rotinas escolares. Com isso, não fez oposição pela organização das atividades escolares, com tempos, espaços, momentos caracterizados para as atividades extras e de sala de aula, ouvir o outro e as diferentes interações com os agentes escolares.

Isso é pertinente, pois o trabalho equoterápico está no fato de conceber o espaço de interação entre animais e mediadores, portanto um espaço, primeiramente, desafiador para o aluno com TEA. Isso faz desse espaço para esse tipo de aluno um tipo potencial escolarizante, com seus tecidos interativos, para gerar a inclusão, aprendizagem e novas estratégias de escolarização para um aluno com necessidades educacionais específicas que precisou de certa forma da Equoterapia no momento entrou na escola.

Para Chiotte (2013 p.68), ajustar às crianças com autismo conveniências com os outros agentes pedagógicos possibilita o estímulo do professor se constituir como educador:

Os indícios da construção de uma nova imagem da criança com Autismo, daquela que não faz nada para a de quem pode vir a fazer, também constrói uma nova imagem de ser professora da criança com Autismo, uma imagem de quem ‘não foi preparada para trabalhar com esse sujeito’, para uma imagem de quem pode investir, apostar e acreditar que tem muito a contribuir para o desenvolvimento dessa criança. (CHIOTE, 2013 p.68).

Essas são as pistas de que essas ações entre os agentes escolares foram construídas no processo de escolarização do Felipe. É um processo em que os agentes escolares vão aprendendo com o Felipe e ele vai também aprendendo com os agentes. Observamos desse modo, uma melhor organização dos tempos e espaços do Felipe na escola. Ele produz uma imagem de aluno efetivamente pertencente à escola, permanece na sala de aula por todo período de aula, consegue se perceber como membro do grupo social da sua escola.

Isso contribui para pensarmos sobre o papel da escola, ao afirmar que a escola é o micro espaço ou o iniciador de práticas sociais. A interação com o todo na escola harmoniza a situação do aluno nela que permite vivenciar ações que geram a presença das diferenças, de papéis e o compartilhamento de atividades que exigem negociação interpessoal e reflexão para a escolarização de um aluno especial.

O tempo do Felipe foi sendo construído processualmente. Ele foi se adaptando a escola e tentando compreender o sistema escolar com suas rotinas rígidas. A prática da

Equoterapia contribuiu na autonomia da criança, proporcionando ao longo das sessões, conforme observamos a alegria e a expressão de liberdade no picadeiro, a escolha de um acompanhante exclusivo para ele (o mediador). As conversas com os seus familiares, o inter-relacionamento em torno dele. As reuniões, a qual se identificou suas limitações iniciais de, rejeição a qualquer contato proximal principalmente o olhar aos poucos descortinou suas potencialidades. As abordagens educativas equoterápicas como ele, sua aproximação com os cavalos processual, não forçada, paciente, facilitando o processo pelo gosto de estar nas sessões sem medo, formando vínculos com a equipe equoterápica e com os cavalos. Isso tudo faz parte de um processo inclusivo de contato físico, de formação interpessoal, interativa, sensitiva, psicomotriz e afetiva que foi e está sendo acompanhada até os dias de hoje.

Isso faz parte de um processo do primeiro semestre de 2014. Porém, essas informações contidas nos relatórios escolar iniciais, nos deram subsídios de que Felipe estava gostando do ambiente equoterápico e da escola.

Com o passar do tempo observamos que a criança começou a compreender que a Equoterapia fazia parte do contexto escolar, do seu movimento no cotidiano da escola, quando esta passou a ser também abordada nas atividades intraclasse, e a própria sistematização da rotina escolar. Assim, ele foi se relacionando com a equipe no picadeiro. Ele sempre respondeu as solicitações da equipe.

Uma atividade em que as crianças tentam descrever no papel as partes do corpo do cavalo com ajuda dos mediadores, identificando as partes do cavalo como o topete, a orelhas, o rabo, os cascos, joelhos, mãos era sempre uma atividade que o Felipe fazia com o grupo. O nosso objetivo neste trabalho era que o cavalo entrasse na agenda escolar pela sua caracterização como agente, seu conceito pedagógico de mediador, que faz parte do cotidiano escolar e faz parte do processo de desenvolvimento do aluno Felipe, conforme imagem:

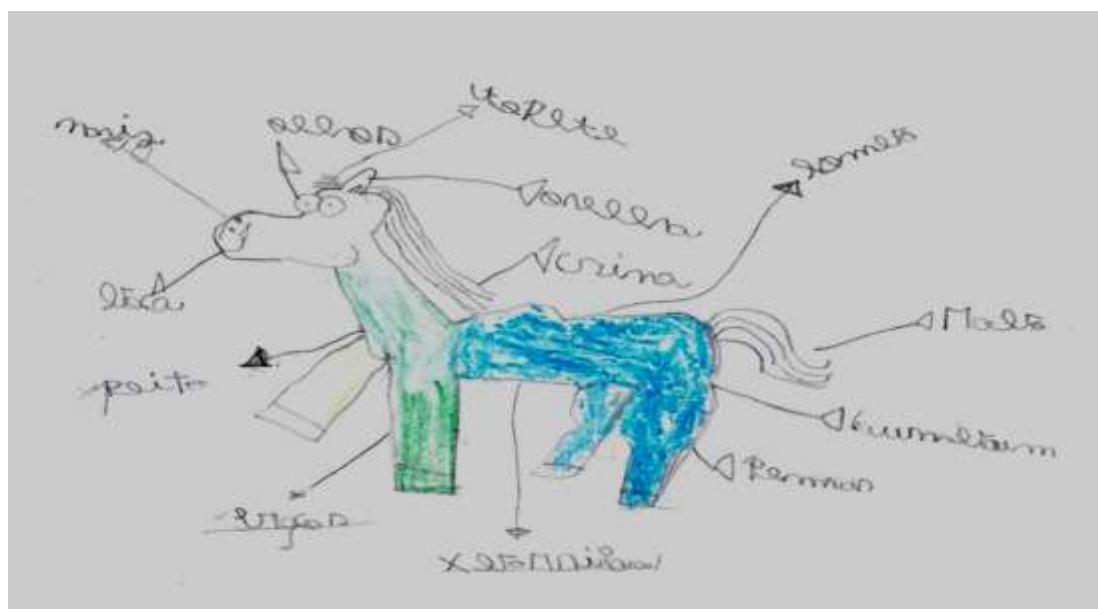


Figura 11 – Desenho de um cavalo e suas regiões do corpo por um aluno da Equoterapia Inclusiva.

Essas atividades realizadas pelo Felipe nos sinalizam que ele conferia ao cavalo como parte da cultura escolarizada de uma escola agrária. Que ele (o cavalo) não é caso fortuito, mas faz parte do seu grupo social, rural. A Equoterapia não era uma mera terapia motriz, mas também um campo de saber para a ampliação da individualidade social da criança especial como parte de sua realidade social. Nesse sentido, descobrimos indícios da construção do aluno a partir da interação com o outro que faz parte do seu grupo. Assim que o cavalo participa diretamente com o aluno na atividade escolarizada, dividindo a prática colaborativa de uma forma que lhe é peculiar.

Isso por meio de uma prática colaborativa, a qual o cavalo também está inserido. Desse modo, o aluno com TEA foi se incluindo, nos diferentes tempos e espaços na escola, com recuos e progressos apreciáveis dentro de uma trajetória complexa para qualquer aluno da Educação Fundamental. A prática colaborativa faz parte de um processo de escolarização, complexo, com recuos e avanços na gerência do fazer e ao mesmo tempo compreender um tipo de aluno com suas particularidades especiais. Nesse processo todos os agentes se envolvem, apesar das suspeitas limitações e o medo do novo, acreditam na força do trabalho colaborativo e no potencial do aluno em questão.

Chiote (2013, p.34) nos auxilia a compreender esse assunto, quando assevera que a participação do outro está diretamente relacionada ao modo como o outro interage e realiza ações conjuntas com o aluno favorecendo seu contato com o coletivo. Para ela isso é uma atividade conjunta, de mediação que envolve contato, relações, levar o outro a nomear objetos, na tentativa de conhecê-lo, distinguindo usos e funções socialmente determinados. Essa produção de significado escolar a partir da interação com o outro pensa que a ação do outro é então é presumível para produzir sentido com o gesto, o silêncio, a expressão facial, a linguagem e a cultura da qual o aluno está inserido, em um processo significativo para a sua continuidade e permanência na escola.

Ramos (2015, p.15) assevera que a Equoterapia Educacional pressupõe que exista dentro do contexto escolar uma redefinição do papel dos mediadores, já que eles devem deixar de ser um agente restrito o seu espaço de trabalho. Eles devem transpor para um ambiente inclusivo em que busque a colaboração do todo da escola. Essa prática colaborativa considera, primeiro, o atendimento educacional especializado e, para isso o AEE sempre apoia o outro, percebendo as diferenças, os problemas comuns de aprendizagem, os casos das situações específicas dos alunos especiais. São atividades que fazem parte do cotidiano da escola, são problemas rotineiros que não são abstratos, mas se aumentam talvez pela incerteza de enfrentar o desconhecido:

Entendendo a educação como um direito de todos, precisamos redefinir o espaço da escola para acolher a diversidade de todos os alunos. Se a escola é o espaço público de troca e elaboração das experiências pessoais e grupais, do conhecimento necessário para interpretá-las, a partir do saber acumulado pela humanidade, tendo como objetivo a articulação das ações coletivas para encaminhar as situações-problema, ela deve proporcionar a todas as pessoas o espaço de convivência organizado, necessário para a troca de pontos de vista e articulação das ações coletivas. (CAPELLINI, 2010, p.104).

6. DISCUSSÕES E DECORRÊNCIA EQUOTERÁPICAS: A POSSIBILIDADE DA EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA

6.1. Aspectos do Percurso de escolarização da criança com TEA com a Equoterapia

Tratar das práticas colaborativas e a pedagogia equoterápica nas atividades desenvolvidas para a escolarização de um aluno com TEA abarcam por analisar, principalmente, o que as referências literárias da Equoterapia no Brasil indicam sobre esse processo de escolarização da criança com TEA e como poderia ser empregada a Equoterapia como método pedagógico.

As explicações para instruções de Equoterapia para uma possível formação mais escolarizada estão metodologicamente descritas, como um programa com o nome programa Educação/Reeducação em que afirma que:

Este programa reabilitativo ou educativo. O praticante tem condições de exercer alguma atuação sobre o cavalo e conduzi-lo a dependência do auxiliar lateral é em menor grau. Existe uma ação maior dos profissionais de equitação, embora os exercícios devam ser programados por toda equipe, segundo os objetivos a serem alcançados. O cavalo ainda proporciona benefícios pelo seu movimento tridimensional e o praticante passa a interagir. O cavalo atua como um instrumento pedagógico. (BRASIL, Programa de Educação Continuada a Distância. Curso de Terapias com Equinos: Programas Básicos: Portal da Educação, 2016, p.22)

Espíndula (2008) fala sobre os efeitos da Equoterapia em crianças com transtornos de autismo desenvolvidos por autores que indicam que o cavalo não é um agente resistente ao trabalho com crianças especiais e, devido a utilização dele para tratamento dessas crianças, pois além de sua função, cinesioterápica, ele participa no aspecto psíquico da criança com TEA, favorecendo a reintegração social da criança autista, desenvolve melhor a sua função neuropsicomotora, a percepção do meio externo, ao ajuste tônico-postural e também a comunicação.

Nesse plano educativo da Equoterapia, Cittério, Freire, Garrigue, Santos (1999, *apud* ESPINDULA, 2008, p. 28-29) apontam que um dos conceitos sobre esse programa é:

Um dos conceitos que define esse recurso terapêutico se refere a ele como um conjunto de técnicas reeducativas que atuam para superar danos sensoriais, cognitivos e comportamentais e que desenvolvem atividades lúdico esportivas utilizando o cavalo. Assim, Equoterapia é um tratamento de educação, reeducação, reabilitação motora, mental e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar e global, buscando o desenvolvimento físico, psicológico e social das pessoas portadoras de necessidades especiais. É indicada para o tratamento de distúrbios que afetam o comportamento, aprendizagem e o desenvolvimento psicomotor global, bem como dificuldades motoras causadas por lesões cerebrais e medulares. O tratamento através da Equoterapia pode oferecer ao praticante a interação com o ambiente a sua volta, e ainda, provocar estímulos tridimensionais através do cavalo, além de atuar como uma fonte de estímulos ambientais ao redor do praticante e estimular a atividade física. (CITTÉRIO, FREIRE, GARRIGUE, SANTOS, 1999, *apud* ESPINDULA, 2008, p. 28-29).

Reconhecemos que por esse enfoque há uma circulação de um tipo de proposta que tem como meta central a saúde dos sujeitos aos padrões de comportamento considerados pela área médica, por meio de ações e de planos de intervenção rigidamente determinados pelos profissionais da área da saúde e não da educação. Os pretextos dessa frequência parecem-nos manifestos na crença na de uma determinação etiológica e parte das limitações desses sujeitos serem considerados passivos nas relações com o outro, na ativação de seus transtornos ou desvantagens.

Esse modelo educacional adaptado a um paradigma médico não sustenta a ideia da falha do ambiente escolar de facilitar a inserção do sujeito especial em seu local de escolarização e ao mesmo tempo se espera do aluno que o faça individualmente e com isso acaba também, responsabilizando o próprio pelo seu fracasso. Por meio da organização desse modelo, a Equoterapia está dentro de um ambiente mais clínico em que constrói tarefas individualizadas, pois esse método visa que o:

O cavaleiro deve possuir não apenas qualidades físicas como força, destreza e resistência, mas também inteligência, capacidade de decisão, paciência, presença de espírito e audácia, além de conhecimentos sobre fenômenos físicos, fisiológicos e psicológicos presentes na associação cavaleiro-cavalo, a fim de que possa adaptar a eles sua conduta e sua ação. (CAMARGO, 2001, p. 3).

Esse tipo de modelo com seus métodos educacionais potencializam as limitações do sujeito autista mediante a organização e planejamento das atividades comportamentalistas e/ou mais individuais para ele. Trata-se de um programa de trabalho em que o ambiente estruturado para acomodar as dificuldades da criança com autismo tem, partem de tarefas que não incluem outras crianças ou alunos diferentes dele no contexto educativo que ela está e, ao mesmo tempo em que treina a sua ação sozinha no cavalo, busca-se com isso, a aquisição de hábitos ajustados e plausíveis no contexto social em que ela vive e, partindo dessa premissa não possibilita sua inclusão entre outros agentes escolares.

A Equoterapia é um recurso terapêutico que pode ser aplicado às áreas de Saúde (portadores de necessidades especiais físicas, sensoriais e/ou mentais); educação (indivíduos com necessidades educativas especiais) social (indivíduos com distúrbios evolutivos e/ou comportamentais). Os efeitos terapêuticos que podem ser alcançados com a Equoterapia são de quatro ordens: melhoramento da relação: considerando os aspectos da comunicação, do autocontrole, da autoconfiança, da vigilância da relação, da atenção e do tempo de atenção; melhoramento da psicomotricidade: nos aspectos do tônus, da mobilidade das articulações da coluna e da bacia, do equilíbrio e da postura do tronco ereto, da obtenção da lateralidade, da percepção do esquema corporal, da coordenação e dissociação de movimentos, da precisão de gestos e integração do gesto para compreensão de uma ordem recebida ou por imitação; melhoramento de natureza técnica: facilitando as diversas aprendizagens referentes aos cuidados com os cavalos e o aprendizado das técnicas de equitação; melhoramento da socialização: facilitando a integração de indivíduos com danos cognitivos ou corporais com os demais praticantes e com a equipe multidisciplinar. (GARRIGUE, 1999 apud ESPINDULA, 2008, P. 28).

Nessa perspectiva, Freire (1999, *apud* ESPINDOLA, 2008, p. 30) explica que a “[...] a Equoterapia é um importante meio terapêutico complementar, com aparentes resultados positivo em vários domínios da doença Autista”.

A utilização do cavalo para o tratamento, além de sua função cinesioterápica, produz importante participação no aspecto psíquico, uma vez que o indivíduo usa o animal para desenvolver e modificar atitudes e comportamentos, favorecendo a reintegração social, que é estimulada pelo contato do indivíduo com a equipe e com o animal, aproximando-o desta maneira, cada vez mais, da sociedade na qual convive (ibidem).

Copetti et alli (2007) asseveram que a Equoterapia e outras terapias podem ser coadjuvantes dos tratamentos convencionais e rotineiros para o melhor desenvolvimento motor e cognitivo das pessoas que dela se utilizam. Ele diz que a Equoterapia é única terapia na qual o praticante tem o movimento do cavalo o qual chamamos de movimento tridimensional, semelhante ao do ser humano, estimulando a movimentação ativa do praticante por meio da movimentação do animal. O autor, desse modo, sinaliza que o cavalo realiza ciclos de movimentos semelhantes ao do homem.

Existe então, um programa específico e autores que trabalham com Equoterapia e buscam para o atendimento ao sujeito com autismo um tipo de prática educacional em que:

[...] devemos entender a Equoterapia como uma área de intervenção terapêutica reconhecida pelo conselho de medicina. Como também, Recurso Terapêutica sendo parte para a formação como disciplina curricular, reconhecida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO, sob parecer 008/2008 em 02 de abril de 2008. Que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nos planos da saúde e do desporto, na procura incessante do bem-estar físico, psíquico e social de indivíduos portadores de deficiência e/ou com necessidades especiais. (ESPINDOLA, 2008, p.30).

Os referentes desses trabalhos “Educacionais” (ou modelo educacional) estão mais voltados para o tratamento do sujeito com necessidades especiais a partir de sua relação reservada ou crônica com algum tipo de patologia que acompanha o aluno. Este é um tipo de trabalho terapêutico utilizando os princípios de um programa equoterápico educacional que está dentro de uma prática que “[...] ainda pode ser verificada em grande parte das redes educacionais, no entanto, tem sido bastante criticada pelo fato de que o aluno é ‘responsabilizado’ pela sua adaptação no ensino regular” (GLAT, 2011, p. 13).

Espindula (2008, p.52-53) averigua sobre o desenvolvimento de crianças com TEA a partir de uma Equoterapia que exerce as habilidades que faltam na criança:

A Equoterapia pode contribuir para uma marcha mais independente, pois sobre o cavalo tem se a oportunidade de vivenciar mudanças posturais em postura ereta e praticar estabilização de cabeça e tronco, além de experimentar diversas forças em variados planos de movimento, como situações momentâneas e que exigem novos ajustes posturais para que ele continue a se manter posicionado sobre o cavalo. (ESPINDULA, 2008, p. 52-53).

A Equoterapia é um método reconhecido por seus amplos benefícios para os sujeitos com TEA, porém, na nossa pesquisa vale pelo quanto esse método pode possibilitar uma real inclusão do aluno na escola, visto que um tipo de Equoterapia paralela a real inclusão do

aluno, impossibilita um desenvolvimento dele a partir do meio social que ele está posto, ao indicar atividades sistêmicas, particularizadas, mas sem as devidas relações sociais com o outro.

Esse tipo de modelo educacional é mais empregado em instituições especializadas, tal como a pesquisa de Espindula (2008) que realizou seus estudos na APAE próxima da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com a colaboração da equipe técnica da instituição composta por médicos, fisioterapeutas, psicólogas, pedagogas, fonoaudiólogas, terapeutas ocupacionais e auxiliares guias. A APAE do Triângulo Mineiro possui uma área apropriada para o desenvolvimento das atividades, contendo um picadeiro, um redondel, rampa de acesso e equipamentos necessários para a prática de Equoterapia e a rotina do atendimento das crianças com diagnóstico de Autismo.

Essas atividades equoterápicas estão mais focalizadas sobre a condição biológica, física e sensorial do praticante autista, “[...] realizamos o teste Teacch I - validado: Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Deficiência de Comunicação (Teacch I). As áreas avaliadas seguindo o Teacch I foram: 1) Desenvolvimento Perceptivo; 2) Percepção Auditiva; 3) Percepção Tátil; 4) Percepção Espacial; 5) Percepção Temporal; 6) Desenvolvimento da Motricidade; 7) Hábitos de Independência; 8) Coordenação Manual; 9) Desenvolvimento Verbal, Compreensão Verbal e Linguagem; 10) Áreas Numéricas e Conceitos Numéricos Básicos; 11) Área Emocional, afetiva e Social; 12) Desenvolvimento na Sessão de Equoterapia” (ESPINDULA, 2008, p. 35).

Esse tipo de modelo educacional dentro da Equoterapia está mais próximo de uma abordagem integradora de Educação Especial do que uma perspectiva inclusiva, pois exige do aluno determinado nível de “preparação prévia” especial para ser integrado no ensino regular. Dessa forma, o problema continua centrado no aluno e não na escola, já que é ele que se responsabiliza pelas suas “condições” de aprender a cultura escolarizada, a qual pode ser tratada como conteúdo neutro sem a preocupação de adaptação para atender as necessidades particulares de um tipo de criança com TEA. Assim, a Equoterapia, consequentemente, torna-se uma espécie de classe especial integradora da criança autista, por não buscar interagir com o todo escolar.

Nesse sentido, a equipe pedagógica da Equoterapia Educacional UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho progressivamente, compreendeu que a pedagogia equoterápica, quando confrontada ao modelo da Integração, restringe as possibilidades de ação educativa e o desenvolvimento do aluno com TEA, um sujeito histórico-cultural e social que se constitui nas relações concretas e participa ativamente nesse processo em que o outro é parte fundamental na sua constituição.

Copetti (2007) ressalta que, não existe uma consonância programática em relação aos tratamentos da Equoterapia empregados aos seus praticantes e que, dependendo da abordagem, os objetivos podem ser o comportamento, a motricidade, a cognição ou as emoções no quadro diagnosticado.

Entretanto, usar princípios de um programa integrador na escola pesquisada parecia incongruente com a proposta que a Equoterapia queria construir para colaborar com a inclusão do aluno e com os agentes escolares que foram convidados para trabalhar juntos. Essa decisão por meio de estudos e reuniões pedagógicas para pensar uma Equoterapia colaborativa deixou claro que usar método clínico não era o caminho a se percorrer num tipo de AEE que busca ser inclusivo.

6.2. A Equoterapia como Prática Inclusiva do Sujeito com TEA:

Na realidade o que nos atraiu ao paradigma da inclusão foi à relevância da interlocução entre as diferentes áreas da escola. O atendimento médico e o educacional podem

ser integrados no propósito de promover o desenvolvimento desses sujeitos que frequentam outros espaços sociais. Para nós, a Equoterapia deveria e deve ser um meio, um aporte ou um apoio para o aluno se escolarizar, e não um fim em si mesmo. Ou até mesmo uma classe especial a qual o aluno é “depositado” temporariamente para “resolver” o seu problema escolar, seja por não conseguir se adaptar às exigências rígidas dos conteúdos da escola. Esse tipo de modelo culpabiliza o aluno pelo seu fracasso escolar, devido as suas disfunções intrínsecas, problemas sociais e/ ou emocionais, deficiências sem buscar na própria estrutura escolar as razões pelo seu baixo desempenho escolar. Não é sob esse paradigma que nós construímos o nosso conceito de Equoterapia inclusiva.

De acordo com Glat (2011) o paradigma inclusivo tem como princípio a ruptura com ideia de padrão, de absoluto, pois.

[...] nele são contempladas a equiparação de oportunidades, independente de cor, raça, classe social sexo, deficiência, etc. e o respeito e aceitação da diferença. Hoje, o discurso da inclusão está na pauta do dia de grande parte de países, seja por questões raciais, de gênero, sexualidade, crença religiosa, condições orgânicas, entre outras. Os ideais disseminados pela proposta da inclusão ressaltaram ainda mais as características da sociedade da qual fazemos parte: uma sociedade diversificada, heterogênea, que sente a necessidade de romper com os conceitos de padrão de normalidade socialmente construídos e de lutar pelo conhecimento da diferença. (GLAT, 2011, p. 15).

Este novo discurso da inclusão defende a ideia de que não há uma sociedade como não há uma escola homogênea para o desenvolvimento estabelecido *a priori* de um tipo de aluno padronizado que vai se moldando as exigências rígidas da escola ao longo do tempo. A inclusão é pensada como um processo, no qual estão presentes: o conhecimento da diferença, da diversidade, da heterogeneidade, o contato com outro e com cultura escolarizada produzida pela humanidade que permitem a prática colaborativa entre os agentes escolares. A partir daí, é possível dizer que, entre uma Equoterapia Inclusiva e as possibilidades de escolarização de um aluno com necessidades especiais, há um canal com laços de equiparação de oportunidades.

A sustentação dessa possibilidade inclusiva na escola sugere uma práxis coletiva por parte dos agentes que trabalham com o aluno especial, em particular, pelo AEE, via a Equoterapia, pois ela chega à escola como um meio (responsável) de ação de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, porque, em última instância, é ela que vai dispor de possibilidades de, acolher e assumir os alunos exclusivamente que precisam do suporte particular do outro.

Nessa perspectiva inclusiva, a inclusão do aluno autista como ser individual ocorre com o outro que é membro da cultura na qual ele está inserido. É por meio desse contato com o outro que os processos psicológicos mais complexos vão tomando forma. Esse reconhecimento do outro na constituição do sujeito em sua relação com o mundo escolar é vital nessa perspectiva histórico-social.

Segundo Vygotsky (1997), a formação dos processos psicológicos mais complexos (a consciência do sujeito e o seu desenvolvimento cognitivo) ocorre do plano social para o individual, seguindo um processo de interiorização. Esse processo de interiorização possibilita a construção do conhecimento e da cultura e implica uma atividade mental perpassada pelo domínio de instrumentos de mediação do homem com o seu mundo. Entre esses instrumentos, encontra-se a cultura escolarizada como atividades para a construção semiológica humana.

Esse estudo assegura que as atividades com e sobre o cavalo podem ser baseadas pela apropriação semiológica desse agente (o cavalo) como mediador que possibilita o

desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos que dele interagem, dentre elas a atenção pelas atividades equoterápicas, a percepção de um outro ser diferente, a logicidade que as atividades equoterápicas demandam, a formação de conceitos etc.

[...] Trabalhamos ações especificamente humanas na Equoterapia, em que os alunos verbalizam sobre o que fizeram e o que estão fazendo. Damos tarefas para que eles possam resolver certos problemas mentais com a gente até eles com independência façam sozinhos, ou seja, solucionar algumas tarefas escolares na Equoterapia. Usamos muitas tarefas com imagens de cavalos para um trabalho semiológico para os alunos compreenderem o que fazem na Equoterapia. Se não fizermos isso, as atividades passam a serem meramente atividades mecânicas e sem sentido. (COORDENADOR DA EQUOTERAPIA – Anedotário de Campo, 2º semestre de 2015).

A Equoterapia é circulada de funções semiológicas, cria representações para conceber a escola como sua, instituiu signos equoterápicos para se situar nesse contexto, codificou e decodificou mensagens do mundo do cavalo para que o todo escolar possa entender, convenciona-os com a finalidade de vincular a consciência equoterápica na linguagem escolar. Por isso, essa pesquisa é partidária da prática colaborativa, dialógica e inclusiva quando assevera que os cavalos só podem ser compreendidos como suportes de apoio quando se preenche de conteúdo de significação escolar e interage com outras consciências escolares.

Dentro da prática equoterápica acontecem o uso dos signos entre os agentes mediadores e os alunos praticantes ao mesmo tempo em que incide o processo de internalização de sistemas das estruturas equoterápicas/escolares nas interlocuções entre os agentes escolares. A Equoterapia processualmente internalizada como um atendimento de suporte especializado na interação do aluno/cavalo/mediadores. Assim, ele vai incorporando essa realidade na compreensão dele como sujeito dentro dela.

Nessa inclusão dialógica com outro, o aluno-praticante fala, faz uso da linguagem verbal e de suas narrativas corpóreas e do que o outro tem a dizer, internalizando os conteúdos equoterápicos/escolares apropriando-se do mundo que o rodeia das rotinas escolares e da cultura do outro.

A luz da concepção sócio-histórica nas práticas equoterápicas é importante e corrobora para afirmar o quanto são necessárias as relações sociais entre os sujeitos na construção de procedimentos escolares e no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Pois, as ações semiológicas entre alunos/cavalos/mediadores são comuns pelo grupo social em essa pesquisa se estabeleceu, aceitando a interação social e a comunicação entre os sujeitos como práxis pedagógica.

O desenvolvimento desse trabalho não é mecânico ou linear. Ao contrário, trata-se de uma atividade complexa, com idas, vindas, avanços e recuos na nossa avaliação, que provoca crises e mudanças todo o tempo no planejamento do programa equoterápico, outras estratégias e procedimentos para enfrentar um tipo de atividade que para nós, é um desafio..

Na concepção freiriana, a dialogicidade entre os agentes escolares está estreitamente ligada às interações. Dessa forma, a prática colaborativa é um fenômeno do mundo escolar, pois surge dos processos de interação entre os que estão dentro de uma unidade escolar.

A interação entre alunos/cavalos/mediadores é materializada por meio do diálogo, e a experiência do cavalo dentro de uma escola agrária nada mais é do que a concretização dessa interação. Nessa abordagem, o cavalo é um meio de natureza escolar. Ele chega à escola com a função de colaborar, de suporte, de apoio para atender o aluno com necessidades educacionais especiais. Por isso, sua significação se remete a algo situado dentro do contexto escolar e não fora dela.

Nesse sentido, o cavalo não apenas um elemento de uma universidade agrária na escola, uma realidade extraescolar que chega as terças feiras para um atendimento equoterápico. Ao contrário, ele faz parte do todo dessa realidade. Ele tem função semiológica na escola, é um signo encarnado na consciência escolar, é matéria, tem cor, massa física, movimento, se comunica, afeta e é afetado, ensina e aprende como qualquer outro agente escolar.

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, e que penetra em minha consciência, vem do mundo exterior, da boca dos outros (da minha mãe etc.) e me é dado com a entonação, com o tom entonativo com os valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. (BAKTHIN, 1992, p.378).

Dentro desse contexto, a Equoterapia na escola avalia que as interações tomam o status de fato dialógico por excelência, pois se trata de conduto ou meio de comunicação entre os agentes escolares no cotidiano escolar. Nesse sentido, ela (a Equoterapia) não pode ser um serviço paralelo de atendimento especializado, mas estar intrinsecamente ligado aos processos de escolarização do aluno especial. Assim, nenhuma terapia na escola pode ter valor à margem das condições de sua participação compreendida como um fim em si mesmo.

A Equoterapia UFRRJ/CAIC Paulo Dacorso Filho avalia o processo de interação que acontece dentro de suas condições trabalho, sob determinadas formas e tipos de comunicação verbal ou por meio de outras narrativas, que, ao mesmo tempo em que parte de alguém, é dirigida para alguém, trabalhando como um aporte entre interlocutores. A criança com TEA muitas vezes se expede ao universo dos sentidos, de como elas (sujeitos históricos e sociais) veem o mundo e a si próprias, de como os sentidos são produzidos na interação. Assim, a Equoterapia busca sempre a polifonia. Isto é, as múltiplas narrativas (corpóreas ou verbais) que participam dessa prática colaborativa no universo escolar para tentar dar conta dessa complexidade do real.

Não há palavra que seja primeira ou a última, e nos dá limites para o contexto dialógico (esse se parte num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estarão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo futuro. (BAKTHIN, 1992, p.142).

A palavra aqui sinalizada não necessariamente expede à palavra oralizada. Há diferentes formas de narrar para expressar sentidos/significados escolares que podem cooperar para a cultura da interação. O que é fundamental nessa pesquisa para refletirmos a interação com o aluno com TEA e a sua escolarização.

Dessa forma, as abordagens dialógicas de Freire, Bakthin e Vygotsky fornecem elementos para essa a compreensão do trabalho equoterápico inclusivo em que o sujeito com TEA sabe que suas formas de expressão corporal (aí a fala também faz parte do corpo) possuem uma atitude de interação, no qual a presença do outro é essencial e, cujos modos de interação que o aluno com TEA narra nas suas ações dentro da escola não podem ser descartados:

[...] a forma como comunicam suas necessidades seus desejos não é imediatamente compreendida, se adotarmos um sistema de comunicação convencional. Um olhar mais cuidadoso e uma escuta atenta permitem-nos

descobrir o grande esforço que essas crianças parecem desprender para lançar mão de ferramentas que as ajudem a ser compreendidas. (BOSA, 2002, p.34).

A Equoterapia Inclusiva organiza assim a mediação necessária de compreensão do aluno especial, a criança com TEA e o seu fazer escolar de uma forma compreensiva, nas relações concretas com os agentes escolares, levando em consideração os conhecimentos construídos e a vivência desses conhecimentos.

Assim, a capacidade de narrar por meio do corpo, com o outro, observando o outro se comunicar e aprende com esse outro sobre o mundo, e, desse modo o aluno vai se organizando o pensamento. Daí surge às possibilidades de interação com o outro ser – o cavalo e as ações que permitem a produção e a circulação dos sentidos para o sujeito com TEA pensar, construir suas representações do novo agente escolar no contexto escolar, elaborar suas funções superiores entendendo a Equoterapia no cenário escolar.

Essa prática inclui interações entre alunos/cavalos/mediadores. Conforme mencionamos, a Equoterapia Educacional defende a ideia de a interação deve ser discorrida como um processo, no qual estão presentes na formação dos processos psicológicos superiores, o contato com a cultura escolarizada e as mediações escolares que se responsabilizem pela permanência do aluno na escola.

Esse processo de mediação escolar a luz da abordagem histórica e cultural parte da ação dos sujeitos escolares que olham as possibilidades da Educação Inclusiva, questionando do aluno especial na relação com o outro. Considerando, desse modo, que o aluno com TEA interage conforme a sua linguagem. Para isso, é necessário avaliar como nós (agentes escolares) estamos interagindo com ele(s) nos diferentes espaços/tempos escolares. De modo inclusivo, o mediador deve ser:

[...] aquele orientado prospectivamente, atento à criança, às suas dificuldades e, sobretudo, às potencialidades, que se configuram na relação entre a plasticidade humana e as ações do grupo social. É aquele que é capaz de analisar e explorar recursos especiais e de promover caminhos alternativos; que considera o educando como participante de outros espaços do cotidiano, além do escolar; que lhe apresenta desafios na direção de novos objetivos. (GÓES, 2002, p.107).

Entendemos que a ação de escolarização do aluno com TEA segue a mesma coerência dos considerados atípicos. A expectativa que se abre para o estudo dos alunos com TEA se regulariza nos aspectos qualitativos do desenvolvimento da comunicação recíproca, entendendo que esses sujeitos oferecem um processo escolar qualitativamente peculiar com o seu espectro.

Assim sendo, a Equoterapia Inclusiva supera os aspectos resultantes da simples soma das funções e propriedades clínicas. Refletir sobre isso parte da premissa que todos se desenvolvem e aprendem desde que continuem e permaneçam inseridos em um ambiente favorável para isso. O modelo integrador de educação põe em evidencia as limitações do aluno, as funções elementares do desenvolvimento humano como dados orgânicos prontos e acabados e já considerados limítrofes para o desenvolvimento humano.

A Equoterapia que nos guia destaca a importância das contribuições da perspectiva histórico-cultural na apropriação do conhecimento do aluno especial no contexto escolar, da interação e da linguagem (verbal ou não verbal) para a construção da escolarização do aluno com TEA. Um dos aspectos principais é o apoio pedagógico e a práxis colaborativa formada

pelos agentes escolares: professores/equipe pedagógica/funcionários/cavalos que estão como colaboradores que interagem com os alunos por meio do dialógico.

A primeira regente, professora do Felipe relata que para superar a dificuldade do trabalho com o Felipe em sala de aula teve o apoio, orientações e o auxílio da equipe pedagógica e da gestão da escola que lhe deu aporte e segurança em prosseguir com suas aulas. Porém, o desafio ainda estava por vir que era como entrar em um mundo tão distante e desconhecido da criança autista que era de trabalhar com um aluno que tinha uma necessidade que eu não conhecia apesar de ter ouvido falar.

Além disso, disse a professora “[...] o menino era muito tímido, não falava, vivia sempre olhando para baixo e muitas vezes se expressava com o choro e a busca pela mãe. Sempre com um olhar e atitudes arredias sem qualquer interação com os colegas. Um dia em meio a uma atividade da rotina sempre acrescentava o nome dele em tudo trazendo sempre perto de mim e demonstrando carinho apesar de pouco conhecer e saber o que fazer ao longo do ano que só começava. Entretanto foi através das brincadeiras iniciadas com o lançamento das primeiras letrinhas que o aluno começou a estabelecer uma relação de amor e carinho comigo, o que foi recíproco. Só que com o tempo ele começou a ter algumas atitudes de ‘ciúmes’ ao ponto de um dia ele não querer dividir minha atenção com os colegas. Ele deu um empurrão num coleguinha para se afastar de mim. Isso foi à única atitude agressiva dele. Se é que posso assim dizer”. (PRIMEIRA PROFESSORA REGENTE, fragmento de entrevista dada em fevereiro de 2016, Trabalho de Campo).

A professora continua nos contando que “apesar de todo apoio educacional recebido pela direção e equipe pedagógica da escola não tivemos professor acompanhante para o auxílio na aprendizagem do Felipe. O que foi encaminhado pela direção foram alguns materiais pedagógicos infantis que eu mesma comecei a buscar informações para melhor trabalhar com todos meus alunos inclusive o Felipe. Aos poucos fui percebendo que apesar da dificuldade por conta do autismo o menino era muito esperto e observava tudo e reproduzia com bastante agilidade o que conseguia aprender. Mas, o diferencial na vida do menino aconteceu quanto ele começou na Equoterapia. Tudo ficou muito diferente no relacionamento e no comportamento de uma forma geral na vida do nosso pequeno Felipe, que aos poucos foi abandonando a timidez e se tornando uma criança mais alegre e muito faladeira. Ele começou a deixar minha mão e meu colo e sentar-se sozinho, organizando suas coisas sem necessitar de meu auxílio. Sempre trazendo uma novidade expressa em desenhos e passou a olhar mais para os colegas e sorrindo mais.” (PRIMEIRA PROFESSORA REGENTE, fragmento de entrevista dada em fevereiro de 2016, Trabalho de Campo).

A primeira professora do Felipe mostrou-nos por meio de relatórios a evolução escolarizada do aluno que “[...] todas as vezes que o estagiário da equoterapia chegava na sala, ele logo sorria e sabia que já ia para sua atividade voltando com muito mais energia e disposição para aprender, se soltando a cada dia mais. Aos pouco comecei a perceber que aquele menininho tão tímido, cheio de recomendações e de uma certa forma alvo dos meus maiores medos rompeu com todos os diagnósticos da não aprendizagem ou da enorme dificuldade que teria em aprender e começou a escrever as primeiras letras [...]” (Ela se emociona na entrevista, e chora).

E a professora participando da entrevista, emocionada disse: “Ele foi um desafio pra mim, de certa forma, era tão novo naquela experiência como eu, e depois quando foi chegando o final do ano (ela volta a chorar muito emocionada) me senti muito orgulhosa, feliz e muito emocionada em ver o quanto ele avançou. Tenho o Felipe como um filho mesmo e agora ele estando com a outra professora, eu sempre procuro saber como ele está se vai bem. E ele também sempre que passa pela minha sala sorri, fala meu nome (ela mais uma vez se emociona e chora) me acolhe com um abraço gostoso”. (ROSA, PRIMEIRA PROFESSORA

REGENTE, fragmentos de entrevistas dadas em fevereiro/março de 2016, Trabalho de Campo).

Pode-se notar que o trabalho colaborativo da Equoterapia como apoio na escolarização do Felipe faz parte do projeto pedagógico da professora que organiza suas ações de ensino em parceria com a Equoterapia no seu cotidiano de sala de aula. Pode-se ressaltar, também, que o desafio de trabalhar com uma criança com TEA é responsabilidade do todo escolar e necessita de parcerias para o trabalho se concretizar efetivamente.

O desafio nos faz compreender, então, sobre a forma de como os professores enfrentam a ação de trabalhar com crianças com autismo nas fases iniciais do processo de escolarização. O fator, que destacamos é a desmistificação da criança com TEA única, genérica sem expressão social, exclusivamente voltada para ela e seu mundo, Rosa, nos diz que a criança com TEA não se reduz a classificações etiológicas rígidas.

Na entrevista de Rosa, podemos entender que a representação da criança autista é desconstruída dentro daquela imaginada pelo senso comum de entendimento. A criança autista é capaz de se relacionar, interagir, aprender desde que tenha apoio e suporte dos agentes escolares. Encontramos na sua forma pedagógica, outras formas de elaboração de seu currículo escolar, novas metodologias de ação a partir das particularidades da criança especial, novas formas de avaliação a serem vivenciadas na escola.

Dentro dessa prática pedagógica, Rosa busca ações afetivas que envolvem ela e o Felipe, ações que atitudinais que orientam uma possível forma de trabalhar com crianças autistas. Ela arruma estratégias que constroem outras formas de interação com o Felipe, bem como procedimentos cognitivos que estabelecem com o aluno que orientam como a escola precisa ser parceira da criança especial. Pensar na pedagogia de Rosa é entender como as proposições heterogêneas devem, definitivamente, se estabelecer na escola, movimentadas por processos colaborativos, até mesmo de cavalos para o auxílio da escolarização da criança especial.

“O Felipe chegou pra mim, pronto. Mesmo sabendo que ele era autista nada mudou no meu modo de dar aulas. Pois, conversei com a Rosa e assim comecei um trabalho a partir do dela. Ele, hoje, não demonstra qualquer dificuldade na interação comigo e com os colegas na escola. Tive muito o auxílio da professora Rosa, pois trabalhamos em parcerias de modo que isso foi me auxiliando muito no dia – a – dia com o Felipe e todos os alunos da turma dele. Eu não estou mais utilizando nenhum material adaptado para o Felipe. Ele consegue acompanhar todas as atividades práticas, educação física e atividades para casa. E, a Equoterapia. Ele adora. E, quando vai, mesmo estando durante um período ausente da sala de aula para a prática da Equoterapia, ele não apresenta nenhuma perda em sua aprendizagem. Pelo contrário ele consegue ter muito mais atenção, concentração e disposição. Pois quando retorna ele as pressas tentam se ordenar e acompanhar a turma sem nenhuma dificuldade. Sabe também que o que ele ‘perdeu’. Nessa questão, eu reservo um momento específico para ele. É uma aula particular para ele, junto com a turma. Isso foi uma das atividades e orientações que a professora do ano anterior me passou, transmitir a segurança de que ele não iria perder nada e cumprir com o papel de transmitir e reforçar o que ele teve acesso na Equoterapia.” (ANA, ATUAL PROFESSORA REGENTE DO FELIPE, fragmentos de entrevistas dadas em fevereiro/março de 2016, Trabalho Campo).

Essa diferente forma de pensar a escolarização do Felipe surge do cotidiano colaborativo da escola. Ela coexiste nas diferentes práticas do atendimento especializado e o trabalho das professoras regentes que fomos vivenciando no trabalho de campo da pesquisa. São atividades heterogêneas e vão se constituindo no fazer pedagógico da escola. Sendo assim, o currículo escolar se flexibiliza e daí emerge ações práticas que se reformulam, que desconstroem a forma mecânica de ensinar e aprender, não apenas para o Felipe, mas, para toda a turma que o acompanha. Essas atividades são frutos de estudos entre os sujeitos da

escola, planos de aulas e de um trabalho colaborativo, que vai se estabelecendo em um processo de resignificação da realidade fixa da escola conservadora. Ressaltamos como a diretora do CAIC Paulo Dacorso Filho vem entendendo a inclusão.

“Vemos o crescimento das crianças com TEA, da mudança comportamental, da socialização entre as crianças, dando abertura para uso de outros espaços escolares como a biblioteca, jardins, refeitórios. A Equoterapia não é só o momento das crianças e dos cavalos, mas também a oportunidade das famílias estarem juntas, conversarem, falarem delas e dos seus filhos. No início nós víamos apenas um ou dois membros da família que acompanhava a Equoterapia. Agora, podemos identificar a presença, do pai, da mãe, irmãos das crianças, outras crianças fazendo a Equoterapia, avôs e avós dos praticantes envolvidos de certa forma com o projeto e, por conseguinte a escola. Oportunizando ainda um momento de reflexão, de bate-papo, compreensão e aceitação da deficiência e a necessidade especial e específica de seus filhos, o que se fosse feito talvez em uma reunião pedagógica em uma sala com muitos pais talvez não tivesse tanto retorno positivo. O que com isso torna a escola como um espaço de referência em atendimento específico para autista, apesar de a escola ser uma escola de educação básica regular e que busca responder não só as determinações garantidas nas leis educacionais para a inclusão, mas também em torná-las reais e efetivas nas suas práticas. Temos, por exemplo, hoje alunos não só na educação infantil, mas também fazendo uso do atendimento especializado por meio da Equoterapia como referência para alunos do ensino fundamental II, como o caso do aluno Roberto da turma de 8º ano do ensino fundamental que vem de outro município com sua mãe estudar aqui em Seropédica em nossa unidade e isso sem dúvidas foi por causa da indicação da Equoterapia escolar presente em nossa escola, sendo um atrativo a mais.” (CRISTINA, ATUAL DIRETORA DO CAIC PAULO DACORSO FILHO, fragmentos de entrevistas dadas em fevereiro/março de 2016, Trabalho de Campo).

Constatamos com a diretora da escola que um dos fatores mais valorizados na Equoterapia é a interação entre os pais dos alunos com necessidades educacionais especiais. Essa prática tem um espaço de discussões entre eles que fazem parte das sessões equoterápicas. Não tem apenas Equoterapia para os alunos. Existe uma reunião não oficial entre os pais que consideramos importantes nas atividades colaborativas da escola, ajudando, inclusive eles e os alunos a estabelecerem relações de amizade com os outros agentes escolares e as crianças. Consideramos de que a valorização dessas atitudes pelos pais tem certo reconhecimento oficial da escola, significa que suas reuniões e ações são legítimas e mudam o contexto dos trabalhos equoterápicos e a legitima suas decisões.

Conversamos sobre um mediador que não estava se relacionando bem com uma criança. E que por conta das atitudes dele o menino não estava avançando como devia. Pressionamos o coordenador para mudar o mediador e, ele, nos atendeu. Outra coisa. O coordenador falou que a Equoterapia teria um recesso em julho para os cuidados dos animais, uma medida solicitada pela Medicina Veterinária, pois a maioria dos cavalos estava gripada e um com pneumonia. Pedimos a ele que a Equoterapia não parasse, apesar de não termos os cavalos. Ele atendeu o nosso pedido. Mesmo sem cavalos, a Equoterapia não vai parar no mês de julho e nem nas olimpíadas do Rio. (MÃE DE UM ALUNO DA EQUOTERAPIA, junho de 2016, Trabalho de Campo).

É importante observar a reflexão dos pais que se apresentam interessados no desempenho do filho na Equoterapia e na escola. As ‘reuniões’ entre eles implicam um movimento colaborativo sem a direção da escola. As ‘reuniões’ marcam um movimento solidário as antigas práticas homogêneas. Essas solicitações dos pais no espaço da Equoterapia significam espaçar terrenos não reconhecidos na escola para outros sentidos que não passam pela autorização escolar, mas são legítimos numa instância onde eles têm voz.

6.3. A Equoterapia Educacional e suas Heterogeneidades na Prática Escolar.

Podemos pensar numa desconstrução com uma escola acomodada por estereótipos homogeneizantes; pode ser também uma prática de dar voz aqueles que muitas vezes são silenciados na escola. Pensar em pais que falam, se expressam, quer serem ouvidos não é comum dentro da escola pública. São atos críticos que deslocam um sentido naturalizado do pai ou da mãe subserviente. Com esses dados dos pais, sujeitos ativos na escola, os mesmos deixam de ser de ser considerados meros expectadores do processo de escolarização dos seus filhos. São sujeitos que fazem valer os seus discursos crítico diante das diferentes situações escolares.

Com o conhecimento de agentes escolares como sujeitos ativos, o aluno especial deixa de ser considerados como um ator social sem opinião diante de situações escolares. A Equoterapia deixa de ter uma conotação de um mero método terapêutico, em que o “terapeuta/mediador” tem intenções, objetivos e vontades próprias independentes do outro, para se constituir um espaço de interação com o todo escolar. Desse modo, nos reconhecemos num tipo de Equoterapia constitutiva de sentidos.

As ações das atividades são mais emancipadoras, em que o outro é respeitado no seu direito de falar, de reivindicar. Essa ação aponta, por extensão, para a construção de uma criança especial sujeito-ator diferente de uma prática pedagógica homogeneizante. Um dado de atividades mais emancipatórias são aquelas que provocam o desejo do aluno permanecer na escola.

Gostaria de destacar que enquanto coordenadora da unidade, a Equoterapia trouxe um retorno educativo na aprendizagem de muitas crianças não só durante a prática da atividade mas também por extensão na vivência da sala de aula, como o caso do aluno Felipe, que iniciou aqui conosco na Educação Infantil. Ele chorava muito, não tinha qualquer interação com os professores e demais colegas. Jogava-se no chão. Hoje, a gente já o vê integrado ao grupo não só de sua classe, mas da própria escola como um todo. Ele também já está aprendendo a ler e já está sendo alfabetizado conseguindo normalmente acompanhar a todos os alunos e muitas vezes saem na frente dos demais colegas em suas atividades. Hoje, graças a Equoterapia nós podemos o acompanhar também o Felipe fora escola, desenvolvendo prática de natação e outras atividades com grande interação, excelência e expandindo muito. Na Equoterapia, ele aprendeu a se conhecer como um ser, tendo um enorme ganho e a prática da Equoterapia foi mais um recurso a colaborar em sua efetiva aprendizagem para a vida e aprender a lidar com os diferentes tipos e modelos de interações. (LUCIA, COORDENADORA PEDAGÓGICA DO CAIC PAULO DACORSO FILHO, Fragmentos de entrevistas dadas em março de 2016, Trabalho de Campo).

A visão de Lúcia, a Equoterapia proporciona desejos, é uma das perspectivas mais reiteradas entre os agentes escolares quando asseveramos que a criança deseja a escola, gosta da escola, tem prazer de estar na escola. Os alunos-praticantes em meio a tantas atividades escolares têm a possibilidade de promoverem a Equoterapia como uma prática lúdica e prazerosa da escola. Desse modo, afirmamos que os alunos têm autonomia de fazer parte desse atendimento especializado. Ele tem liberdade de escolha da prática ou não. Os agentes escolares atuam como mediadores, exercendo influência, mas não determinando com protocolos, a vivencia equoterápica. A vontade do aluno é admitida dentro de suas condições biopsicossociais para a prática. Os cavalos são os principais mediador-agentes escolares nesse processo, tem importância fundamental na formação do gosto pela prática, já que são estes que se expõem mais na sessão equoterápica. São eles que assumem os modos de interação com as crianças especiais que são, para nós, os modelos colaborativos a serem seguidos.

‘Eu trabalho com o Felipe na Educação Física e o observo na Equoterapia. Uma das estratégias da Equoterapia que a gente usa na Educação Física são as rodinhas inclusivas entre

os alunos da turma do Felipe. Fazemos muitas rodas inclusivas trabalhando a cooperação entre as crianças. Em todos os tipos de rodas e atividades o Felipe participa. Pedimos para ele falar sobre a aula. Ele se posiciona, fala do seu jeito. Mas fala. Sobre os movimentos psicomotores, ele tem boa desenvoltura. Ele tá um pouco acima do peso, mas isso não gera impedimentos para ele fazer os circuitos motores, brincadeiras, jogos, atividades com materiais alternativos, teatro, dança. Eu estou surpreso do que ele era e do que ele é agora. (BOLSISTA PIBID – CAPES – EDUCAÇÃO FÍSICA, fragmentos de entrevista dada em setembro de 2015, Trabalho de Campo’).

A prática equoterápica é decorrência de um trabalho coletivo de toda a escola construída com o Felipe e sua turma. A escolarização do Felipe não objetiva a sua cultura matemática, letrada ou alfabetizadora, mas a partir de sua individualidade especial, todo um processo está sendo construído de acordo com suas interações e como isso nos faz compreender a força do outro nesse processo.

O Felipe começa sua escolarização com dificuldades com a sua turma e com a escola. Vai conhecendo a estrutura escolar e o AEE da Equoterapia. Nas primeiras fases de escolarização ele tem um comportamento afastado, apartado e separado. O Felipe aceita o outro como suporte que lhe fornece apoio pedagógico e escolar. Aos poucos, ele vai se abrindo, interagindo, trabalhando junto com a professora, os agentes escolares, os cavalos, com os mediadores. Há uma suspeita pedagógica entre nós, que questiona: “Será que ele é mesmo autista?” Com isso, não deixamos também de aprender a partir de um destroncamento de sentidos, do que até então o autismo era pensado a partir de uma ideia fixa e classificatória.

Como aprendemos com o Felipe no processo de um trabalho colaborativo. O papel do outro como interlocutor nessa pesquisa. O papel do suporte, do apoio, de ser o outro na escolarização de um aluno especial. A escola inclusiva precisa da interdependência na realização de propostas pedagógicas, de (re) avaliar o processo de ensino/aprendizagem para a construção de outras formas, singulares e diferentes de escolarização.

Como resultado desta pesquisa, diversas maneiras do Felipe se apropriar do mundo escolarizado ocorreram. Nosso apoio equoterápico nos mostra com o aluno se descobriu no lombo de um cavalo e como nós nos descobrimos nas atividades da Equoterapia.

“Meu nome é Felipe” (Felipe, cantando um brinquedo cantado e ao mesmo tempo em que aponta para ele e faz um gesto único dele). Ele confirma quem ele é. No começo, ele não fazia isso e, juntos buscávamos outros procedimentos pedagógicos para ele se reconhecer: ele em cima do cavalo, ele de frente para o espelho, brincávamos de esconde-esconde, com máscaras etc. Ele se descobriu num lombo de um cavalo.

Buscamos o desejo de mudança do Felipe. Sabemos que houve mudanças efetivas, no percurso dessa pesquisa que se podem encontrar no seu comportamento mais aberto. Com relação ao ensino escolar, pode-se observar, por exemplo, as mudanças metodológicas, no âmbito de sua particularidade, que foram sedimentando, concomitantemente o trabalho colaborativo DA escola e NA escola.

7. CONCLUSÃO

O deslocamento do eixo das ações da Equoterapia como um método terapêutico para o nível de compreensão sócio-interacionista do aluno-praticante autista ou o processo de escolarização de um aluno especial em que a Equoterapia é também uma prática colaborativa, justificada por Atendimento Educacional Especializado por uma disposição/intenção colaborativa escolar. Pode-se, assim, observar também, as diferentes ações entre os vários agentes que se apresentam como diferentes entre si, encontrando-se, porém, assentados na escolarização do Felipe.

A Equoterapia como método é complexa, marcado por uma visão clínica, reeducativa ou reabilitacional deve ser rediscutido. Não é nosso o desejo a ruptura com a tradição que historicamente se processou, num espectro de referências da tutela médica, por vezes, ao nível de estruturas conservadoras, apenas, indicamos a reflexão de outras formas de entender o praticante situado numa concepção de Equoterapia como área de saber interdisciplinar e cada vez mais autônoma para a objetivação de projetos políticos-educacionais mais críticos.

Essas reflexões configuraram o movimento de escolarização de um aluno especial com autismo, suas ações escolares como objeto de estudo/pesquisa, evidenciando a Equoterapia como prática colaborativa mais intricada na relação Atendimento Educacional Especializado, educação e necessidades educacionais especiais. A Equoterapia enquanto processo educacional na passagem do mundo privado de uma criança autista para o universo público da cultura escolarizada, no ensino/aprendizagem na fase inicial de escolarização de crianças especiais, da ação inclusiva da educação pela permanência e sucesso da criança especial na escola.

Dessa forma é razoável pensar que, a Equoterapia aqui apresentada, coexiste a partir de distintas formas de intervenção, no que se refere à educação, de acordo com o modo de educar. Em cada um dos momentos históricos da Equoterapia produziram-se necessidades educacionais e/ou terapêuticas de um tempo então especial; pretendeu-se, divulgar uma “verdade”, indispensável na busca de um sentido atual de Equoterapia e de metodologia equoterápica, buscaram-se os sentidos, como nós buscamos também sentidos da Equoterapia encarar as dificuldades que nossas crianças estão enfrentando quando precisam ter um suporte para penetrar no mundo público da cultura escolarizada.

Em cada lugar/momento inclusivo, a significação de afetação será sentida de maneiras diferenciadas, assim como vão variar diferentes ações equoterápicas. Isso em relação ao tipo e intervenção equoterápica no enfrentamento que se pode realizar para inclusão e autonomia de um sujeito especial. Desse modo, é possível conceber uma heterogeneidade equoterápica, seja quando se propõe a desconstrução de métodos nesse processo, seja quando se discutem a interdisciplinaridade equoterápica, seja quando se utilizam outros nomes: equitação terapêutica, atividades educacionais sobre o cavalo, etc. Essa discussão é histórica: um método pode resolver os problemas terapêuticos, educacionais ou da escolarização de um aluno especial? Mas, também o método não pode ser abstruído! Nem o coletivo da escola! Nem os suportes e apoios para os que necessitam de atendimento educacional especializado!

Nesta pesquisa, a metodologia equoterápica foi importante como prática colaborativa, acoplada com muitas outras atividades escolares envolvidas nesse processo coletivo, que vem apresentando como seus maiores desafios a busca de ações de apoio para que crianças especiais continuem na escola. E toda a discussão sobre a Equoterapia como método terapêutico/educacional que se queira considerar, de fato é um método de ensino/aprendizagem e um dos aspectos do método e ter relação com um projeto político pedagógico, com um corpo epistemológico, de uma teoria educacional, de um projeto de homem e sociedade.

O trabalho colaborativo pode ser compreendido como uma estratégia de ensino e aprendizagem na escola para desenvolver uma tarefa interativa e alcançar objetivos mais eficazes para crianças com necessidades educacionais especiais. Tal trabalho que a princípio avalizaria as tarefas de equipe também pode ser realizado aonde o agente educacional cavalo participa do processo educacional. A Equoterapia está relacionada neste trabalho em que o cavalo interage com os outros, participando do ensino e do desenvolvimento da criança autista.

E, é também desse conhecimento que se podem dar à luz as reais possibilidades de encaminhamento das práticas inclusivas necessárias, em defesa do direito da criança especial continuar na escola, a qual, embora típica de tipo um “aluno padronizado”, vem sendo timidamente o lugar “pedagogias outras” (ARROYO, 2013). Delas, que se conseguem ensinar e aprender; delas que surgem os currículos inventivos que rompem com antigas estruturas, em que vão se constituindo a heterogeneidade pedagógica a todo instante de maneira diversa e original, que há até a possibilidade de ser concebido o cavalo nas atividades escolares.

Consideramos que os possíveis resultados observados ao longo do processo da pesquisa apontam para avanços comportamentais, afetivos e significativos na aprendizagem e desenvolvimento do aluno com Transtorno de Autismo, em questão, contribuindo para a superação da perspectiva conservadora para a expectativa transformadora desvendando novas saberes e práticas educativas. O que fez o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente Paulo Dacorso Filho e a UFRRJ como um todo reconhecesse a criança autista como sujeito de direitos sociais e educacionais, em virtude das nossas estratégias pedagógicas de legitimar o Transtorno do Espectro Autista dentro de um trabalho colaborativo entre crianças, agentes escolares e cavalos.

Essa nova significação pedagógica aproximou a escola da prática docente nos diferentes cursos da universidade, o que favoreceu o alargamento das experiências tipicamente de pesquisa e extensão universitária, com recursos pedagógicos e relações interativas entre as crianças/professores/cavalos. Nossas considerações finais apontam que, no espaço da educação fundamental, a mediação equoterápica pode favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem escolar da criança com autismo como um todo. O processo pedagógico da Equoterapia Educacional na inserção da criança autista, como praticante-aluno nas práticas equoterápicas concomitantemente com a aprendizagem da cultura escolarizada rompeu com a separação preconceituosa dos agentes escolares e permitiu a reconstrução e reorientação de uma nova semântica escolar da criança com o TEA, a de quem pode se desenvolver integralmente, participar do cotidiano da escola e propiciar autonomia social.

8. REFERÊNCIAS

- ANACHE, A. A. **As contribuições da abordagem histórico-cultural para a pesquisa sobre os processos de aprendizagem da pessoa com deficiência mental.** In; BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M. & JESUS, D. M. (Org.) *Educação Especial: diálogo e pluralidade*. Ed. Mediação, Porto Alegre, 2015. p. 49-59
- ANDE-BRASIL. **Apostila do curso básico em Equoterapia.** Brasília, 2013
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BAKTHIN, M. **Estética e criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992
- BAUMGRATZ, J. L. **As representações sociais e transdisciplinares da inclusão estudo de caso do Centro de Equoterapia implantado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do sudeste de Minas – Campus Barbacena.** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ - Instituto de Agronomia. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA, 2010 (Dissertação de Mestrado).
- BOSA, C. **Autismo: atuais interpretações para antigas observações.** In: BATISTA, C. R.; BOSA, C (Org.) *Autismo e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física.** Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 05 de outubro de 1988.
- _____. **Desafios da Educação Especial**, da Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC, 1994.
- _____. **Desafios da Educação Especial**, da Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC, 1994.
- _____. **LDBEN 4024/61**. Disponível em:<http://www.legislacao.planalto.gov.br>.>. Acesso em: 20 set. 2009.
- _____. **LDBEN 5692/71**. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>>. Acesso em 20 set. 2009.
- _____. **Lei nº 9394, de 20/12/96**, “Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional”. In: Diário Oficial da União. Ano CXXXIV, nº 248, de 23/12/96.
- _____. MEC. **Política Nacional de Educação Especial.** SNEE, Brasília, 1994.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: SEESP, 1994.

_____. Ministério da Educação. Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. **Deficiência Física**. Brasília: SEESP/SEED, 2007.

_____. Ministério da Educação. Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. **Deficiência Mental**. Brasília: SEESP/SEED, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Sala de Recursos Multifuncionais**: espaços para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL, Programa de Educação Continuada a Distância. **Curso de Terapias com Equinos: Programas Básicos**: Portal da Educação, 2016, p.22)

_____. Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para a organização e funcionamento de serviços de educação especial**: áreas de altas habilidades. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, abr. 2009. Disponível em: HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000100008&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em 02 fev. 2015.

CAPELLINI, V. L. F. O ensino colaborativo favorecendo políticas e práticas educativas de inclusão escolar na educação infantil. In: **A educação inclusiva de crianças, adolescentes, jovens e adultos: avanços e desafios**. Org. VICTOR, S. L. DRAGO, R. CHICON, J. F. Vitória Ed. UFES, p. 83-108, 2010.

CARVALHO, A.M.A. **Etologia e Comportamento Social**. Em: Psicologia, reflexões (im)pertinentes, Casa do Psicólogo, 1998. p. 195-202.

CARVALHO, A.M.A. **O lugar do biológico na Psicologia**: o ponto de vista da Etologia. Biotemas, 2(2): 1989. p. 81-92.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CERTEAU, M. de. **A cultura do plural**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHIOTE, F. de A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

COPETTI, F.; MOTA, C. B.; GRAUP, S.; MENEZES, K. M.; VENTURINE, E. B. **Comportamento angular do andar de crianças com síndrome de Down após intervenção com equoterapia**, Revista Brasileira de Fisioterapia, v. 11, n. 6, 2007. p. 503-507.

DAMASCENO, A. R. (Org.); PAULA, L. A. L. (Org.); MARQUES, Valéria (Org.). **Educação Profissional Inclusiva: desafios e perspectivas**. 1. ed. Seropédica: EDUR, 2012. v. 1. 214p.

DIAS, E.; MEDEIROS, M. **Equoterapia: bases e fundamentos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

DRAGO, R. A Inclusão chega ao ensino superior: concepções inclusivistas de um grupo de profissionais de uma faculdade privada da Grande Vitória. In: **A Educação inclusiva de Crianças, Adolescentes, Jovens e Adultos: Avanços e Desafios**. ES: EDUFES, 2010.

ESPINDULA, Ana Paula. **Efeitos da equoterapia em praticantes autistas praticantes autistas** Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2008 [Dissertação de Mestrado].

FREIRE, H. B. G. **Equoterapia: teoria e técnica, uma experiência com crianças autistas**. Ed. Vetor, São Paulo, 1999a.

_____. Estudo de caso: **Equoterapia com uma criança portadora de distúrbio autista atípico**. Universidade Católica Dom Bosco, 1999b. Disponível em: <equoterapia.org.br/media/artigos-academicos/documentos/18091716.pdf>. Acesso em 2 fev. 2015.

_____. **O Autista na Equoterapia: a descoberta do Cavalo**. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, 2009. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/news/article.php?storyid=476>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3^a edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 1993

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

FONSECA, Marília Massard. **Resgate da história de implantação do CAIC Paulo Dacorso Filho na UFRRJ e a Perspectiva de sua transformação em um centro de ensino e pesquisa aplicado à educação Agroecológica**. [Dissertação de Mestrado] Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola, UFRRJ, Seropédica – RJ, 2010. 156 f.

GARCIA, R. L. **Revisitando a pré-escola**. SP, Cortez, 1993.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GLAT & BLANCO, L. de M. V. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2^a edição, p. 15-35, 2011.

GLAT, FERNANDES, E. M. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira. **Revista Inclusão**: MEC / SEESP, v. 1, nº 1, p. 35-39, 2005.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Marcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, 162p. (Pesquisa em Educação).

GOES, M. C. R. **As contribuições da abordagem histórico-cultural para a pesquisa em Educação Especial**. In; BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M. & JESUS, D. M. (Org.) **Educação Especial: diálogo e pluralidade..**, Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 39-48.

GOES, M. C. R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95-114

LEONARDOS, A. C. O CIEP Como Inovação Educacional. **Contexto Educação**. Universidade de Ijuí, Ano 6, nº.22, 1991, p.46-64

LERMONTOV, T. **Psicomotricidade na Equoterapia**. SP: Idéias e Letras, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo, Ed. Cortez. 1998

LUDKEN, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1987.

MANTOAN, M. T. E. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. 2^a. Ed. São Paulo: Scipione, 2001.

MARQUES, V. RAMOS, J. R. da S. ;; ALMEIDA, F. J. . Equoterapia: proposta interdisciplinar de educação e saúde. In: **IX Simpósio Pedagógico e Pesquisa em Comunicação**, 2014, Resende RJ. SIMPED 2014, 2014. p. 1-9.

MIGNOT, A.C.V. CIEP – A escola pública e a construção de um espaço alternativo de educação. **Educação e Sociedade**, nº40, 1991.

MIGNOT, A.C.V. CIEP- **Centro Integrado de Educação Pública - Alternativa para a Qualidade do Ensino ou Nova Investida do Populismo na Educação**. Em Aberto, Brasília, ano 8, n.44, 1989.

OTERO, F. L.; BURGUÉS, P. L. **Introducción a la Praxiología Motriz**. Lleida: Editorial Paidotribo, 2003.

PARLEBAS, P. **Jeux, Sport et Sociétés Lexique de Praxiologie Motrice.** Collection Recherche, INSEP. Paris, 1999.

PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar.** 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PIEROBON, J. C. M. ; GALETTI, F. C. G. **Estímulos Sensórios-Motores proporcionados ao praticante de Equoterapia pelo cavalo ao passo durante a montaria.** Revista Ensaios e Ciência. Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde. vol. XII Nº 2, 2008.

RAMOS, J. R. da S. **Wealthy Sports within the Space of a Rural University: Oral and Photographic Memories od Sportivization of UFRRJ in the First Decades of the 20th Century.** In: ISHPES Congress 2012. Rio de Janeiro. Abstracts Book and Program, 2012. v. 1. p. 114-114.

_____. **Cavalos, remo e o esporte no interior de uma universidade agrária.** Rural Semanal. Informativo da UFRRJ ANO XX – 2013 p. 2.

RAMOS, J. R. S. **Praxiologia motriz e equoterapia: uma radiografia praxiológica da lógica interna das mediações da etologia equoterápica dentro da escola.** In: PRAXIOLOGIA MOTRIZ NA AMÉRICA-LATINA. Org. RIBAS, J. M. Santa Maria. Ed. UFSM, 2016 [no prelo]

SCHMIDT, C. NUNES, D. R. P. AZEVEDO, M. Q. O. **Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura.** Revista Educação Especial | v. 26 | n. 47 p.557-572 set./dez. 2013. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>

SOBRINHO, J.A; PARENTE, M.M.A. CAIC: Solução ou Problema? Texto para Discussão nº363, IPEA, Brasília, janeiro de 1995.

THIOLLENT, M. **Notas para o Debate sobre pesquisa-ação.** In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a Pesquisa Participante. Brasiliense, São Paulo, 1984.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UFRRJ: **Termo Aditivo Processo de Municipalização:** SEE. RJ e PMS – 20/12/2005.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas educativas especiais.** 1994. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

VYGOTSKY, L. C. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Teoria e método em psicologia.** 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Obras escogidas V: fundamentos de defectologia.** Madri: Visor, 1997.

WALTER, G. B. **Equoterapia – Fundamentos Científicos**. SP, Atheneu, 2013.

ZORZANELLI, R. Sobre os DSM's como objetos culturais. In: ZORZANELLI, R. BEZERRA JR. B. COSTA, J. F. (org.) In: **A criação de diagnósticos na Psiquiatria Contemporânea**. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2014.

9. ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética I	80
ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética II	81
ANEXO C – Roteiro de Planejamento das Sessões de Equoterapia.....	82
ANEXO D – Relatório Diário do Projeto de Equoterapia	84
ANEXO E – Roteiro para Elaboração de Relatório	85
ANEXO F – Termo de Responsabilidade e Autorizações	86
ANEXO G – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Orientador Educacional	88
ANEXO H – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Professor Regente I	90
ANEXO I – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Professor Regente II	92
ANEXO J – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Responsável pelo Aluno.....	94
ANEXO K – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Dirigente Escolar	96
ANEXO L – Roteiro de Entrevista do Anotatório de Campo	98
ANEXO M – Ficha de Acompanhamento Pedagógico do Aluno	99
ANEXO N – Relatório Pedagógico Evolutivo da Professora	101
ANEXO O – Produção do Aluno	102
ANEXO P – Laudo Neurológico.....	103
ANEXO Q – Laudo Fonoaudiológico	104
ANEXO R – Relatório Fonoaudiológico Evolutivo	105
ANEXO S – Relatório Psicopedagógico	106
ANEXO T – Registro Fotográfico da I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015.	107
ANEXO U – Cartaz do III Festival de Equoterapia UFRRJ	111
ANEXO V – Folder do III Festival de Equoterapia UFRRJ	112
ANEXO W – Cartaz do IV Festival de Equoterapia UFRRJ	114
ANEXO X – Atividade de Integração da Equoterapia	115
ANEXO AA – Plano de Aula	117

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética I



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / COMEP

Protocolo N° 724/2016

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado *“Equoterapia educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola”* sob a responsabilidade do Prof. José Ricardo da Silva Ramos, Departamento de Educação Física e Desportos, do Instituto de Educação, processo 23083.000277/2016-31, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 12/04/2016.

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação

Jairo Pinheiro da Silva
Pro-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação
Matr. SIAPE 1109555
UFRRJ

ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética II



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / COMEP

Protocolo N° 725/2016

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado *"A equoterapia no contexto inclusivo do aluno especial: um ambiente educacional e heterogêneo para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar"* sob a responsabilidade do Prof. José Ricardo da Silva Ramos, Departamento de Educação Física e Desportos, do Instituto de Educação, processo 23083.000276/2016-96, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 12/04/2016.

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação

Jairo Pinheiro da Silva
Pro-Reitor Adjunto de
Pesquisa e Pós- Graduação
Matr. SIAPE 1109555
UFRRJ

ANEXO C – Roteiro de Planejamento das Sessões de Equoterapia

ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL A CRIANÇA E O ADOLESCENTE PAULO
DACORSO FILHO – ANO 2014

PROJETO PEDAGÓGICO: “EQUOTERAPIA EDUCACIONAL: REINVENTANDO O
ENSINAR E O APRENDER NA ESCOLA”

Projeto de Apoio à Melhoria do Ensino da Escola CAIC Paulo Dacorso Filho - Seropédica, RJ;
Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (Matrícula SIAPE: 1715704 – Instituto de
Educação/Departamento de Teoria Prática de Ensino/UFRRJ).

PLANEJAMENTO INDIVIDUAL

ANO: _____

Aluno: _____ Turma: _____

Ínicio/Terapia: ____ / ____ / ____ D.N.: ____ / ____ / ____ Idade: _____

Programa Equoterápico: _____

Diagnósticos / Características: _____

OBJETIVOS:

Geral: _____

Específicos: _____

ESTRATÉGIAS:

CUIDADOS ESPECIAIS:

Local e data: _____, ____ de _____ de ____.

Mediador(s): _____

ANEXO D – Relatório Diário do Projeto de Equoterapia

ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL A CRIANÇA E O ADOLESCENTE PAULO
DACORSO FILHO – ANO 2014

PROJETO PEDAGÓGICO: “EQUOTERAPIA EDUCACIONAL: REINVENTANDO O
ENSINAR E O APRENDER NA ESCOLA”

Projeto de Apoio à Melhoria do Ensino da Escola CAIC Paulo Dacorso Filho - Seropédica, RJ:
Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (Matrícula SIAPE: 1715704 – Instituto de
Educação/Departamento de Teoria Prática de Ensino/UFRRJ).

RELATÓRIO DIÁRIO

Aluno: _____ Turma: _____ Data: ___/___/___

Sessão: ___ Cavalo: ___ Arreamento: ___ Guia: ___

Montar: ___ Apear: ___

Mediador: _____

ANEXO E – Roteiro para Elaboração de Relatório

**ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL A CRIANÇA E O ADOLESCENTE PAULO
DACORSO FILHO – ANO 2014**

**PROJETO PEDAGÓGICO: “EQUOTERAPIA EDUCACIONAL: REINVENTANDO O
ENSINAR E O APRENDER NA ESCOLA”**

**Projeto de Apoio à Melhoria do Ensino da Escola CAIC Paulo Dacorso Filho - Seropédica, RJ:
Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (Matrícula SIAPE: 1715704 – Instituto de
Educação/Departamento de Teoria Prática de Ensino/UFRRJ).**

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO EQUOTERÁPICO

1. Nome
2. Idade
3. Início da terapia
4. Nº de sessões previstas
5. Nº de sessões realizadas
6. Relatório sucinto das atividades
 - 6.1 Principais ganhos evidenciados
 - 6.2 Principais barreiras / dificuldades
7. Mediador responsável
8. Sugestões da equipe
9. Data do relatório

ANEXO F – Termo de Responsabilidade e Autorizações

ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL A CRIANÇA E O ADOLESCENTE PAULO
DACORSO FILHO – ANO 2014

PROJETO PEDAGÓGICO: “EQUOTERAPIA EDUCACIONAL: REINVENTANDO O
ENSINAR E O APRENDER NA ESCOLA”

Projeto de Apoio à Melhoria do Ensino da Escola CAIC Paulo Dacorso Filho - Seropédica, RJ:
Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (Matrícula SIAPE: 1715704 – Instituto de
Educação/Departamento de Teoria Prática de Ensino/UFRRJ).

ESCLARECIMENTOS IMPORTANTES

A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo como principal agente pedagógico. O cavalo de Equoterapia é especialmente treinado e condicionado para realizar suas tarefas educacionais. Entretanto, é um ser vivo com características físicas, fisiológicas e psicológicas peculiares. Desta maneira, ele está sujeito a algumas alterações comportamentais naturais e/ou causadas por fatores externos não previsíveis, que podem gerar riscos ao aluno praticante.

A EQUOTERAPIA EDUCACIONAL UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO possui uma experiente equipe multiprofissional treinada e qualificada nos procedimentos básicos de emergência requerida nesse trabalho pedagógico e um atendimento exclusivo de ambulância da UFRRJ.

I. TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, _____,
responsabilizo-me pela participação do aluno praticante
nas atividades equoterápicas, estando ciente
dos benefícios da Equoterapia Educacional, bem como de seus riscos.

Seropédica, _____ de _____ de _____.

Assinatura do responsável

AUTORIZAÇÕES

2. LIBERAÇÃO DE IMAGEM

Eu, _____ responsável

autorizo

não autorizo

A divulgação de imagem do praticante anteriormente citado. O PROJETO EQUOTERAPIA EDUCACIONAL utilizar e reproduzir as imagens colhidas em vídeo e foto durante a terapia para divulgação dos benefícios da Equoterapia em material impresso, congressos, atividades educacionais e outros.

Seropédica, ____ de ____ de ____.

Assinatura do responsável

3. LIBERAÇÃO DE DADOS

Eu, responsável _____

autorizo

não autorizo

A equipe multiprofissional do PROJETO EQUOTERAPIA EDUCACIONAL, a utilizar os registros e as avaliações do praticante já mencionado para estudo e pesquisas científicas.

Seropédica, ____ de ____ de ____.

Assinatura do responsável

ANEXO G – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Orientador Educacional



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE
ENSINO



TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO

**Senhor (a) Orientador Educacional Pedagógico da Escola CAIC Paulo Dacorso
Filho/UFRRJ**

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA NA ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora *FRANCELINA DE QUEIROZ FELIPE DA CRUZ* do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como a Equoterapia pode ser uma prática colaborativa pedagógica para enriquecer as experiências de escolarização do aluno com TEA.

Esclarecemos ainda que tal pesquisa está inserida no Projeto Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ, no conjunto dos Projetos *“A equoterapia no contexto inclusivo do aluno especial: um ambiente educacional e heterogêneo para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar”* & *“Equoterapia educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola”* ambos sob a responsabilidade, coordenação e orientação do profº Drº José Ricardo da Silva Ramos UFRRJ/DTPE.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora para observação do aluno em situações de ensino e aprendizagem, o seu cotidiano escolar, entrevistas e investigar estratégias pedagógicas no *Atendimento Educacional Especializado na Prática Inclusiva e Colaborativa em Equoterapia*. Na sua participação você submetido a entrevistas, gravações, filmagens, observações e discussões da escolarização do aluno com TEA. Os resultados da pesquisa serão publicados em Pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Você não terá nenhuma demanda e/ou ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os benefícios serão para conhecermos melhor a síndrome, buscar estratégias de ensino e aprendizagem para esta população com TEA, investigar o que é autismo para a escola, identificarmos projetos de escolarização para alunos com TEA via o paradigma da inclusão. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Livre Consentimento ficará com as partes envolvidas na pesquisa, o responsável direto da criança e uma cópia junto a Unidade Escolar na Pasta de documentação do Aluno.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com **Drº José Ricardo da Silva Ramos – Orientador (21) 3787-3741 PPGEA/UFRRJ** e **Mst. Francelina de Queiroz Felipe da Cruz – Pesquisadora email: franceqfcruz@oi.com.br, (21) 971061-397 ou 3787-3741 PPGEA/UFRRJ.**

Ciente de tais formalidades e de acordo com os termos acima mencionados, para prosseguimento da pesquisa, solicitamos assinatura de Livre Consentimento e Esclarecido, ficando as partes comprometidas com a assinatura do TERMO DE ENCERRAMENTO DA REFERIDA PESQUISA.

Seropédica, de de 2015

Eu _____ declaro estar ciente e aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, aps ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura

Número do CPF ou RG

ANEXO H – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Professor Regente I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE
ENSINO



TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO

**Senhor (a) Professor Regente da Turma do 1º Ano do CAIC Paulo Dacorso
Filho/UFRRJ**

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA NA ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora *FRANCELINA DE QUEIROZFELIPE DA CRUZ* do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como a Equoterapia pode ser uma prática colaborativa pedagógica para enriquecer as experiências de escolarização do aluno com TEA.

Esclarecemos ainda que tal pesquisa está inserida no Projeto Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ, no conjunto dos Projetos “*A equoterapia no contexto inclusivo do aluno especial: um ambiente educacional e heterogêneo para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar*” & “*Equoterapia educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola*” ambos sob a responsabilidade, coordenação e orientação do profº Drº José Ricardo da Silva Ramos UFRRJ/DTPE.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora para observação do aluno em situações de ensino e aprendizagem, o seu cotidiano escolar, entrevistas e investigar estratégias pedagógicas no *Atendimento Educacional Especializado na Prática Inclusiva e Colaborativa em Equoterapia*. Na sua participação você submetido a entrevistas, gravações, filmagens, observações e discussões da escolarização do aluno com TEA. Os resultados da pesquisa serão publicados em Pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Você não terá nenhuma demanda e/ou ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os benefícios serão para conhecermos melhor a síndrome, buscar estratégias de ensino e aprendizagem para esta população com TEA, investigar o que é autismo para a escola, identificarmos projetos de escolarização para alunos com TEA via o paradigma da inclusão. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Livre Consentimento ficará com as partes envolvidas na pesquisa, o responsável direto da criança e uma cópia junto a Unidade Escolar na Pasta de documentação do Aluno.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com **Drº José Ricardo da Silva Ramos – Orientador (21) 3787-3741 PPGEA/UFRRJ** e **Mst. Francelina de Queiroz Felipe da Cruz – Pesquisadora email: franceqfcruz@oi.com.br, (21) 971061-397 ou 3787-3741 PPGEA/UFRRJ.**

Ciente de tais formalidades e de acordo com os termos acima mencionados, para prosseguimento da pesquisa, solicitamos assinatura de Livre Consentimento e Esclarecido, ficando as partes comprometidas com a assinatura do TERMO DE ENCERRAMENTO DA REFEREIDA PESQUISA.

Seropédica, de de 2015

*Drº José Ricardo Silva Ramos Mts. Francelina de Queiroz Felipe da Cruz
Orientador Pesquisa UFRRJ/PPGEA* *Pesquisadora CAPES/PPGEA*
Coordenador Geral *Membro da Equipe Multidisciplinar*
Projeto de Equoterapia UFRRJ *do Projeto de Equoterapia UFRRJ*

Eu _____ declaro estar ciente e aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura

Número do CPF ou RG

ANEXO I – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Professor Regente II



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE
ENSINO



TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO

Senhor (a) Professor Regente da Turma do Pré Escolar do CAIC Paulo Dacorso Filho/UFRRJ

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA NA ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora *FRANCELINA DE QUEIROZ FELIPE DA CRUZ* do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como a Equoterapia pode ser uma prática colaborativa pedagógica para enriquecer as experiências de escolarização do aluno com TEA.

Esclarecemos ainda que tal pesquisa está inserida no Projeto Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ, no conjunto dos Projetos “*A equoterapia no contexto inclusivo do aluno especial: um ambiente educacional e heterogêneo para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar*” & “*Equoterapia educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola*” ambos sob a responsabilidade, coordenação e orientação do profº Drº José Ricardo da Silva Ramos UFRRJ/DTPE.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora para observação do aluno em situações de ensino e aprendizagem, o seu cotidiano escolar, entrevistas e investigar estratégias pedagógicas no *Atendimento Educacional Especializado na Prática Inclusiva e Colaborativa em Equoterapia*. Na sua participação você submetido a entrevistas, gravações, filmagens, observações e discussões da escolarização do aluno com TEA. Os resultados da pesquisa serão publicados em Pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Você não terá nenhuma demanda e/ou ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os benefícios serão para conhecermos melhor a síndrome, buscar estratégias de ensino e aprendizagem para esta população com TEA, investigar o que é autismo para a escola, identificarmos projetos de escolarização para alunos com TEA via o paradigma da inclusão. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Livre Consentimento ficará com as partes envolvidas na pesquisa, o responsável direto da criança e uma cópia junto a Unidade Escolar na Pasta de documentação do Aluno.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com **Drº José Ricardo da Silva Ramos – Orientador (21) 3787-3741 PPGEA/UFRRJ e Mst. Francelina**

de Queiroz Felipe da Cruz – Pesquisadora email: franceqfcruz@oi.com.br, (21) 971061-397 ou 3787-3741 PPGEA/UFRRJ.

Ciente de tais formalidades e de acordo com os termos acima mencionados, para prosseguimento da pesquisa, solicitamos assinatura de Livre Consentimento e Esclarecido, ficando as partes comprometidas com a assinatura do TERMO DE ENCERRAMENTO DA REFEREIDA PESQUISA.

Seropédica, de de 2015

Drº José Ricardo Silva Ramos
Mts. Francelina de Queiroz Felipe da Cruz
Orientador Pesquisa UFRRJ/PPGEA *Pesquisadora CAPES/PPGEA*
Coordenador Geral *Membro da Equipe Multidisciplinar*
Projeto de Equoterapia UFRRJ *do Projeto de Equoterapia UFRRJ*

Eu _____ declaro está ciente e aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura

Número do CPF ou RG

ANEXO J – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Responsável pelo Aluno



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE
ENSINO



TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO

Senhor (a) Responsável pelo aluno _____

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA NA ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora *FRANCELINA DE QUEIROZFELIPE DA CRUZ* do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como a Equoterapia pode ser uma prática colaborativa pedagógica para enriquecer as experiências de escolarização do aluno com TEA.

Esclarecemos ainda que tal pesquisa está inserida no Projeto Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ, no conjunto dos Projetos “*A equoterapia no contexto inclusivo do aluno especial: um ambiente educacional e heterogêneo para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar*” & “*Equoterapia educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola*” ambos sob a responsabilidade, coordenação e orientação do profº Drº José Ricardo da Silva Ramos UFRRJ/DTPE.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora para observação do aluno em situações de ensino e aprendizagem, o seu cotidiano escolar, entrevistas e investigar estratégias pedagógicas no *Atendimento Educacional Especializado na Prática Inclusiva e Colaborativa em Equoterapia*. Na sua participação você submetido a entrevistas, gravações, filmagens, observações e discussões da escolarização do aluno com TEA. Os resultados da pesquisa serão publicados em Pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Você não terá nenhuma demanda e/ou ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os benefícios serão para conhecermos melhor a síndrome, buscar estratégias de ensino e aprendizagem para esta população com TEA, investigar o que é autismo para a escola, identificarmos projetos de escolarização para alunos com TEA via o paradigma da inclusão. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Livre Consentimento ficará com as partes envolvidas na pesquisa, o responsável direto da criança e uma cópia junto a Unidade Escolar na Pasta de documentação do Aluno.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com **Drº José Ricardo da Silva Ramos – Orientador (21) 3787-3741 PPGEA/UFRRJ e Mst. Francelina**

de Queiroz Felipe da Cruz – Pesquisadora email: franceqfcruz@oi.com.br, (21) 971061-397 ou 3787-3741 PPGEA/UFRRJ.

Ciente de tais formalidades e de acordo com os termos acima mencionados, para prosseguimento da pesquisa, solicitamos assinatura de Livre Consentimento e Esclarecido, ficando as partes comprometidas com a assinatura do TERMO DE ENCERRAMENTO DA REFEREIDA PESQUISA.

Seropédica, de de 2015

Drº José Ricardo Silva Ramos
Mts. Francelina de Queiroz Felipe da Cruz
Orientador Pesquisa UFRRJ/PPGEA *Pesquisadora CAPES/PPGEA*
Coordenador Geral *Membro da Equipe Multidisciplinar*
Projeto de Equoterapia UFRRJ *do Projeto de Equoterapia UFRRJ*

Eu _____ declaro está ciente e aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura

Número do CPF ou RG

ANEXO K – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido do Dirigente Escolar



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE
ENSINO



TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO

Senhor (a) Dirigente Escolar CAIC Paulo Dacorso Filho/UFRRJ

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA COLABORATIVA NA ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**”, sob a responsabilidade da pesquisadora *FRANCELINA DE QUEIROZ FELIPE DA CRUZ* do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – *PPGEA*. Nesta pesquisa estamos buscando entender como a Equoterapia pode ser uma prática colaborativa pedagógica para enriquecer as experiências de escolarização do aluno com TEA.

Esclarecemos ainda que tal pesquisa está inserida no Projeto Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ, no conjunto dos Projetos “*A equoterapia no contexto inclusivo do aluno especial: um ambiente educacional e heterogêneo para o desenvolvimento e a aprendizagem escolar*” & “*Equoterapia educacional: reinventando o ensinar e o aprender na escola*” ambos sob a responsabilidade, coordenação e orientação do profº Drº José Ricardo da Silva Ramos UFRRJ/DTPE.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora para observação do aluno em situações de ensino e aprendizagem, o seu cotidiano escolar, entrevistas e investigar estratégias pedagógicas no *Atendimento Educacional Especializado na Prática Inclusiva e Colaborativa em Equoterapia*. Na sua participação você submetido a entrevistas, gravações, filmagens, observações e discussões da escolarização do aluno com TEA. Os resultados da pesquisa serão publicados em Pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - *PPGEA*. Você não terá nenhuma demanda e/ou ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os benefícios serão para conhecermos melhor a síndrome, buscar estratégias de ensino e aprendizagem para esta população com TEA, investigar o que é autismo para a escola, identificarmos projetos de escolarização para alunos com TEA via o paradigma da inclusão. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Livre Consentimento ficará com as partes envolvidas na pesquisa, o responsável direto da criança e uma cópia junto a Unidade Escolar na Pasta de documentação do Aluno.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com **Drº José Ricardo da Silva Ramos – Orientador (21) 3787-3741 PPGEA/UFRRJ e Mst. Francelina**

de Queiroz Felipe da Cruz – Pesquisadora email: franceqfcruz@oi.com.br, (21) 971061-397 ou 3787-3741 PPGEA/UFRRJ.

Ciente de tais formalidades e de acordo com os termos acima mencionados, para prosseguimento da pesquisa, solicitamos assinatura de Livre Consentimento e Esclarecido, ficando as partes comprometidas com a assinatura do TERMO DE ENCERRAMENTO DA REFEREIDA PESQUISA.

Seropédica, de de 2015

*Drº José Ricardo Silva Ramos Mts. Francelina de Queiroz Felipe da Cruz
Orientador Pesquisa UFRRJ/PPGEA Pesquisadora CAPES/PPGEA
Coordenador Geral Membro da Equipe Multidisciplinar
Projeto de Equoterapia UFRRJ do Projeto de Equoterapia UFRRJ*

Eu _____ declaro está ciente e aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura

Número do CPF ou RG

ANEXO L – Roteiro de Entrevista do Anedotário de Campo

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO ANEDOTÁRIO DE CAMPO

DATA: _____ HORÁRIO: _____

A Equoterapia Educacional

As observações, descrições e análises de entrevistas sobre e com a escolarização do Marcos no espaço da Equoterapia, da sala de aula, Educação Física, das atividades inclusivas, as interações do aluno com os agentes escolares: mediadores, bolsistas PIBID, professores, estagiária de apoio pedagógico, os mediadores da Equoterapia, agentes da escola e a família do Marcos a partir da questão central de como a Equoterapia pode ser um recurso pedagógico para enriquecer as experiências de escolarização do aluno com TEA.

A Escolarização do aluno com o Transtorno do Espectro Autista:

Formação? Tempo que trabalha na escola?

O professor, mediador, bolsista ou qualquer agente escolar sabe o que é o Transtorno do Espectro Autista? Conhece especificidades do autismo? Qual a sua idéia sobre autismo?

O agente escolar conhece estratégias específicas para o ensino e a aprendizagem desta população? Tem algum modelo teórico específico? Participa de cursos de capacitação?

O agente escolar trabalha características sócio-educativas como parte da escolarização dos alunos com TEA?

O aluno tem oportunidades de interação entre os agentes escolares e os pares?

O aluno tem atividades de atendimento educacional especializado no contra-turno?

O agente escolar tem respaldos de políticas públicas pelos órgãos governamentais?

O aluno participa das atividades de sala de aula?

Existem contextos mais ou menos segregados na escola?

Existem atitudes segregacionistas entre os colegas e o aluno com TEA?

A Equoterapia colabora com a escolarização do aluno?

A escola sabe lidar com esse tipo de aluno?

Quais são as suas rotinas escolarizadas mais relevantes?

Como são suas atitudes cognitiva, comportamental, emocional mais relevante?

Evidencia nas suas produções conhecer a cultura escolar sistematizada?

Tem independência? Solicita ajudas? Reconhece-se individualmente? Sabe o seu nome? Sabe o nome dos agentes escolares e dos coleguinhas? O aluno reconhece familiares e sabe os seus nomes?

O seu planejamento busca interação com outros setores da escola? Atenta para a prática colaborativa? Sabe com cada agente escolar que cuida da escolarização do Marcos trabalha?

Acompanha o desenvolvimento do aluno como um todo?

Precisa utilizar de metodologias diferenciadas para ensinar o aluno com TEA?

O aluno com TEA se sente incluído na classe regular?

Modifica o seu planejamento? Adapta o currículo formal da escola?

Como o aluno se comporta fora da escola?

Como o aluno faz as tarefas escolares da escola? Brinca na escola? Fora da escola? Quais são as brincadeiras e as rotinas do Marcos fora da escola?

ANEXO M – Ficha de Acompanhamento Pedagógico do Aluno

  FICHA DE OBSERVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO ALUNO EDUCAÇÃO INFANTIL II - ANO <u>2015</u>					
Escola:	<u>E.P.I.C. Dr. Paulo Da Cunha Filho</u>				
Período: Parcial () Integral (x)					
Professor (a):					
Aluno (a):					
Ano de Escolaridade	<u>2º. Infantil</u>	Turma:	<u>II A</u>	Data de Nascimento:	<u>30/06/2010</u>
Filiação:					
Endereço:					
Bairro:			Cidade:		
Como opções para o preenchimento da ficha de observação, sugerimos os seguintes códigos:					
(S) SIM	(AV) AS VEZES	(N) NÃO	(NA) NÃO AVALIADO		
Características físicas, sociais e emocionais.			Bimestres		
			1º	2º	3º
1	Demonstra interesse pelos conteúdos propostos?		S	S	S
2	Faz muitas perguntas?		AV	AV	N
3	Solicita sempre ajuda?		AV	AV	AV
4	Apresenta interesse na aprendizagem?		S	S	S
5	Apresenta desânimo ao realizar as atividades propostas?		N	N	N
6	Identifica e escreve o seu nome?		S	S	S
7	Diferencia letras e números?		S	S	S
8	Diferencia letras nas linguagens oral e escrita?		S	S	S
9	Participa das avaliações orais (leitura individual e coletiva)?		S	S	S
10	Demonstra compreensão da família silábica?		NA	S	S
11	Maneja bem o lápis?		S	S	S
12	Sabe esperar sua vez?		S	S	S
13	Aceita e comprehende regras?		S	S	S
14	Emite recados com clareza?		N	N	AV
15	Seu período de concentração é muito curto em relação ao dos demais alunos?		N	N	N

		Bimestres			
		1º	2º	3º	4º
16	Demonstra responsabilidade com o material escolar?	S	S	S	S
17	É cuidadoso com o material escolar do colega?	S	S	S	S
18	Mostra-se responsável com seus pertences?	S	S	S	S
19	Gosta de brincar de faz-de-conta, imitar, dramatizar?	S	S	S	S
20	Conta e reconta histórias?	N	N	N	N
21	Demonstra atenção na hora do conto?	S	S	S	S
22	Participa da rotina escolar?	S	S	S	S
23	Recusa-se a participar das brincadeiras em grupo?	N	N	N	N
24	Demonstra iniciativa para resolver seus problemas?	N	N	AV	AV
25	É cortês com as pessoas?	S	S	S	S
26	É bem aceito pelos colegas?	S	S	S	S
27	Chora com frequência?	AV	N	N	N
28	Pronuncia palavras com facilidade?	N	N	N	N
29	Demonstra timidez em certas ocasiões?	S	S	AV	AV
30	Partilha seus objetos com boa vontade?	S	S	S	S
31	Apresenta domínio ao fechar e abrir botões e amarrar o cadarço do tênis?	N	N	N	N
32	Demonstra segurança no ambiente escolar?	S	S	S	S

Assinatura do Responsável	
1º Bimestre	
2º Bimestre	
3º Bimestre	
4º Bimestre	



Diretor (a)



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE
Av. Ministro Fernando Costa, 414 – Centro – Seropédica – RJ – Cep 23890-000

ANEXO N – Relatório Pedagógico Evolutivo da Professora



**CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE
CAIC PAULO DACORSO FILHO
CONVÊNIO: UFRJ – PMS**



ANO DE ESCOLARIDADE: EDUCAÇÃO INFANTIL I TURMA:A

PROFESSORA: I

DATA: 08/12/14

RELATÓRIO ALUNO

O aluno teve uma evolução gradativamente nos aspectos sociais e pedagógicos. Reconhece as letras do alfabeto, cores, numerais e a coordenação motora está em desenvolvimento. Cuida do seu material com capricho.

Interage com a turma com menos receio, melhorou seu comportamento e realiza as atividades em seu tempo.

Comunica-se com palavras e pequenas frases. Os demais alunos colaboram envolvendo-o nas brincadeiras e atividades.

Participa da rotina diária proposta para turma, mas, ainda precisa constantemente de ter a professora por perto em todos os momentos e às vezes chora sem motivos.

PROFESSORA

ANEXO O – Produção do Aluno



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

CAIC PAULO DACORSO FILHO

PROGRAMA EQUOTERAPIA INCLUSÃO

Observe o cavalo e copie a suas partes:

Topete LAPETE

Cirra ANIMA

Joelho COELHO

Canela JAELA

Rabo RAPO

Casco LEO

Peito LEIK

Pescoco LES

ANEXO P – Laudo Neurológico

MINISTÉRIO DA SAÚDE
SECRETARIA DE AÇÃO PÚBLICA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE ESPAÇOS SOCIAIS E SAÚDE MÍDIA
HOSPITAL FEDERAL DA FAMÍLIA

NOME: _____

D.N. 10/6/2010

PRONTUÁRIO: 565 507

LAUDO NEUROLÓGICO SUMÁRIO

Paciente em acompanhamento no setor de Neurologia Infantil desta Instituição, com o (s) seguinte(s) diagnóstico(s):

T. Esp. Autista

Não avaliável, contate pr. Mauro este não transmite, não interage. Quando alguma vez a fala faz conversa. Letras Rebotalhe. Dicas Repetidora em demasia.

CID10: F84

Necessita de acompanhamento médico e em equipe multidisciplinar regulares.

Rio de Janeiro, 19 de 5 de 15.

M. Elio Paiva Pires
Neurologia Infantil
CRM RJ 62643-0

Rua Jardim Botânico, N.º 301
Jardim Botânico Rio de Janeiro
(21) 25470-050
Tel. (21) 3111-5230 Fax. (21) 3111-5105

ANEXO Q – Laudo Fonoaudiológico



LAUDO FONOaudiológico

NOME PACIENTE:

DATA DE NASCIMENTO: 10/06/2010

IDADE: 04 ANOS

DATA DA AVALIAÇÃO: 06/03/2014

RESPONSÁVEL:

BREVE RELATO DO CASO CLÍNICO: ENCAMINHADO PELO MÉDICO PEDIATRA e ESCOLA, MÃE RELATA COMO QUEIXA PRINCIPAL ATRASO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL EXPRESSIVA (CRIANÇA FALA POUCO), DESDE O INÍCIO DA FALA. RELATA JÁ ESTAR EM ACOMPANHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO.

IMPRESSÃO FONOaudiológica: EM AVALIAÇÃO DETALHADA OBSERVO SINTOMAS CLÁSSICOS DE EXPECTRO DO AUTISMO – SÍNDROME ASPERGER CID F84, DIFICULDADE DE INTERAÇÃO E COMPREENSÃO, CRIANÇA POUCO COOPERATIVA, ATRASO SIGNIFICATIVO PARA FADIA ETÁRIA, EM AVALIAÇÃO NEUROPEDIÁTRICA CONFIRMA-SE DIAGNÓSTICO Dra. Maria Elisa Pires CRM 52-62643-0.

MENOR em uso de medicação controlada Ritalina 10mg 1/2 comprimido dia.

DECLARO PARA OS DEVIDOS FINES QUE O PACIENTE SUPRACITADO ENCONTRA-SE EM ACOMPANHAMENTO FONOTERÁPICO 1x semana pelo SUS VISANDO:

- ✓ APRIMORAMENTO DA LINGUAGEM ORAL EXPRESSIVA E COMPREENSIVA
- ✓ TRATAMENTO DIRECIONADO AO DIAGNÓSTICO CLÍNICO.
- ✓ SOCIALIZAÇÃO E DIMINUIÇÃO DE ATOS MOTORES REPETITIVOS

Necessário Acompanhamento MULTIDISCIPLINAR e continuidade ao tratamento proposto pelo neurologista.

Recomendações Escolar: Continuar valorizando o processo de aprendizagem, fornecer estímulos favoráveis à capacidade de concentração, a consciência fonológica, a compreensão verbal. Permitir boa localização em sala de aula (longe de portas, ruídos externos), estimular a atenção da criança, considerar a compreensão apresentada.

Disponho-me para quaisquer esclarecimentos pertinentes ao caso.

Dra. Vanessa Barroso
Fonoaudióloga
- Especialista em Linguagem
Especialista em Fonoaudiologia Hospitalar
CRF 13751 / RJ.
Contato: (21) 99954-0307
E-mail: vanessafoo@ymail.com

Dra. Vanessa Barroso
Fonoaudióloga
13751 / RJ
CRF

Silvana P. Machado da Costa
Coordenadora
MATR 9047 PMS

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

Estrada RJ 99, n.º 971 - Piranema - Seropédica - RJ - Cep 23890-000

ANEXO R – Relatório Fonoaudiológico Evolutivo



Estado do Rio de Janeiro.
Prefeitura Municipal de Seropédica
Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil



RELATÓRIO FONOAUDIOLÓGICO EVOLUTIVO

NOME PACIENTE:

DATA DE NASCIMENTO : 10/06/2010

IDADE: 04 ANOS

DATA DA AVALIAÇÃO: 06/03/2014

RESPONSÁVEL:

BREVE RELATO DO CASO CLÍNICO: ENCAMINHADO PELO MÉDICO PEDIATRA e ESCOLA, MÃE RELATA COMO QUEIXA PRINCIPAL ATRASO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL EXPRESSIVA (CRIANÇA FALA POUCO), DESDE O INÍCIO DA FALA. RELATA JÁ ESTAR EM ACOMPANHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO.

IMPRESSÃO FONOAUDIOLÓGICA: EM AVALIAÇÃO DETALHADA OBSERVO SINTOMAS CLASSICOS DE EXPECTRO DO AUTISMO – SÍNDROME ASPERGER CID F84, DIFICULDADE DE INTERAÇÃO E COMPREENSÃO, CRIANÇA POUCO COOPERATIVA, ATRASO SIGNIFICATIVO PARA FAIXA ETÁRIA, EM AVALIAÇÃO NEUROPSIQUIÁTRICA CONFIRMA-SE DIAGNÓSTICO Dra. Maria Elisa Pirez CRM 52-62643-0.

MENOR em uso de medicação controlada Ritalina 10mg 1/2 comprimido dia.

Em : 04 de Maio de 2015

Menor em terapia fonoaudiológica apresenta melhora significativa no aspecto da linguagem oral expressiva, conversa espontaneamente, formula frases, adequação na organização lexical, compreensão cognitiva ao que se é proposto, coordenação motora fina, movimentos de repetição (contidos) e sem episódios de agressividade.

Observo maior articulação, vontade, melodia, equilíbrio após início da equoterapia.

No âmbito da fonoaudiologia não mais necessita de acompanhamento semanal, sendo agora sua terapia quinzenal.

Disponho-me para quaisquer esclarecimentos pertinentes ao caso.

Dra. Vanessa Barroso
Fonoaudióloga
- Especialista em Linguagem
Especialista em Fonoaudiologia Hospitalar
CRF-RJ 13751 / RJ,
Contato: (21) 99954-0307
E-mail: vanessafono@ymail.com

*Dra. Vanessa Barroso
Fonoaudióloga
CRF-RJ 13751 / RJ
02/05/15*

Estrada RJ 99, nº 971 - Piranema - Seropédica - RJ - Cep 23890-000

ANEXO S – Relatório Psicopedagógico



Estrada Rio São Paulo, km 41 – São Jorge, Lote 03, Quadra 5 – Seropédica, RJ
CNPJ: 14.448.503/0002-10-Tel: 99269 3057 \ 98606 0621

Seropédica, 12 de maio de 2015.

Relatório

O menor | (4 anos) é inscrito em nosso Instituto, para intervenção relativa às suas dificuldades de aprendizagem, resultante do Espectro Autismo. Há laudo Neurológico com diagnóstico conclusivo da referida síndrome.

As orientações compreendem: inclusão em uma Unidade escolar, intervenção Psicopedagógica, Terapia Ocupacional (TO) e Fonoaudiológica. Considerando, ainda, os estímulos possíveis a família e a escola.

A intervenção Psicopedagógica tem por objetivo evoluções relativa à estrutura cognoscitiva (memória, percepção, discriminação, concentração e as que são possíveis de alcançar), a interação, a coordenação motora e em todo o processo de construção da leitura e da escrita.

É possível perceber consideráveis evoluções como: melhor interação na relação sócio afetiva, percepção e memória (auditiva e visual), autonomia para algumas ações, concentração e bom desenvolvimento no processo de aprendizagem escolar.

Compreendemos que as evoluções desejadas serão possíveis, associadas aos atendimentos acima orientados.

Coloco-me à disposição para mais informações e estou aberta as orientações necessárias ao bom desenvolvimento de Marcos Paulo.

Atenciosamente,

Elza de Souza Nunes
Elza de Souza Nunes
Pedagogia / Psicopedagogia
REG. 10472 - MEC

ANEXO T – Registro Fotográfico da I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015.



Imagen 1 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015.
Fonte: Acervo Pessoal



Imagen 2 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia



Imagen 3 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia



Imagen 4 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015. Fonte: Acervo Pessoal



Imagen 5 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015. Fonte: Acervo do Projeto de Equoterapia.



Imagen 6 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagen 7 – I Semana Nacional de Conscientização sobre o Autismo em 04 de abril de 2015. Fonte: Acervo Pessoal.

ANEXO U – Cartaz do III Festival de Equoterapia UFRRJ

IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO
TEMA: "A EQUOTERAPIA, A PSICOMOTRICIDADE E O AUTISMO"



24 e 25 de Junho de 2015

-Palestrantes:

· PROF. DR. FERNANDO COPETTI
Coordenador do Projeto de Extensão em Equoterapia do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM.
Autor de vários artigos sobre o tema Equoterapia.

· PROF. DR* VALÉRIA MARQUES (DPSI-IE UFRRJ - Equoterapia da UFRRJ)
Líder do Grupo de Pesquisa em Equoterapia: Campo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Desporto - CNPq

· Depoimentos de pais sobre a Equoterapia da UFRRJ.

· PROF. LINCOLN MACEDO MOREIRA DE OLIVEIRA: Psicomotricista, Terapeuta, Consultor no tratamento especializado do Universo Inspirado pelo Autismo.

· PROF. ULISSES COSTA: Autor do livro "Autismo no Brasil, um grande desafio" Reconhecido no Brasil pela militância social e política da pessoa com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e pela origem da lei 12.764, Lei Berenice Piana.

Dia 24 - Cerimônia de abertura 13h
TEMA: A EQUOTERAPIA, A PSICOMOTRICIDADE E O AUTISMO
Local: Auditório Gustavo Dutra (P1 - UFRRJ)
17h Encerramento e Entrega de Certificados

Dia 25 - PRÁTICA EQUOTERÁPICA PARA AS CRIANÇAS
Local: Picadeiro CAIC Paulo Dacorso Filho/UFRRJ / Horário: 08:30 h

Campus Seropédica - RJ
Coordenação: Centro Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ

INSCRIÇÕES GRATUITAS

Informações e Inscrições:
Sala 21 do IE - UFRRJ
ou E-mail:
inscricao3festivalequoterapia@gmail.com

Apoio:



ANEXO V – Folder do III Festival de Equoterapia UFRRJ

<p>IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO</p> <p>EQUOTERAPIA, PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO</p> <p>FICHA DE INSCRIÇÃO:</p> <p>Nome: _____</p> <p>Endereço: _____</p> <p>Bairro: _____</p> <p>Cidade: _____</p> <p>Estado: _____</p> <p>CEP: _____</p> <p>Tel: _____</p> <p>E-Mail: _____</p> <p>Curso: _____</p> <p>Instituição: _____</p>	<p>Apóio: UFRRJ FAPERJ CAPES PIBID BIEXT/PROEXT</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO</p> <p>INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE ENSINO PSICOMOTRICIDADE (IE-176)</p> <p>Reitora: Ana Maria Dantas Soares</p> <p>Vice Reitor: Eduardo Mendes Callado</p> <p>IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO</p> <p>EQUOTERAPIA, PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO</p> <p>COORDENAÇÃO DO IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO</p> <p>Mais informações: Instituto de Educação e discentes da disciplina PSICOMOTRICIDADE (IE-176) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, INSCRIÇÕES GRATUITAS E LIMITADAS! SERÁ FORNECIDO CERTIFICADO e-mail: inscricao3festivalequoterapia@gmail.com</p> <p>Apóio: UFRRJ FAPERJ CAPES PIBID BIEXT/PROEXT</p>	<p>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro</p> <p>IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO</p> <p>EQUOTERAPIA, PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO</p> <p></p> <p>COORDENAÇÃO DO IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO</p> <p>PERÍODO: 24 e 25 de junho de 2015</p> <p>LOCAL DO ENCONTRO do IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/CAIC PAULO DACORSO FILHO:</p> <p>Auditório Gustavo Dutra da UFRRJ e no Picadeiro Equoterápico do CAIC PAULO DACORSO FILHO</p> <p>INSCRIÇÕES GRATUITAS – E-mail: inscricao3festivalequoterapia@gmail.com</p> <p>Informações: DTEPE- Instituto de Educação da UFRRJ</p>
--	---	--

APRESENTAÇÃO

O IIIº Festival de Equoterapia da UFRRJ/CAIC – Paulo Dacorso Filho: "Equoterapia, Psicomotricidade e Autismo" deseja agenciar discussões, debates e reflexões em torno dos assuntos pertinentes desses temas como prática de intervenção (terapêutica, pedagógica ou na área da pesquisa) dentro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O Encontro incorporará temáticas sobre esses temas e a sua articulação com diferentes áreas. Procurará ampliar o debate em diferentes áreas do conhecimento na perspectiva da discussão de concepções científicas, terapêuticas, políticas sobre o Autismo numa extensão interdisciplinar e emancipatória.

Nossos interlocutores para esse evento serão professores doutores, terapeutas e representantes de áreas distintas da Psicomotricidade, da Equoterapia e da militância social e política da criança autista. O objetivo do encontro é reunir os interessados em tratar o tema acima exposto a partir de palestras e debates da inclusão da criança do Transtorno do Espectro Autista dentro da intervenção (terapêutica, pedagógica ou na área da pesquisa) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O encontro será promovido pelo Centro Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ. Esse projeto de extensão universitária está sendo constituído pelos discentes da turma de Psicomotricidade da UFRRJ com o apoio da FAPERJ, CAPES, PIBID, BIEXT/PROEXT.

PROGRAMAÇÃO:

Quarta-feira, 24/06/2015:
AUDITORIO GUSTAVO DUTRA UFRRJ
(P1 - GUSTAVÃO)
13:00 horas - Credenciamento e Cerimonial
13:30 horas - 17:00 horas Palestra:
"EQUOTERAPIA, PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO"

Palestrantes: PROF. DR. FERNANDO COPETTI
Coordenador do Projeto de Extensão em Equoterapia do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM.

Autor de vários artigos sobre o tema Equoterapia. PROF. DRª VALÉRIA MARQUES (DPSI-IE UFRRJ - Equoterapia da UFRRJ). Líder do Grupo de Pesquisa em Equoterapia: Campo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Desporto - CNPq

DEPOIMENTOS DE PAIS SOBRE A EQUOTERAPIA DA UFRRJ

PROF. LINCOLN MACEDO MOREIRA DE OLIVEIRA: Psicomotricista, Terapeuta, Consultor no tratamento especializado do Universo Inspirado pelo Autismo.

PROF. ULISSSES COSTA: Autor do livro "Autismo no Brasil" Reconhecido no Brasil pela da militância social e política da pessoa com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

PROGRAMAÇÃO INTERATIVA

**Quinta feira: 25/06/15 - 08:00 horas – 11:00. IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/ CAIC
PAULO DACORSO FILHO**
Local: Piaçadeiro Equoterápico do CAIC
PAULO DACORSO FILHO

13:00 horas – Encerramento.

COORDENAÇÃO: Centro Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ

IIIº FESTIVAL DE EQUOTERAPIA DA UFRRJ/ CAIC PAULO DACORSO FILHO
"EQUOTERAPIA, PSICOMOTRICIDADE E AUTISMO"

VAGAS LIMITADAS
GARANTA LOGO A SUA!
FAÇA SUA INSCRIÇÃO COM OS

ALUNOS DE
PSICOMOTRICIDADE,
NA SECRETARIA DO DTPE.
Comissão Organizadora:
Alunos de Psicomotricidade
da UFRRJ (IE-176)

E-mail:
inscricao3festivaldequoterapia@gmail.com

ANEXO W – Cartaz do IV Festival de Equoterapia UFRRJ

IV FESTIVAL DE EQUOTERAPIA UFRRJ
CAIC PAULO DACORSO FILHO

TEMA: “APRONTEM OS CAVALOS PARA MAIS UMA CONQUISTA”



Illustration: *desenho: Carol Bento*

31 de agosto e 01 de setembro de 2016

Palestrantes:

- SERGIO DE SOUZA CIRILLO
Vice-presidente da ANDE-BRASIL
- PROF. DR. CARLO SCHMITT
Psicólogo. Professor da Universidade Federal de Santa Maria. Atua nas áreas de educação e psicologia, com ênfase em Transtornos do Espectro do Autismo.
- PROF. DR. CARLOS AMARAL
Fisioterapeuta. Professor de Equoterapia da Universidade Salgado de Oliveira Coordenador da Equoterapia do Centro de Hipismo Montes Verdes.
- PROF. DR. VALÉRIA MARQUES
(DPSI-IE UFRRJ - Equoterapia da UFRRJ) Psicóloga. Centro Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ Líder do Grupo de Pesquisa em Equoterapia: Campo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Desporto – CNPq

Dia 31 de Agosto Cerimônia de Abertura 13 horas
Equoterapia no Brasil: desafios e conquistas
Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Dia 01 de Setembro Horário: 08:30 horas
A Interdisciplinaridade na Equoterapia da UFRRJ:
A Zootecnia na Equoterapia da UFRRJ
A Engenharia Agronômica na Equoterapia da UFRRJ
A Medicina Veterinária na Equoterapia da UFRRJ
A Educação Física na Equoterapia da UFRRJ
A Psicologia na Equoterapia da UFRRJ
Local: Auditório Gustavo Dutra (Gustavão)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

VIVÊNCIA EQUOTERÁPICA - Local: Picadeiro da Adur

INSCRIÇÕES GRATUITAS

Informações e Inscrições:
Sala 21 do IE - UFRRJ
ou E-mail:
inscricao4festivaldequoterapia@gmail.com

Equoterapia UFRRJ

APOIO:



ANEXO X – Atividade de Integração da Equoterapia

PROGRAMA INTEGRADOR DA EQUOTERAPIA

Aluno _____

Adaptação de um Formulário para protocolar o desenvolvimento emocional segundo Henri Wallon

A criança imita?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Tem domínio corporal das situações?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Representa sua inteligência no discurso verbal?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Tem independência motriz?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Autodisciplina motriz?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Apresenta expressões emocionais?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Sistematiza exercícios sensórios motores?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Representa papéis?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Preserva o sincretismo motriz?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Possui atenção seletiva?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Explora o ambiente através da locomoção?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Tem inteligência das suas emoções

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

Tem independência do EU?

() SIM () NÃO

CONSIDERAÇÕES

ANEXO AA – Plano de Aula

CAIC Paulo Durcoso Filho

Equoterapia Educacional

Programa: Inclusão

Mediadores: Altair Cabral Junior

Geandre Vitor de Abreu

Giovani de Castro Lopes

Juliana Barcelos

Lucas Bard

Marcelo Bruno

Turma: 9h10 às 9h50min

Local: Picadinho Paulo Durcoso Filho - Método Teacch: Tratamento e educação de crianças autistas e com problemas de comunicação correlatos.

Plano de Aula

Objetivos Específicos:

- Buscar a concentração dos alunos nas imagens com as fases da aula (conceitual);
- Discriminar as figuras centrais das atividades do dia (procedimental);
- Trabalhar o interesse pelas atividades centrais (atitudinal);
- Imitar corporalmente as atividades de rotina de aula do dia (procedimental);

Tempo	Procedimentos metodológicos	Meios e recursos
5min	- Os professores receberão os alunos com um abraço, e um bom dia; - Atividades discentes: os alunos procurarão cumprimentar os professores com um abraço.	
5min	- Os professores reunirão os alunos na rolinha inclusiva e apresentarão para eles as atividades do dia.	

10min	<ul style="list-style-type: none"> - Roda inclusiva: com os alunos reunidos na roda os professores começarão a cantoria: “Alô, bom dia, como vai você? O meu nome é ... e o seu? ”. O aluno citado pelo professor deverá também cantar a música e indicar um novo colega. - Depois de cantada essa música, outras poderão ser cantadas, como: “É de orangotango, é de carrapicho! Coloca o ... na lata do lixo! ”. Nessa brincadeira o aluno citado deverá ir para o meio da roda. 	
20 a 25min	<ul style="list-style-type: none"> - Montaria: os professores cuidarão de colocar os alunos praticantes sobre o cavalo em que eles escolherem; - Cada aluno deverá executar o circuito pedagógico com atividades de “aviãozinho”, “foguetinho”, bola ao aro, atividades espelho e escrita do nome. - 1^a Estação: os alunos realizarão movimentos em cima do cavalo ao sinal do professor como: “aviãozinho” e “foguetinho” - 2^a Estação: os alunos deverão acerta as bolas dentro dos bambolês; - 3 Estação: os escreverão o nome em um quadro. 	 <p>Outras imagens das atividades durante a montaria estão em anexo.</p>
10min	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão - Roda inclusiva: Os professores solicitarão de novo a reunião na rodinha inclusiva em que comentarão a aula do dia e discutirão com os alunos a sequência de atividades por eles vivenciadas; 	

Anexo

Imagens das atividades durante a montaria:



814312078 fotosearch.com ©

Fazer aviôzinho



Durante a montaria as crianças escreverão o seu nome.